

NATAN FERREIRA DE CARVALHO

**A MUDANÇA NOS MEIOS DE VIDA DAS FAMÍLIAS DE PEDRA
NEGRA ATINGIDAS PELA CONSTRUÇÃO DA USINA
HIDRELÉTRICA DO FUNIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2013

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

T

C331m
2013

Carvalho, Natan Ferreira de, 1984-

A mudança nos meios de vida das famílias de Pedra Negra atingidas pela construção da Usina Hidrelétrica do Funil / Natan Ferreira de Carvalho. – Viçosa, MG, 2013.
xi, 155 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Douglas Mansur da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 152-155.

1. Barragens e açudes - Aspectos sociais. 2. Família.
3. Mudança de vida. 4. Mudança social. 5. Licenças ambientais.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Rural. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural.
II. Título.

CDD 22. ed. 304.8

NATAN FERREIRA DE CARVALHO

**A MUDANÇA NOS MEIOS DE VIDA DAS FAMÍLIAS DE PEDRA
NEGRA ATINGIDAS PELA CONSTRUÇÃO DA USINA
HIDRELÉTRICA DO FUNIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Aprovada em 04 de julho de 2013.

Prof. Marcelo José Oliveira

Prof. Marcelo Leles Romarco de Oliveira

Prof. Douglas Mansur da Silva
(orientador)

Meu Rio Grande

Vais calar meu Rio Grande
Suas cachoeiras serão sufocadas
Por cima de pedras gigantes
Seu barulho que se ouvi de longe
Tudo isso não ouviremos mais
Escutaremos apenas os seus ais
Logo abaixo em corredeiras serenas
Comadreando com pedras pequenas não mais serão vistas
Rio Grande, meu Rio Grande, não lamente seu destino
Tudo no mundo tem sua sina, não vais morrer meu rio
Vais acionar grandes turbinas iluminar lares e cidades
Não chore meu Grande Rio, pois este lago que de agora nunca mais vai igualar aos
encantos teus
Pois foi feito pelo homem, e tu meu Rio Grande foi feito por Deus.

Milton Ferreira de Carvalho

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a toda minha família, especialmente meus pais e meus irmãos, que sempre me deram a maior força e todo suporte necessário para a realização dessa dissertação. Amo a todos.

Agradeço também a minha companheira e a todos os amigos e colegas do mestrado em Extensão Rural, com os quais passei momentos inesquecíveis durante o curso.

Gostaria também de agradecer aos professores do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural, em especial a meu orientador Douglas Mansur da Silva, a France Maria Gontijo Coelho e ao professor Marcelo Romarco que contribuíram mais diretamente no processo de construção desta dissertação. Agradeço também ao grupo MEIOS e ao PACAB que me proporcionaram espaços de experiência e reflexão em equipe que contribuíram muito para o amadurecimento de minhas ideias.

Agradeço também ao Itamar, a Rosana, a Kenia e ao Otávio pela paciência e carinho com que me acolherem durante o trabalho de campo.

Por fim, agradeço a todas as famílias do bairro Pedra Negra pela hospitalidade com que me receberam.

BIOGRAFIA

NATAN FERREIRA DE CARVALHO, filho de Humberto Ferreira de Carvalho Neto e Maria Emília Moreira, nasceu em 15 de junho de 1984, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Coursou a maior parte do ensino fundamental e médio no Colégio Santo Agostinho, na cidade natal. No ano de 2004, iniciou sua graduação no curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Durante a graduação participou como integrante (2006 a 2009) e bolsista PROBIC/FAPEMIG (durante o ano de 2009) na pesquisa intitulada “Formas Alternativas de Resolução de Conflitos em Belo Horizonte: mapeando um campo, seus dilemas e seus valores”, coordenada pelo Prof. Dr. Daniel Schroeter Simião. Nos anos de 2009 e 2010 trabalhou nos projetos de pesquisa e extensão “Mapa dos Conflitos Ambientais no estado de Minas Gerais” e “Cidadania e Justiça Ambiental: conflitos ambientais na perspectiva dos movimentos sociais”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais – GESTA/UFMG, coordenado pela Prof. Dra. Andréa Zhouri. Em março de 2011 ingressou no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, em nível de mestrado, do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa (UFV) onde trabalha desde então no Projeto de Assessoria às Comunidades Atingidas por Barragens (PACAB), coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo Leles Romarco. Atualmente trabalha como coordenador da equipe de campo do “Diagnóstico participativo das comunidades atingidas pelos empreendimentos hidrelétricos João Camilo Pena (Emboque) e Tulio Cordeiro (Granada)”, na Zona da Mata Mineira.

SUMÁRIO

Lista de Figuras	vii
Lista de Tabelas	viii
Lista de Gráficos	ix
Siglas	x
Resumo	xii
Abstract	xiii
Introdução	2
O uso do método de “Análise Situacional”	9
O conceito de meios de vida e os métodos utilizados	14
História de Formação de Pedra Negra e a Construção da UHE Funil	20
O ponto de vista legal/jurídico	23
A Política Ambiental Brasileira e o processo de Licenciamento Ambiental	28
O conflito pela apropriação social da natureza no âmbito do processo de licenciamento ambiental.....	31
A construção da UHE Funil	33
O ponto de vista dos atingidos	36
Os programas de Reativação econômica e as Mudanças vividas em relação ao trabalho.. 42	
Os programas de reativação econômica	42
O Projeto de Agricultura	46
O Projeto de Artesanato	48
O Projeto de Culinária.....	52
Os cursos de capacitação oferecidos	58
Mudanças e permanências em relação ao trabalho.....	63
A trajetória de uma família atingida em relação ao tema trabalho.....	72
Conclusão do capítulo	83
Mudanças na Sociabilidade dos moradores	85
Conclusão do capítulo	117
A percepção das mudanças em relação à saúde	118
O trabalho na roça e a alimentação: alimento com “sustança” x alimento “esforçado”	123
Remédio industrial x plantas medicinais.....	129
Práticas mágico-religiosas: Benzeção, Umbanda e Igreja Evangélica	131
A Igreja Evangélica como estratégia possível dentro dos meios de vida da população atingida	137

Conclusão do capítulo	143
Considerações finais.....	144
Referências Bibliográficas	152

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pedra Negra	20
Figura 2: Foto de Pedra Negra	37
Figura 3: Bate papo na antiga comunidade de Pedra Negra	88
Figura 4: Bar na velha Pedra Negra.....	88
Figura 5: Réplica da Estação Ferroviária de Pedra Negra	95
Figura 6: Réplica da Estação Ferroviária de Pedra Negra	96
Figura 7: Casa do João.....	97
Figura 8: Pedra do Bugil	98
Figura 9: Antiga moradora de Pedra Negra cozinhando no fogão a lenha	99
Figura 10: Moradora de Pedra Negra	101
Figura 11: João caminhando em frente ao condomínio.....	107
Figura 12: Condomínio particular abaixo do bairro de Pedra Negra.....	107
Figura 13: Boi construído por João.....	110
Figura 14: Crianças na Velha Pedra Negra.....	111
Figura 15: Congada na velha Pedra Negra	113
Figura 16: Congada na Velha Pedra Negra	114
Figura 17: Rádio Comunitária	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Aspectos positivos e Negativos	85
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Interesses dos Homens	61
Gráfico 2: Interesses das Mulheres	62
Gráfico 3: Interesses dos Adolescentes	62

SIGLAS

AHE FUNIL – Consórcio empreendedor responsável pela UHE Funil, formado pela Companhia Vale do Rio Doce e a Companhia Energética de Minas Gerais

AIA – Avaliação de Impacto Ambiental

ANEEL – Agência Nacional de Energia Elétrica

CEMIG – Companhia Energética de Minas Gerais

CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente

COPAM – Conselho de Política Ambiental

EIA – Estudo de Impacto Ambiental

EMATER/MG – Empresa de assistência técnica e extensão rural de Minas Gerais

EPAMIG – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais

FEAM – Fundação Estadual do Meio Ambiente

FRUTILAVRAS – Associação dos Fruticultores da Região de Lavras

GESTA – Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IIRSA – Iniciativa de Integração da Infra-estrutura Regional Sul-Americana

LI – Licença de Instalação

LO – Licença de Operação

LP – Licença Prévia

MINASLIGAS – Companhia Ferroligas de Minas Gerais

NINJA – Núcleo de Investigação em Justiça Ambiental

ONG – Organização Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PACAB – Projeto de Assessoria às comunidades atingidas por barragens

PCA – Plano de Controle Ambiental

PIB – Produto Interno Bruto

RADA – Relatório de Avaliação de Desempenho Ambiental

RIMA – Relatório de Impacto Ambiental

SEBRAE/MG – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais

SEMAD – Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

SISEMA – Sistema Estadual de Meio Ambiente

SUPRAM – Superintendência Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFV – Universidade Federal de Viçosa

UHE – Unidade de Produção de Energia Hidrelétrica

UNB - Universidade de Brasília

VALE – Companhia Vale do Rio Doce

RESUMO

CARVALHO, Natan Ferreira, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2013. **A mudança nos meios de vida das famílias de Pedra Negra atingidas pela construção da Usina Hidrelétrica do Funil.** Orientador: Douglas Mansur da Silva.

Esta dissertação teve como objetivo principal a tentativa de compreender a mudança nos meios de vida das famílias de Pedra Negra atingidas pela construção da UHE Funil. A ideia consistiu em entender os recursos e as estratégias de vida acionadas por essas famílias antes e depois da construção da usina, buscando analisar também o papel que os programas de compensação, na área socioeconômica, propostos pelo consórcio empreendedor, assumem dentro desta problemática. A partir da análise dos documentos referentes ao processo de licenciamento ambiental do empreendimento, da realização de entrevistas com uma técnica contratada pelo consórcio empreendedor e com alguns atingidos, bem como do trabalho de campo realizado entre as famílias do bairro Pedra Negra da cidade de Ijaci, em Minas Gerais, e que teve como referencia a “Análise Situacional” na forma com que propõe Van Velsen (1987), procuramos analisar as mudanças vivenciadas por essas famílias no que concerne a três temas principais: o Trabalho, a Sociabilidade e a Saúde. Sem ter a possibilidade de participar do processo de forma mais consciente e efetiva, os atingidos da comunidade de Pedra Negra acabaram sendo “levados pelo processo”. Ao perderem a autonomia sobre o seu presente, seu futuro e seu passado, que passam a ser manipulados pelo consórcio empreendedor, dono dos recursos (naturais e culturais, materiais e simbólicos) que serviam como meios de vida para aquelas famílias, seus membros passam a sofrer o ônus de um processo que os transcende, passando também a serem considerados como beneficiários da construção da UHE, um empreendimento que traz consigo o ideal de modernidade e o progresso.

ABSTRACT

CARVALHO, Natan Ferreira, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2013. **The change in the livelihoods of the families affected by the construction of the Hydroelectric Plant of Funil.** Advisor: Douglas Mansur da Silva.

This Work was aimed to understand the change in livelihoods of families from Pedra Negra affected by the construction of the hydroelectric of Funil. The idea was to understand the resources and life strategies driven by these families before and after the construction of the hydroelectric, trying to analyze also the role that compensation programs, in the socioeconomic area, proposed by the consortium AHE Funil, assume within this problematic. From the analysis of the documents relating to the environmental licensing process of the project, the conduction of interviews with a technique employed by the consortium and some people affected by the Dam, as well as the field work released with the families of Pedra Negra, in Ijaci, Minas Gerais, which had as reference the “Situational Analysis” in the way proposed by Van Velsen (1987), we analyzed the changes experienced by these families in three main topics: Work, Sociability and Health. By not being able to participate in the process in a more conscious and effective way, the affected community of Pedra Negra ended up being “taken by the process”. By losing the autonomy over their present, their past and their future, which were handled by the consortium AHE Funil, owner of the resources (natural and cultural, material and symbolic) that served as a means of living for those families, its members suffered the burden of a process that transcends them, also starting to be considered as beneficiaries of the HPP construction, a project that brings the ideal of modernity and progress.

INTRODUÇÃO

Primeiramente gostaria de falar um pouco sobre os motivos que me levaram à escolha do objeto desta dissertação, que é um desdobramento do trabalho de pesquisa realizado para a monografia apresentada como pré-requisito para a formação em bacharelado no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Durante a graduação me envolvi com diversas atividades acadêmicas, mas à qual me dediquei mais tempo foi uma pesquisa sobre formas alternativas de resolução de conflitos em Belo Horizonte, coordenada por Daniel Simião - hoje professor da UNB - na qual trabalhamos durante três anos, pesquisando dois núcleos de mediação de conflitos administrados pelo programa Pólos de Cidadania, da Faculdade de Direito da UFMG. Os Núcleos estão localizados em duas favelas da capital mineira, Aglomerado Santa Lúcia e Aglomerado da Serra. Nesta última, tivemos a oportunidade de morar durante um mês para realizarmos o trabalho de campo para a pesquisa.

Durante o período em que moramos no Aglomerado da Serra, o que mais me chamou a atenção foi a “ruralidade” presente no lugar. Acredito que isto se deve, entre outras coisas, ao fato de que muitos moradores são pessoas que vieram do interior e de zonas rurais de vários lugares de Minas Gerais, o que, a meu ver, favorecia esse “ar interiorano” e essa forte presença do “rural” no aglomerado. Sempre achei que a vivência no meio rural trazia questões específicas aos seus moradores, questões estas que estariam relacionadas a valores e a um modo específico de enxergar, interpretar e estar no mundo que sempre valorizei. Jogar bola na rua, soltar papagaio, andar de carrinho de rolimã, ficar até tarde da noite batendo papo e “focando” no passeio em frente à casa onde moramos, tudo isso me lembrava a cidade do interior de Minas Gerais, Lavras, onde costumava passar as férias de meio e final de ano.

Na época em que moramos no aglomerado a prefeitura municipal de Belo Horizonte estava implementando o programa Vila Viva, vinculado à Política Municipal de Habitação e que consiste em um conjunto de ações que visam à urbanização, o desenvolvimento social e a regularização fundiária em vilas e favelas do município. Por conta desta política, muitas famílias no aglomerado da serra foram desalojadas e reassentadas no que eles chamavam de “predinhos”, construídos na própria favela como forma de compensar essas famílias. (Duarte et all, 2009).

Desde o início do trabalho de campo nos deparamos com as pessoas comentando - a maioria delas reclamando - sobre a construção destes “predinhos”: questionavam o

fato de terem que morar em “apartamentos que parecem mais uma gaiola de passarinho”, como comentou um morador. Muitos reclamavam do fato de não poderem mais criar alguns animais como porco, galinha, cachorro, e vários outros tão comuns naquela favela. De não poderem construir um puxadinho pra filha ou filho morar perto dos pais depois de casarem, de não poderem mais fazer o churrasquinho na laje, de terem que pagar a conta de luz (a maioria usava o “gato”); enfim, de serem forçados a mudar compulsoriamente, tendo que aprender a viver de outra forma (Ibid).

Este fato me fez lembrar da Comunidade do Funil, localizada às margens do Rio Grande, na divisa dos municípios de Lavras e Perdões no sul de Minas Gerais, onde se situa o “Sítio do Vô”, um pequeno sítio onde passei a maior parte da minha infância e que no ano de 2002 foi atingido pela construção da Usina Hidrelétrica do Funil, provocando a remoção de muitas dessas famílias que moravam às margens daquele rio.

O barramento do Rio Grande fez com que o sítio de meu avô fosse dividido pelas águas do lago que inundou boa parte dos lugares de que me lembro ter brincado quando criança, como o campo de futebol, a casa do empregado, o açude das tilápias, o das traíras, o “corguinho”(onde brincávamos na pinguela e com a argila que tinha lá), o moinho d’água de fazer fubá, a Ponte do Funil, onde íamos a cavalo para comer um peixe, etc... Enfim, a construção da barragem alterou significativamente o dia-a-dia no sítio do meu avô e essas mudanças vividas no lugar acabaram me despertando uma curiosidade de compreender melhor o que havia acontecido com os outros moradores da região que também tiveram suas vidas alteradas a partir da construção da usina. Lembrando-me de todo movimento que tinha na Ponte do Funil, do Vicente, da Bimbarra e das outras praias do Rio Grande, dos pescadores que ali viviam, fiquei me perguntando o que teria acontecido com essas pessoas que viveram toda sua vida na beira do rio e agora tiveram que mudar de lugar, passando a morar na beira do lago, em um local com características bem diferentes.¹

Foi esta inquietação que me motivou a procurar a minha orientadora à época, Andrea Zhouri, que tem uma grande experiência na questão das barragens hidrelétricas e que me apresentou ao GESTA – Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais- onde comecei a trabalhar como voluntário e passei a ter maior contato com a literatura sobre o assunto e com a experiência de extensão.

¹ Lembro-me de certo dia em que estávamos tomando uma cerveja em um bar na nova Comunidade do Funil, quando me surpreendi com o fato de uma lancha estacionar em frente ao bar, tocando um som na maior altura. Não pude deixar de reparar a brutal diferença de quando frequentávamos a antiga Ponte do Funil; mudaram-se as pessoas, os jeitos, o ambiente...

O objetivo central da monografia consistiu em tentar compreender a forma com que os programas de compensação propostos pelo consórcio AHE Funil foram construídos, implementados e como, hoje, eles são percebidos e vividos pelos pescadores da Comunidade do Funil atingidos pela hidrelétrica de mesmo nome. A partir da análise dos documentos referentes ao processo de licenciamento ambiental do empreendimento, da realização de entrevistas com os técnicos e com os atingidos, e do trabalho de campo na Comunidade do Funil, o que se pôde perceber foi que, ao tentar compensar o trabalho dos pescadores por meio da piscicultura, o consórcio empreendedor acabou transformando não só o modo de produção destes, mas também sua própria identidade, desconsiderando conhecimentos e saberes tradicionais que se perderam, além de provocar a dependência destes pescadores, que antes exerciam uma atividade autônoma, tendo agora de depender do Consórcio AHE Funil, uma vez que não possuem condições suficientes pra exercer a nova atividade por conta própria.

Foi a partir da realização da monografia que percebi a possibilidade de continuar meus estudos sobre esta temática no mestrado em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Ao ler os objetivos e as linhas de pesquisa do programa de pós-graduação entendi que ali teria espaço para desenvolver minha pesquisa e acabei ingressando com um projeto que pretendia expandir os estudos iniciados na UFMG.

Inicialmente havia cogitado a possibilidade de trabalhar com o ex-professor do programa, Franklin Rothmann, que já tinha trabalhado em parceria com a minha antiga orientadora na assessoria às comunidades atingidas por barragens em Minas Gerais. Porém, logo que entrei ele se aposentou. Apesar disso, tive a ótima oportunidade de trabalhar no Projeto de Assessoria às Comunidades Atingidas por Barragens (PACAB/UFV) que foi coordenado durante muitos anos por ele e que, depois de passar pela professora Junia Marise Matos de Sousa, do Departamento de Economia Doméstica, agora é coordenado pelo professor Marcelo Romarco, também do departamento de pós-graduação em extensão rural da UFV. As experiências que tive no Gesta e que estou tendo agora no PACAB foram fundamentais para ampliar meus conhecimentos e experiências nesta temática.

Ao longo do mestrado o projeto de pesquisa sofreu uma série de modificações, devido à troca de orientadores², de formas de abordagens, tanto teórica quanto

² Aliás, gostaria de agradecer aqui a France que sempre se mostrou interessada pela minha pesquisa e que contribuiu significativamente para sua elaboração. A devolução da monografia sugerida por ela foi uma ótima experiência pra mim e sou muito grato por isso.

metodológica, mas acredito que o pré-campo realizado no final de janeiro e principio de fevereiro de 2012 teve um papel decisivo no rumo tomado pela atual pesquisa. À época já era orientado pelo professor Douglas Mansur e ainda não havíamos decidido qual comunidade, ou comunidades, iríamos pesquisar. Na ocasião, fiquei de fazer uma visita nas três comunidades atingidas pela UHE Funil, bem como realizar um levantamento das principais questões observadas em campo. Fiquei quinze dias na Comunidade do Funil e outros treze no bairro Pedra Negra, em Ijaci.³

A opção por trabalhar especificamente com as famílias do bairro Pedra Negra se deu pelo fato de que aquela comunidade me pareceu ter sofrido uma mudança ainda “mais drástica” do que aquela sofrida na Comunidade do Funil. Pedra Negra, antes localizada no município de Bom Sucesso, era uma comunidade rural que vivia na beira do Rio Grande, no local onde este fazia uma bonita curva. Era um lugar de difícil acesso, aonde as pessoas só chegavam por uma estrada de terra ruim ou pela balsa que vinha de Macaia. Com a construção da UHE Funil, Pedra Negra se transformou em um bairro urbano da cidade de Ijaci.

Na primeira vez em que ouvi falar de Pedra Negra eu era bem pequeno. Durante as férias que passávamos no sítio de meu avô, algumas poucas vezes cheguei a ouvir as pessoas comentando sobre o lugar. Lembro que o nome sempre me chamou a atenção, achava-o diferente, me soava até um pouco “sinistro”. Diziam que tinha uma enorme pedra, de cor negra, próximo ao lugar, que dava nome ao vilarejo. A primeira oportunidade que tive de conhecer Pedra Negra foi em uma cavalgada que fizemos eu, meu pai e meu irmão gêmeo; nós gostávamos muito de andar a cavalo e sempre que podia meu pai nos levava para dar algumas voltas. Os passeios que mais gostávamos era quando percorríamos longas distancias passando por lugares diferentes dos que usualmente costumávamos passar, visitando ambientes desconhecidos por nós; chamávamos isso de cavalgada.

Numa dessas férias meu pai resolveu nos levar à Pedra Negra. Eu era bem novo e não me lembro de todos os detalhes, mas uma imagem que não sai da minha cabeça foi a de quando chegamos no vilarejo, com as ruas todas de terra: me surpreendeu o fato de termos parado os cavalos num lugar, ao longo da rua principal, que não era um curral, mas um estabelecimento para se lidar com animais como bois e cavalos. Não ficamos muito tempo no lugar, mas paramos para comer um pão com salame e

³ Na ocasião não cheguei a visitar o distrito de Macaia, que também foi atingido pela UHE Funil.

tomarmos uma coca-cola em uma vendinha cuja imagem também não me foge à memória. Era uma daquelas típicas vendas/armazéns antigos onde se vendia uma porção de coisas variadas, funcionando também como uma espécie de barzinho.

Depois desse dia não me lembro de ter voltado à Pedra Negra antes da construção da Usina. A outra vez que tive oportunidade de visitá-la, antes do trabalho de campo para o mestrado, à época já como bairro urbano de Ijaci, foi durante a realização de uma pesquisa no âmbito do projeto “Mapa dos Conflitos Ambientais do Estado de Minas Gerais” - parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais (através do GESTA), a Universidade de Montes Claros e a Universidade Federal de São João Del Rei (através do NINJA- Núcleo de Investigação em Justiça Ambiental). Na ocasião, início de 2010, estávamos levantando os conflitos ambientais na região (inclusive na cidade de Bom Sucesso) e chegamos a visitar Pedra Negra, quando tivemos a oportunidade de conversar com alguns moradores e também com uma liderança local.

Assim que chegamos ao bairro, eu e uma colega do GESTA, demos de frente com o que depois ficamos sabendo ser uma réplica da estação ferroviária que existia em Pedra Negra e que hoje funciona como uma espécie de “espaço cultural”. Encontramos várias fotos da velha Pedra Negra e duas senhoras que estavam na estação naquele momento conversaram conosco sobre o processo de mudança. O que me chamou a atenção na fala das senhoras foi a preocupação que demonstravam com a violência, principalmente em relação às crianças. Uma delas relatou que depois da transferência do lugar de moradia elas passaram a ter que lidar com coisas que não estavam acostumadas, como é o caso da polícia, das drogas, disseram que hoje deixam sempre as casas fechadas, e antigamente não era assim. Comentaram que hoje não se pode mais deixar as crianças soltas pelas ruas como costumavam fazer com seus filhos na velha Pedra Negra.

Nessa mesma visita tivemos a oportunidade de fazer uma entrevista com a dona Madalena⁴, líder comunitária que à época morava em Pedra Negra, mas que já se mostrava disposta a mudar devido à agitação, tumulto e barulho que passou a ter que conviver depois da mudança. Sua casa ficava ao lado de um bar que costumava ser bem movimentado nos fins de semana; durante o trabalho de campo no mestrado pude

⁴ Gostaríamos de esclarecer que, com o intuito de preservar a individualidade dos pesquisados, neste trabalho optamos por utilizar de nomes fictícios quando nos referimos aos atingidos. Mantemos os nomes originais apenas dos técnicos contratados pelo consórcio empreendedor.

verificar que ela realmente acabou se mudando de lá por conta disso, voltando a morar no município de Bom Sucesso.

Desde aquele momento Madalena já chamava a atenção para alguns aspectos importantes que também pude observar alguns anos mais tarde durante o trabalho de campo. Ao ser perguntada sobre os programas de reativação econômica desenvolvidos pelo consórcio, ela respondeu que “nada do que é feito aqui dá certo, pela mentalidade das pessoas da roça”; disse que elas não conseguem se acostumar com “o jeito do novo lugar”. Também comentou que houve um processo de desunião entre os moradores e que não havia mais a mesma convivência de antes, falou que “a gente promove festas aqui e as pessoas não participam”. Disse também que a velha Pedra Negra era um lugar bem sossegado, onde todo mundo conhecia todo mundo e que ali no novo bairro o barulho era muito grande, o que acabou com o sossego dos moradores, motivo pelo qual algumas pessoas chegaram a vender suas casas. Por sua vez, aqueles que as compraram faziam “muita bagunça” e acabavam, em suas palavras, “transformando a vida num inferno”.⁵

Uma coisa positiva que ela nos relatou, e que no trabalho de campo para o mestrado pude perceber que essa era mesmo uma visão comum entre os moradores, foi que a velha Pedra Negra era um lugar sem muitos recursos e depois da mudança as famílias atingidas passaram a ter melhor acesso à educação, saúde, infraestrutura, etc... Em relação à questão do trabalho e emprego, Madalena nos disse que o consórcio empreendedor até tentou apoiar à população oferecendo vários cursos; contudo, em sua avaliação, “as pessoas não se acostumaram com as novas atividades, não conseguiam trabalhar juntos, de forma coletiva, e que por isso não aproveitam nada, só querem saber da panha de café”. Nessa época nossa visita foi rápida e não pudemos aprofundar muito sobre essas questões. Foi somente a partir da realização do trabalho de pré-campo, no início de fevereiro de 2012, que pude compreender melhor o processo de mudança vivido pelas famílias de Pedra Negra.

Ao iniciar o trabalho de campo, encontrei um pouco mais de dificuldade em me aproximar das pessoas do que quando fiz a pesquisa na Comunidade do Funil. Quando fui fazer a pesquisa nessa comunidade, o caseiro do sítio de meu avô teve um papel fundamental no sentido de facilitar a minha aproximação junto aos moradores. Como

⁵ Madalena estava particularmente chateada com a situação que estava passando, pois já havia discutido com o vizinho do bar sobre o barulho e já tinha chamado a polícia algumas vezes, mas não tinham resolvido o problema.

ele já conhecia praticamente todo mundo, a minha inserção foi mais tranquila. Além disso, ao ficarem sabendo de quem era neto, que muitos conheciam, eles se mostravam abertos e dispostos a dialogar.

Na Pedra Negra foi diferente, como não conhecia ninguém que mora ou tinha morado no lugar, tive que começar minha aproximação com as famílias atingidas “do zero”, sem ter nenhuma referência que pudesse ajudar. A primeira pessoa com quem conversei foi o Matias, funcionário da prefeitura que trabalha limpando a rua e cuidando dos jardins e praças do bairro. Ele já havia se mudado pra lá antes da construção da usina, logo que passou no concurso para trabalhar na prefeitura. Enquanto conversávamos sobre a velha Pedra Negra ele me mostrou o José, um senhor que estava recolhendo as folhas e limpando a rua de frente a casa onde mora. Matias disse que se tratava de um morador antigo da Pedra Negra e que era uma pessoa muito boa e poderia me explicar melhor aquelas perguntas que eu fazia e ele não estava sabendo me responder. Aproximamo-nos de José e ele se mostrou aberto, disposto a conversar; fiz com ele minha primeira entrevista sobre o processo de mudança vivido pelos atingidos.⁶

Logo que sai de sua casa, ao descer a rua, encontrei com um grupo de pessoas sentado no passeio, conversando. Tentei me aproximar, mas não me deram muito papo, insisti, sentei próximo a eles e fiquei tentando interagir na conversa. Eles se mostraram bastante desconfiados; no entanto, num dado momento passaram dois rapazes que comentaram sobre o jogo de futebol a ser realizado no domingo. Gualberto, que se encontrava do meu lado, disse que estava tentando falar com outros jogadores, para completarem o time. Aproveitei a oportunidade e perguntei a ele a respeito do jogo, ele disse que tinha um time de São Paulo que estava vindo enfrentar o time de Pedra Negra no domingo de manhã, e que se eu quisesse assistir, seria bem vindo.

No domingo fui à Pedra Negra e logo que cheguei no campo encontrei com o José e começamos a conversar. Alguns minutos depois se aproximou o João, que parecia curioso em relação à minha presença e, ao conversarmos, se mostrou bastante aberto, parecia gostar de falar sobre a velha Pedra Negra e a mudança por eles sofrida. Combinamos então de fazer uma entrevista logo após o jogo. Ao final da partida caminhamos até a sua casa onde fui muito bem recebido, fizemos uma ótima entrevista e, depois disso, João e sua família (a Maria, o Mateus e a Lívia) passaram a ser as

⁶ Por atingido me refiro às famílias de Pedra Negra que foram realocadas para o bairro urbano da cidade de Ijaci, que constituem no objeto de estudo desta dissertação. Não vou entrar no mérito da importante discussão em torno do conceito de atingido, categoria que ainda está em disputa e contempla diferentes visões e perspectivas, pois foge dos objetivos aqui propostos.

peças com as quais mais tive contato durante os trabalhos de campo e a partir dos quais comecei a me interagir de forma mais significativa com a comunidade.

Nesta época, depois de conversar com os moradores do bairro, o que mais me chamou atenção foi a riqueza cultural e artística na velha Pedra Negra, principalmente em relação às diversas festas e teatros que eles mesmos organizavam e desenvolviam. Tive a impressão de que apesar de ser um lugar afastado, Pedra Negra tinha uma riqueza tanto natural quanto cultural bastante expressiva. João era um dos que organizavam essas festas e eventos e assim como ele, a maior parte das pessoas comentaram que “hoje em dia não se fazem mais festas como antigamente”, diziam que “aqui o povo estava desunido”.

Fiquei curioso para compreender melhor esse processo de mudança, sobre o que teria mudado em relação aos meios de vida utilizados pelos atingidos depois da construção da UHE Funil, quais teriam sido as alternativas propostas pelo consórcio empreendedor, quais instituições e pessoas participaram do processo de planejamento, construção e execução destas alternativas e se houve, ou não, a participação dos atingidos. Interessei-me por tentar compreender quais foram os efeitos dessa mudança, no que isso afetou, em termos da visão de mundo, as famílias atingidas, e quais foram os recursos e estratégias por eles acionados para garantirem seus meios de vida.

Nesse sentido, o objetivo central da dissertação passou a ser compreender a mudança nos meios de vida das famílias do bairro Pedra Negra atingidas pela construção da Usina Hidrelétrica do Funil. Portanto, a pesquisa se desenvolveu com o intuito de analisar quais eram os recursos e estratégias de vida acionadas por estas famílias antes da construção da usina e quais são os recursos e estratégias acionadas por elas depois de sua construção, procurando perceber também o papel que os programas de compensação, na área socioeconômica, propostos pelo consórcio empreendedor como consequência procedimental do processo de licenciamento ambiental do empreendimento assumem dentro desta problemática.

O uso do método de “Análise Situacional”

Com o objetivo de interpretar os efeitos sociais da construção da UHE Funil por meio da análise das transformações nos meios de vida utilizados pelas famílias do bairro Pedra Negra - inteiramente construído como forma de compensar a inundação do antigo lugar de mesmo nome - utilizou-se, para esta pesquisa, de métodos qualitativos e de

uma escrita etnográfica, ambos legatários de uma tradição de estudos antropológicos. Como sabemos antropólogos com formações teóricas diferentes, coletam diferentes tipos de materiais quando realizam o trabalho de campo e utilizam-se, também, de diferentes métodos para coletá-los. Isso implica em olhares distintos sobre uma mesma realidade, o que torna possível ampla gama de resultados e conclusões distintas a cerca de um mesmo tema ou objeto de pesquisa.

Van Velsen (1987), antropólogo da assim chamada “Escola de Manchester”, depois de demonstrar como isso ocorre em relação a três escolas sucessivas da antropologia inglesa: a “pré-estruturalista”, a “estruturalista” e a “pós-estruturalista”, nos chama a atenção, prioritariamente, sobre o método de pesquisa desenvolvido por Max Gluckman, o “estudo de caso detalhado”, mas que ele prefere chamar de “análise situacional”. Segundo Van Velsen, este método se refere a um tipo específico de informação coletada pelo antropólogo e ao modo como essas informações são usadas na análise. A especificidade deste método de pesquisa diz respeito à incorporação do conflito como algo decorrente dos processos sociais, ao invés de considerá-lo como “anormal” ou patológico, como Durkheim, por exemplo, o considerava.

Segundo o autor, os antropólogos pré-estruturalistas (evolucionistas) interessavam-se por costumes em si, e coletavam os materiais para a sua análise sem levar em conta o contexto social mais amplo em que os mesmos eram produzidos. Além disso, a coleta destes materiais também não requeria necessariamente a observação pessoal do antropólogo, que buscava essas informações junto, principalmente, aos viajantes. Eles não realizavam, portanto, trabalho de campo e, por isso, eram chamados de “antropólogos de gabinete”, justamente por realizarem toda sua pesquisa “sem sair do seu escritório”.

Com o desenvolvimento do método de pesquisa de campo ocorre uma reorientação na antropologia inglesa que passa a ser construída por duas correntes principais: a corrente funcionalista, com Malinowski, e a estruturalista, com Radcliffe-Brown. A ênfase da escola estruturalista se dava mais em relação à morfologia social. Seus adeptos estavam mais preocupados com as questões estruturais que regem as sociedades do que com as ações individuais propriamente ditas. O foco era na análise das relações entre posições sociais ou status sociais dos indivíduos, e não nas relações reais de “João, Maria e José”. Dessa forma, as ações dos indivíduos acabavam ficando submersas nesses “princípios gerais”. Via-se um monte de regras específicas que eram seguidas pelos indivíduos dependendo do lugar ou da posição que ele ocupasse no

sistema de parentesco por exemplo. Assim, se você é um pai de família, espera-se que você aja de determinada maneira, ou se você é um tio, uma prima, um herdeiro, um compadre, em fim, existe sempre uma série de regras de condutas pré-estabelecidas a serem “cumpridas”.

O tipo de abordagem costumeiramente adotado pelos pesquisadores na análise do meio rural brasileiro (particularmente os estudos sobre campesinato), tendem a apresentar essa visão mais macrosocial, preocupada em encontrar esses “princípios gerais” que serviriam como um “norte” para os camponeses. Apenas a título de exemplo, o termo campesinato, que para diversos autores não pode ser considerado um conceito, vem sendo continuamente questionado dentro da academia e tem sido objeto de disputas teóricas que reivindicam a autoridade de inferir quais seriam esses “princípios gerais” e suas características no que diz respeito aos aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais, de valores, etc. Apesar de não haver um consenso referente a tais valores, podemos observar um conjunto de características que normalmente são preferencialmente escolhidas para a análise, como é o caso do conceito de generalidade do campesinato (Redfield, 1964) e do conceito de holismo (Pereira, 2000), escolhas que, a meu ver, acabaram fazendo com que surgisse uma visão homogeneizadora sobre os camponeses.⁷

Nesse sentido, Navarro e Pedroso (2011), ao problematizarem o uso da expressão de agricultura familiar principalmente, mas também de outras como o campesinato, afirmam que, no Brasil, os contingentes populacionais que se enquadrariam nestas categorias foram historicamente romantizados por certos setores da literatura especializada, o que acabou reforçando alguns estereótipos para essa população, que muitas vezes não representam bem o que se pode perceber na vida real.

A meu ver, essa “visão romântica” do campesinato surge em função da escolha de algumas orientações teóricas e metodológicas que privilegiam uma análise mais macrosocial onde a ação concreta dos indivíduos acabam sendo negligenciadas no estudo, ficando submersos em regras ou “princípios gerais” que se acredita orientarem a vida cotidiana dos camponeses.

⁷ Mais uma vez não vou aqui entrar no mérito da discussão a cerca da utilização do termo campesinato, categoria que, assim como a de atingido, também está em disputa.

Na pesquisa feita por Ellen Woortman (1995) sobre o parentesco nas sociedades camponesas essa ideia está bem explícita⁸. O que a autora pretende demonstrar é que “o compadrio é a expressão de uma totalidade que se impõe ao indivíduo; que ele segue regularidades e mesmo regras obrigatórias, engendrando práticas que produzem o grupo social como um todo” (op.cit.:65). Para Woortman, o compadrio em sociedades camponesas “não é uma relação entre indivíduos, mas entre personagens sociais, pré-definidos por uma totalidade, vista não como um conjunto de relações individuais, mas como ‘pessoa moral’ que se sobrepõe ao indivíduo” (Ibid).

O que Van Velsen vai chamar a atenção é que neste tipo de análise não se leva em consideração o fato de que os indivíduos fazem escolhas, entram em conflitos e até mesmo manipulam essas “regras e princípios gerais” de acordo com a sua conveniência. Para este autor, todas as pessoas de uma comunidade podem reivindicar várias maneiras de se relacionarem com qualquer outra pessoa; “um indivíduo pode fazer uma escolha com referência à relação específica de parentesco que deseja utilizar, de acordo com os seus objetivos em uma situação específica” (VAN VELSEN, 1987: 349).

As próprias regras que regem as relações de parentesco, ou outra qualquer, são inclusive, muitas vezes contraditórias entre si. Nesse sentido, uma pessoa, além de ser um pai de família, também é um monte de outras coisas mais - marido, filho, pedreiro, etc... – e as normas que regem esses diferentes campos de ação são, em grande medida, incongruentes e contraditórias. O indivíduo acaba tendo que optar entre essas várias normas contraditórias de acordo com sua conveniência. Este aspecto não é levado em consideração pelos antropólogos estruturalistas, pelo contrário, a ênfase é dada à uniformidade dos dados com algumas possíveis exceções. (Ibid)

No entanto, a cultura não é formada somente por regras ou princípios gerais, ela também é formada por uma série de reações individuais a esses princípios e regras. Estes são traduzidos em prática, são colocados em ação pelos indivíduos, e isso muitas vezes não é levado em conta nestas análises antropológicas. A análise estrutural, portanto, pressupunha uma homogeneidade e uma estabilidade que muitas vezes não existia, o que dificultava a análise do processo de mudança social, como o que ocorre através da influência de uma outra cultura, da introdução de uma nova religião ou da necessidade de relocação do lugar de moradia, como foi o caso da comunidade objeto de estudo desta dissertação.

⁸ Poderia ter escolhido vários outros autores, mas acho que a Ellen Wortman é particularmente explícita neste sentido.

Nesse sentido, Van Velsen afirma que essa visão restrita acabou provocando a reação de alguns antropólogos que começaram então a querer estudar o conflito e os processos sociais de mudança. Surge então o interesse em tentar entender como as pessoas convivem com as normas que são muitas vezes conflitantes entre si. Gluckman chega inclusive a desenvolver o argumento de que as normas conflitantes podem muitas vezes contribuir até mesmo para a coesão social. Assim, a partir do desenvolvimento de estudos pautados por esta nova perspectiva, ocorre uma mudança de ênfase em relação à coleta de dados feita pelos antropólogos. A ênfase deixa de ser nos informantes e passa a ser nos atores. Como afirma Van Velsen:

Assim, registros de situações reais e de comportamentos específicos tem sido transportados dos diários de campo do pesquisador para as suas descrições analíticas não como ilustrações aptas (Gluckman, 1961:7) das formulações abstratas do autor, mas como parte constituinte da análise (VAN VELSEN,1969:360). [grifos meus]

Essa maneira de tratar os dados etnográficos Van Velsen vai chamar de “Análise Situacional”, onde o antropólogo não só apresenta as abstrações e conclusões do seu material, mas chega inclusive a mostrar boa parte do material que foi coletado. Segundo o autor, isso daria mais condições aos leitores de avaliar os resultados a que chegou o pesquisador. Van Velsen afirma que a “crítica à tradição estruturalista reflete mais uma amplificação e uma diferença de ênfase do que uma ruptura radical com esta tradição” (Ibid:361). Para o autor, o quadro de referência estrutural ainda é um pré-requisito para a análise antropológica, mas sua proposta agora é adicionar algo a mais, que é a preocupação com a estética dessa estrutura, com os processos que ocorrem no interior da mesma.

De forma análoga ao que geralmente vem sendo feito em relação aos estudos sobre meios de vida (livelihoods), os antropólogos que trabalham com a “análise situacional” estão mais preocupados em entender as escolhas que os indivíduos fazem do que com a estrutura social em si. Por isso esta abordagem seria bastante útil para entender processos sociais, principalmente aqueles ligados à processos de mudança social. A preocupação, portanto, consiste em analisar estes processos sociais por meio do entendimento da discrepância entre a crença das pessoas, o que elas dizem aceitar, e o seu comportamento real. O que implica numa mudança em relação ao método de pesquisa a ser utilizado.

Para que este novo método seja efetivo, passa a ser necessário registrar as ações de determinados indivíduos específicos durante um período de tempo mais prolongado.

Como afirma Van Velsen, uma investigação deste tipo “requer do etnógrafo um contato mais íntimo com indivíduos durante um período prolongado de tempo e um conhecimento de suas histórias pessoais e de suas redes de relações” (Ibid:367). Além disso, é necessário tratar os indivíduos como indivíduos propriamente ditos, e não como meros ocupantes de um status, posição ou papel social pré-definido.

Tendo em vista o fato de que a preferência por estudos macrossociais com abordagens mais amplas e gerais acabou por fortalecer uma visão das comunidades estudadas como se constituindo de grupos homogêneos, uniformes e estáticos, retirando o lugar da “agência” e colocando-os como meros reprodutores de uma ordem social que os transcende, penso que o método da “análise situacional”, que “visa analisar as inter-relações das regularidades estruturais (universal) de um lado e o comportamento real (único) de indivíduos de outro” (Ibid:371), pode oferecer interessantes insights para o estudo de processos sociais de mudança como os aqui analisados.

O conceito de Meios de Vida e os métodos utilizados

O conceito de meios de vida vem sendo particularmente utilizado para analisar processos de desenvolvimento em países do terceiro mundo, principalmente no continente Africano (Ellis, 2000), por meio da descrição e análise dos diferentes modos com que as pessoas constroem suas formas de vida. O termo, comumente utilizado em relação aos processos do mundo rural, geralmente aborda as diferentes combinações de recursos que a população rural possa utilizar localmente como estratégia para construir suas formas de reprodução social através do trabalho (agrícola e não-agrícola), redes sociais acionadas, conhecimento, tecnologia, emprego, utilização de recursos naturais e outras formas de obtenção de renda (Henbick, 2007).

Henbick chama a atenção para o fato de que a noção de recursos não reflete somente qualidades biofísicas, mas também as relações sociais imbricadas e conectadas com as relações de poder que governam e moldam a realidade específica de acesso e usos dos diversos recursos pelos atores presentes numa determinada configuração social. Neste sentido, para este autor, os meios de vida abarcam mais do que os aspectos econômicos das atividades, tal como um emprego ou a realização de um trabalho específico, eles também remetem aos estilos de vida e as escolhas de valores, status, senso de identidade e formas locais de organização, bem como das estratégias utilizadas a partir da necessidade de resposta a diferentes processos de mudança no meio social

(ibid). Foi a partir desta visão mais ampla e holística dos meios de vida que se desenvolveu o processo de pesquisa desta dissertação.

Partindo da ideia de que as discussões sobre métodos e técnicas de pesquisa somente adquirem relevância no contexto de orientações teóricas específicas e com base em problemas concretos, e diante do intuito de se estudar a mudança nos meios de vida das famílias do bairro Pedra Negra atingidas pela construção da UHE Funil, a presente pesquisa utilizou-se dos métodos desenvolvidos pelos antropólogos pesquisadores da “Escola de Manchester”, da Inglaterra, que procuraram adequar o arsenal antropológico – baseado na coleta de dados microscópicos e detalhados – para a análise de processos de mudança social dentro das chamadas sociedades contemporâneas (Feldman-Bianco, 1987). Mais especificamente, trata-se de uma proposta de estudo de caso detalhado por meio da “análise situacional” (Van Velsen, 1987) do processo de mudança social vivido por estas famílias a partir da construção da usina.

Levando-se em conta o fato de que os meios de vida não são estáticos, fixos, mas se inserem em contextos de heterogeneidade social e se transformam ao longo da vida dos atores que buscam responder aos diversos fatores pelos quais estão expostos e que alteram seus meios de vida (como as mudanças provocadas por alterações climáticas- secas, enchentes, etc.-, a perda de rendimentos por qualquer outra razão ou até mesmo por mudanças estruturais como as provocadas pela construção de uma UHE, como é o caso das famílias aqui estudadas), e tendo em vista a metodologia aqui adotada, o presente estudo teve como foco o indivíduo em relações sociais concretas, mas sem perder de vista as implicações entre processos sociais em múltiplas escalas (local, regional, global).

Nesse sentido, foi necessário a realização de uma pesquisa de campo mais intensa⁹ numa unidade de análise menor, para que se pudesse compreender melhor o comportamento concreto e a prática cotidiana de um número restrito de indivíduos (Ibid). Como argumenta Gomes (2007), a análise e a interpretação dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa não têm como finalidade contar opiniões ou pessoas; seu foco principal é a exploração do conjunto de opiniões e representações sobre o tema a ser estudado.

Neste sentido, adotando uma postura mais qualitativa, procuramos seguir a tradição dos estudos etnográficos buscando a permanência junto às famílias do bairro

⁹ É claro que dentro dos limites impostos pelo curto tempo que compreende a realização do Mestrado.

Pedra Negra, vivenciando parcialmente suas experiências diárias, travando contatos e diálogos para tentar compreender os discursos, as práticas, ações, interações e estratégias assumidas pelos indivíduos, sem a pretensão de abarcar a totalidade de opiniões existentes entre as famílias do bairro Pedra Negra em relação aos temas aqui estudados. Com isso, ao longo do ano de 2012, fizemos algumas visitas ao bairro de Ijaci, tendo permanecido lá por um período de tempo maior durante três momentos distintos: final de janeiro e início de fevereiro; final de julho e início de agosto e durante o mês de novembro, períodos em que pude observar e vivenciar com maior intensidade o cotidiano daquelas famílias.

De forma complementar ao trabalho de campo, fizemos também uma consulta aos arquivos da Superintendência Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Sul de Minas (SUPRAM - Sul de Minas), em Varginha, para analisar os documentos referentes à concessão do licenciamento ambiental da UHE Funil. Além disso, realizamos também entrevistas semiestruturadas com alguns atingidos e com uma técnica que à época da construção da usina foi contratada pelo consórcio empreendedor para fazer o levantamento histórico e cultural das comunidades que seriam atingidas (e que também nos disponibilizou algumas pesquisas que havia feito entre as famílias do bairro Pedra Negra). Estas entrevistas, juntamente com a análise dos documentos, nos permitiram observar como os meios de vida, em períodos de tempo diferentes, foram alterados e quais direções foram adotadas pelos atores, possibilitando um melhor entendimento dos processos macro-micro, dos eventos externos e internos, de forma interativa sobre a vida de determinados indivíduos em circunstâncias específicas, aspectos que Henbick (2007) aponta como fundamentais nos estudos dos meios de vida.

Mas além de fazermos um resgate histórico sobre os meios de vida utilizados pela população antes da construção da barragem e como eles foram alterados a partir da construção da mesma, a utilização do método de “análise situacional”, como proposto por Van Velsen, também nos possibilitou acompanhar mais de perto a trajetória dos membros de uma família específica na busca por garantirem seu sustento durante o ano de 2012, período que compreendeu o primeiro (janeiro) e último campo (novembro). Esta análise, que apresentamos na última parte do segundo capítulo da dissertação, nos ajudou a entender melhor as possibilidades de escolha e uso dos recursos disponíveis no lugar.

No entanto, tendo em vista a grande complexidade dos processos que envolvem os meios de vida de qualquer indivíduo, pertencente a qualquer sociedade, muitos

poderiam ter sido os caminhos adotados para fazer a análise da mudança desses processos na vida das famílias que foram realocadas. Com isso, no intuito de contrapor a limitada tendência de analisar os meios de vida simplesmente como emprego e ganho de salários (formas de obtenção de renda), preferimos adotar uma interpretação mais ampla (holística) do termo, procurando relacionar a escolha dos diversos tipos de recursos utilizados pelos atores para garantirem suas vidas, com a visão de mundo que os orienta, uma vez que esta exerce influência direta nestas escolhas.

A opção por uma interpretação mais ampla dos meios de vida, que abarca uma gama muito vasta de assuntos e temas, fez com que os materiais coletados durante os trabalhos de campo fossem também bastante amplos e contemplassem assuntos que, apesar de inter-relacionados, diferem entre si. Neste sentido, com o intuito de organizar, sistematizar e analisar o material coletado em campo, optamos por fazer uso da técnica de análise de conteúdo, na modalidade temática, da forma como proposto por Gomes, que sugere a seguinte trajetória para este tipo de análise:

Inicialmente procuramos fazer uma leitura compreensiva do conjunto do material selecionado, de forma exaustiva. Trata-se de uma leitura de primeiro plano para atingirmos níveis mais profundos. Nesse momento, deixamo-nos impregnar pelo conteúdo do material. Através dessa leitura buscamos: (a) ter uma visão de conjunto; (b) apreender as particularidades do conjunto do material a ser analisado; (c) elaborar pressupostos iniciais que servirão de baliza para a análise e a interpretação do material; (d) escolher formas de classificação inicial; (e) determinar os conceitos teóricos que orientarão a análise. (2007: 91)

Em relação à próxima etapa a ser seguida, dentro dos estudos de Análise de Conteúdo Temática, o autor salienta:

Na segunda etapa, realizamos uma exploração do material. Tratamos aqui da análise propriamente dita. Nesse momento, procuramos: (a) distribuir trechos, frases ou fragmentos de cada texto de análise pelo esquema de classificação inicial (escolhido na primeira etapa); (b) fazer uma leitura dialogando com as partes dos textos da análise, em cada classe (parte do esquema); (c) identificar, através de inferências, os *núcleos de sentido* apontados pelas partes dos textos em cada classe do esquema de classificação; (d) dialogar os *núcleos de sentido* com os pressupostos iniciais e, se necessário, realizar outros pressupostos; (e) analisar os diferentes *núcleos de sentido* presentes nas várias classes de esquema de classificação para buscarmos temáticas mais amplas ou eixos em torno dos quais podem ser discutidas as diferentes partes dos textos analisados; (f) reagrupar as partes dos textos por temas encontrados; (g) elaborar uma redação por tema, de modo a dar conta dos sentidos do texto e de sua articulação com o(s) conceito(s) teórico(s) que orienta(m) a análise. Nessa redação podemos entremear partes dos textos de análise com nossas conclusões, dados de outros estudos e conceitos teóricos. (Ibid)

Neste sentido, a partir desta análise do material coletado durante os trabalhos de campo, selecionamos três temas centrais que contemplam aqueles assuntos mais comentados entre os atingidos no que se refere ao processo de mudança por eles sofridos a partir da construção da UHE Funil. Foram eles: o tema do Trabalho, o da Sociabilidade e o da Saúde, discutidos, respectivamente, no segundo, terceiro e quarto capítulos desta dissertação. No primeiro capítulo, com o intuito de “trazer o leitor” para dentro do cotidiano vivido pelos atingidos antes da construção da usina, apresentamos um pequeno apanhado histórico sobre a formação do antigo arraial de Pedra Negra e depois falamos sobre o processo de implantação da UHE Funil, apresentando dois pontos de vista em torno deste processo: o ponto de vista legal/jurídico, onde analisamos a formação do arcabouço jurídico que regulamenta a implementação deste tipo de empreendimento no Brasil e, mais especificamente, no Estado de Minas Gerais; e o ponto de vista dos próprios atingidos, ou seja, como eles vivenciaram, perceberam e interpretaram tal processo.

No segundo capítulo apresentamos uma discussão a cerca das mudanças sofridas pelos atingidos em termos do tema Trabalho. Inicialmente, discutimos a efetividade, ou não, dos Programas de Reativação Econômica propostos pelo consórcio empreendedor como forma de compensação e depois mostramos as permanências e mudanças no trabalho exercido pelas famílias antes e depois da construção da usina, bem como seus efeitos sociais. Ao final do capítulo, como já nos referimos, fazemos uma análise da trajetória dos membros da família nuclear de João na busca por trabalho, procurando entender os recursos por eles acionados, durante o ano de 2012, para garantirem seus meios de vida.

No terceiro capítulo fazemos uma análise em torno da mudança sofrida em termos do que chamamos de sociabilidade, que engloba questões bastante amplas como o lazer, a relação com os vizinhos, a arquitetura do bairro urbano de Ijaci, etc. Já no quarto e último capítulo, apresentamos uma discussão em torno da questão da Saúde, que foi o principal tema abordado pelos atingidos quando questionados em relação ao processo de mudança por eles vivido. É importante dizermos aqui que a análise dos respectivos temas foi feita com base na interpretação do presente vivenciado pelos atingidos, mas a partir de uma constante comparação em relação à forma com que eles viviam no passado, antes da construção da usina. A título de conclusão e partindo das discussões feitas ao longo da dissertação, finalizamos fazendo uma reflexão que aponta para a necessidade de se repensar a forma com que os projetos de desenvolvimento vêm

sendo implementados nos últimos anos no Brasil e sugerimos também algumas possíveis alternativas que julgamos serem mais efetivas do ponto de vista social.

1. HISTÓRIA DE FORMAÇÃO DE PEDRA NEGRA E A CONSTRUÇÃO DA UHE FUNIL ¹⁰



Poucos quilômetros acima do Funil, Pedra Negra recebeu o nome da enorme formação de granito com 60 metros de altura, próxima à vila. Havia sido formada para ser moradia de escravos quando, por volta de 1800, o engenheiro português Romão Fagundes fugiu para o Brasil por um crime desconhecido e iniciou o garimpo de ouro entre Perdões e Macaia. Algum tempo depois, a família Ferreira de Sá aí se fixou e iniciou plantações de arroz, feijão e milho, lavouras que perduram na região, junto à do café, até os dias atuais.¹¹

O arraial de Pedra Negra, ligado a Bom Sucesso, assim como o distrito de Macaia, surgiu e se consolidou como povoado a partir da implantação da estação ferroviária na região, em 1888. Boa parte da produção agrícola e pecuária do arraial, principalmente café e queijo, mas também polvilho e fumo, entre outros, eram transportados pelo trem (conhecido pelos moradores como “bitolinha”) para as cidades de São João Del Rei, Divinópolis e até mesmo Belo Horizonte. Além da “bitolinha”,

¹⁰ A contextualização histórica aqui apresentada teve como principais referências o trabalho desenvolvido pela Alcione Lopes intitulado “Diagnóstico sócio-artístico cultural de Pedra Negra” e um site (<http://www.registroculturaldofunil.com.br/teste/index.htm>) sobre o levantamento histórico e cultural das comunidades atingidas pela UHE Funil que ainda não foram lançados, mas que tive acesso a partir das entrevistas feitas com a Alcione. Um livro que teve por base o trabalho desenvolvido por ela, pela Silvana de Cássia Lima e pela Ana Regina Nogueira (responsáveis pela elaboração do referido site), sobre o mesmo assunto, também está pra ser lançado pelo consórcio empreendedor.

¹¹ Fotos e texto de Ana Regina Nogueira, disponíveis em: <http://www.anareginanogueira.com.br/Patrimonioconstruido.htm><http://www.anareginanogueira.com.br/Patrimonioconstruido.htm>.

outro importante meio de transporte das mercadorias produzidas em Pedra Negra eram as tropas de burro e a balsa para a travessia do Rio Grande que ligava o povoado a outros municípios da região¹².

A partir da estrada de ferro o povoado cresceu e viveu seu apogeu, chegando a se constituir como um importante centro comercial da região, especialmente para os sítios e fazendas da redondeza, onde existia um grande depósito de café, casas comerciais, armazéns, lojas de tecidos e confecção, padaria, farmácia, igrejas, bares e escola. Outra importante atividade comercial estava ligada à fábrica de queijos, Laticínios Salgado Alves Cia Ltda., criada em 1952 e que ficou famosa na região pela qualidade dos produtos. A implantação da fábrica consumia o leite das fazendas vizinhas e também de outras regiões próximas, e exportava a maior parte da produção para o Rio de Janeiro¹³.

Como comentou Alcione - uma das responsáveis por fazer o levantamento histórico das comunidades atingidas pela UHE Funil - a crise do café nos anos 1960 teria influenciado as atividades comerciais exercidas no arraial, contribuindo para o fechamento dos armazéns, para o fim da linha férrea na região e, conseqüentemente, já em 1970, para o fechamento do laticínio, devido à dificuldade de escoar a produção. Segundo ela e também alguns moradores com os quais conversei, com o fim das atividades da “bitolinha” Pedra Negra passou por um processo de decadência econômica e por uma forte crise, o que fez com que, de tempo em tempo, uma família fosse se mudando da região, fazendo com que a população do lugar fosse diminuindo aos poucos.

Segundo o relato de alguns atingidos, esta crise teria sido potencializada pelos boatos em torno da construção da UHE Funil, que vêm de longa data. Como consta no Diagnóstico Sócio-artístico Cultural de Pedra Negra, ainda a ser publicado e que foi produzido em 2011 por Alcione Lopes, a prefeitura de Bom Sucesso, o governo estadual, os empresários e até mesmo os moradores da região pararam de investir no lugar, temendo perdas em decorrência da construção da usina. Por conta disso, muitos dos serviços básicos de infraestrutura local eram bastante precários. O cemitério, correios, postos policiais e de saúde, linha de ônibus, cartório, etc., eram utilizados no distrito de Macaia e as compras eram feitas na cidade de Bom Sucesso ou Lavras, referências também em relação aos bancos e hospitais (Lopes, 2011).

¹² Disponível em: <<http://www.registrocultural dofunil.com.br/teste/index.htm>>. Acesso em: 12/01/2013

¹³ Ibid.

Apesar da precária infra-estrutura do lugar, Pedra Negra situava-se em uma região de grande beleza natural, às margens do Rio Grande, onde se formavam algumas praias de areia branca que contrastavam com as pedras negras típicas daquele trecho do rio. Na época em que começaram os estudos de licenciamento ambiental do empreendimento, Pedra Negra era composta por 87 residências – 10 de proprietários rurais, 10 de ranchos de passeio e pesca, 32 de aposentados e 35 de trabalhadores rurais sendo que destes, 20 moravam como agregados. A maioria da população trabalhava na “panha de café” e em outros serviços rurais nas grandes fazendas da região que empregavam famílias inteiras, inclusive as crianças, que começavam cedo a ajudar os pais no trabalho na lavoura (Ibid).

Para tentar detalhar um pouco o cotidiano daquelas famílias antes da construção da usina, reproduzo aqui um trecho do caderno de anotações utilizado pela Alcione Lopes durante seus trabalhos com o registro histórico e cultural das comunidades atingidas pela UHE Funil, onde ela procurou resgatar a memória do cotidiano dessas famílias (principalmente a histórica relação entre estes indivíduos e seu habitat) e registrar também seus possíveis agentes culturais. Neste sentido, a partir do trabalho desenvolvido, Alcione chegou a estabelecer uma relação relativamente próxima com a população local. Ela descreve o arraial da seguinte forma:

“Em Pedra Negra as casas se misturam entre moradores e rancheiros, as cercas feitas de taquara de bambu ou arame com mourão, o tijolo de adobe fazia parte das construções; nas portas, bancos feitos de troncos e tábuas, as roupas secando nas cercas e varais feitos de arame farpado formando um colorido. Em frente às casas, tapetes feitos de retalhos e sacos de alinhagem; sobre os muros, latas de folhagens; nos quintais, horta e pomar; nas janelas, mulheres mais idosas olhando o tempo passar, outras sentadas perto das portas nos banquinhos apreciam o movimento calmo; crianças de pé no chão, sem camisa, chupeta na boca, correndo pelo povoado é o que mais se vê, olhares esperto. Ao final da tarde o papo fiado na venda, a sinuca no bar. Nos finais de semana os rancheiros se integram à população local, as músicas nas casas e nos ranchos, os sons se misturam, sertanejo, rock, romântico, pagode...De manhã o futebol, à noite o baile que tinha como característica a presença de todas as faixas etárias: crianças, jovens, idosos dançam juntos e se divertem, todos se conhecem, mas as vezes pessoas que vem de outros lugares é que costumam arrumar confusão, atrapalhando a alegria local.”

Essa descrição do dia-a-dia em Pedra Negra antes da construção da usina se assemelha muito à impressão que tive ao visitar o lugar pela primeira vez e também com a descrição feita pelos próprios moradores em conversas durante o trabalho de campo realizado para a pesquisa. Outro aspecto importante ressaltado pelos atingidos diz respeito ao rio e todo ambiente natural de Pedra Negra. A comunidade ribeirinha se acostumou a viver perto do rio, usufruindo da sua beleza, das praias, suas águas, os

peixes, a mata que o acompanhava e lhe dava ainda mais vida. Enfim, construíram suas vidas junto à dinâmica do rio, que algumas vezes transbordou e causou sérios problemas aos moradores de Pedra Negra. Uma das enchentes bastante comentada é a que ocorreu no ano de 1992, onde muitas famílias perderam suas casas e ficaram durante um bom tempo passando por sérias dificuldades.

No entanto, toda essa dinâmica social foi significativamente alterada a partir do início dos estudos para a implantação da UHE Funil. Com os engenheiros começando a fazer o trabalho, as medições, os técnicos iniciando as conversas com os moradores, o trabalho da própria Alcione e suas colegas procurando registrar as atividades culturais vivenciadas em Pedra Negra, tudo isso acabou mudando a rotina da comunidade. Aliás, como já observamos, o próprio “boato” da possibilidade de implantação da UHE já teria provocado algumas consequências negativas para o lugar, pelo menos essa é a opinião de vários moradores.

Existem diversos pontos de vista, muitas vezes divergentes e conflitantes entre si, acerca do processo de construção da UHE Funil. Com o intuito de facilitar a compreensão por parte do leitor, nesta pesquisa apresentamos alguns desses pontos de vista tomando como referência dois blocos de análise distintos. O primeiro, mais geral, leva em consideração o aspecto legal/jurídico que envolve todo o processo de construção de uma usina hidrelétrica no Brasil, contextualizando especificamente a UHE Funil. Já o segundo aborda o ponto de vista dos próprios atingidos em relação ao processo de construção da usina, ou seja, a forma com que eles relatam suas vivências em relação a este processo.

1.1. O ponto de vista legal/jurídico

Para podermos entender melhor, do ponto de vista legal/jurídico, o processo de construção da UHE Funil, torna-se necessário também termos uma boa compreensão acerca do contexto econômico, político, social e cultural que envolve a construção de usinas hidrelétricas no Brasil e, em particular, no Estado de Minas Gerais. Isto, inevitavelmente, nos remete ao modelo de desenvolvimento que hegemonicamente vem sendo adotado no país.

Este modelo de desenvolvimento, essencialmente capitalista, pautado prioritariamente pelo viés econômico e que tem como premissa a necessidade inquestionável de manter um nível de crescimento econômico anualmente, tem

promovido um investimento cada vez maior em megaprojetos de infraestrutura, especialmente nos de geração de energia elétrica, uma vez que esta apresenta-se como sendo de fundamental importância para a possibilidade de materialização dos desejos e anseios da sociedade moderna.

No entanto, pesquisas nacionais e internacionais têm demonstrado que a instalação destes megaprojetos desencadeia processos socioambientais de extrema complexidade. Como apontam Zhou et al:

Nos últimos anos, temos observado no Brasil a retomada de iniciativas políticas voltadas à viabilidade de projetos de infra-estrutura, como as hidrovias e rodovias que recortam a Floresta Amazônica, a transposição do rio São Francisco no Nordeste, o incentivo ao agronegócio (soja, cana-de-açúcar, eucalipto) no Cerrado e as hidrelétricas em vários estados da federação. Por suas consequências sociais e ambientais, esses empreendimentos lembram a tão criticada política de “integração nacional” do período militar, voltada ao crescimento econômico do mercado interno. A atual retórica oficial, no entanto, deixa entrever pelo menos duas diferenças: i) o crescimento econômico deve ser estimulado para a “integração internacional” ao mercado globalizado, por meio das exportações; ii) para que se “evitem os erros do passado”, mas em atendimento, de fato, às exigências das instituições de crédito internacionais, o planejamento deve ser feito com o envolvimento da sociedade no processo. Por essa via, espera-se alcançar o desenvolvimento “sustentável” (2005: 11).

O Relatório Brundtland, principal documento responsável pela propagação do ideal de Desenvolvimento Sustentável, apresentado à Assembleia Geral das Nações Unidas em 1987, foi o resultado de uma série de seminários sobre “estilos de desenvolvimento” realizados pela ONU devido à crescente preocupação com os problemas ambientais advindos principalmente a partir da adoção, pela maior parte dos países, do modelo capitalista de desenvolvimento econômico. Estes problemas ambientais, que anteriormente eram considerados problemas apenas dos países ricos e um efeito colateral do processo de industrialização, tornam-se um problema global a partir do reconhecimento de que as consequências dos danos ambientais não se restringem a fronteiras artificialmente construídas (Estado Nação).

Para dar conta desta problemática a ONU, com a ajuda de suas Comissões Econômicas Regionais, convocou uma equipe composta por técnicos, com especial atenção aos economistas, para produzir um relatório que fornecesse “uma agenda global para a mudança” (CMMAD, 1991). O principal objetivo dessa, que ficou conhecida como Agenda 21, era criar um modelo de desenvolvimento econômico que levasse em consideração os problemas ambientais e sociais. A adoção de tal modelo seria essencial para mitigar a grande pobreza e os crescentes problemas ambientais do planeta.

Paul Little (2003), após fazer uma análise das políticas ambientais e dos passos a serem seguidos para a plena implementação das propostas da Agenda 21 no âmbito mais restrito do Brasil, afirma que houve notáveis avanços na década de 1990 no que diz respeito à colocação de temas ambientais na agenda política nacional, ao crescimento do setor ambiental governamental – tanto institucional quanto financeira – e à promulgação de uma série de leis ambientais; práticas que colocavam o país na vanguarda de certas questões ambientais no plano mundial. Segundo o autor:

O crescimento do interesse por esses problemas ambientais coincidiu com o surgimento de novos (ou renovados) movimentos sociais a partir da segunda metade da década de 70. Na década de 80, houve um fortalecimento desses movimentos mediante sua crescente mobilização social, o que serviu para canalizar o processo da redemocratização da sociedade brasileira depois de duas décadas de governos militares. O movimento ambientalista nacional, nas suas distintas vertentes, participou ativamente desse processo e recebeu o apoio do movimento ambientalista internacional. Além da expansão das vertentes conservacionistas (focalizada na proteção da biodiversidade) e estatista (focalizada no controle da poluição), nessa época surgiu uma nova vertente (a socioambientalista) que conseguiu conjugar as reivindicações políticas e sociais com as de ordem territorial e ambiental (Viola, 1992). Nessa vertente, os seringueiros da Amazônia e o movimento dos atingidos pelas barragens destacaram-se pela maneira com que incorporavam a variável ambiental as suas lutas sociopolíticas (LITTLE, 2003: 15).

Little afirma que um dos resultados práticos das múltiplas discussões, pressões políticas e mobilizações sociais em torno da questão ambiental foi a expansão da ação governamental brasileira na área. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a criação do IBAMA em 1989, a transformação da Secretaria de Meio Ambiente em Ministério de Meio Ambiente em 1993 e os diversos programas de financiamento para a área de meio ambiente, muitas dessas reivindicações da sociedade civil foram incorporadas na política ambiental nacional. Segundo o autor:

A consolidação institucional da maneira pela qual o governo deveria tratar as questões ligadas ao meio ambiente, na primeira metade da década de 90, foi seguida pela atualização da legislação ambiental na segunda metade dessa mesma década. Em quatro anos consecutivos, uma importante legislação foi promulgada – Lei de Recursos Hídricos (nº 9.433 de 1997), Lei de Crimes Ambientais (nº 9.605 de 1998), Lei de Educação Ambiental (nº 9.795 de 1999), Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (nº 9.985 de 2000). Essas e outras leis, com várias medidas provisórias, não só normatizaram as ações ambientais no país, mas – o que é mais importante ainda – criaram novos instrumentos políticos e instâncias públicas para sua efetiva implementação (IBID: 16).

Com uma visão crítica sobre a forma com que ocorreu essa institucionalização da questão ambiental no Brasil, Zhouiri (2008) argumenta que ela foi feita a partir da noção de governança (ambiental), tema que começa a aparecer como uma categoria

chave no campo semântico que recobre a discussão sobre desenvolvimento sustentável, alinhada a outras como negociação, participação, parceria, sociedade civil organizada etc. Segundo Zhouri:

De fato, atores como o Banco Mundial, ONGs e empresas utilizam a noção de governança ambiental, assim como a de sustentabilidade, para implementar projetos muitas vezes distintos, levando-nos a indagar sobre os significados dessa categoria. Com efeito, um significado de governança se destaca nesta seara, qual seja, o que remete à ideia de “gestão”, inscrito na crença em um consenso inerente à noção de desenvolvimento sustentável. Este consenso aposta na possível conciliação entre “interesses” econômicos, ecológicos e sociais, abstraindo dessas dimensões as relações de poder que, de fato, permeiam a dinâmica dos processos sociais. (2008:1)

A Iniciativa de Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA), anunciada oficialmente pelos governos da região no ano 2000; e sua versão nacional, o denominado Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), anunciado pelo governo federal brasileiro no ano de 2007, também são iniciativas pautadas pelo ideal do Desenvolvimento Sustentável cujo foco está na realização de obras de infraestrutura, principalmente as ligadas aos setores de transporte (terrestre e fluvial) e energia (barragens e linhas de transmissão). Segundo Verdum:

Na IIRSA, como no PAC, observa-se haver uma convergência e uma associação de diferentes perspectivas e interesses visando promover e provocar na região sul-americana transformações sociais, políticas e tecnológicas no sentido (i) da constituição de economias industriais de massa; (ii) do crescimento econômico acelerado, puxado pelos setores mais dinâmicos e competitivos; e (iii) de uma maior integração interna dos territórios nacionais, com a incorporação de recursos naturais e populações locais num sistema produtor de mercadorias, seja para consumo interno seja para disputas de espaço no chamado mercado internacional. Na IIRSA (como no PAC) é dito, complementarmente, que a melhoria na qualidade de vida das populações, particularmente da parcela identificada como a mais *pobre e vulnerável*, é uma das principais prioridades (2007: 24).

O Plano de Aceleração do Crescimento foi o carro-chefe do Governo Lula e tem sido também do Governo de Dilma Roussef, sendo amplamente apoiado pelo Governo de Minas Gerais. A maioria dos recursos provenientes do PAC seriam destinados às obras de infraestrutura energética, cerca de 54,5% do total (Verdun, 2007), basicamente na construção de grandes barragens hidrelétricas, principalmente na Amazônia, e de várias Pequenas Centrais Elétricas – PCHs, principalmente no Estado de Minas Gerais onde estão previstas a construção de mais de 400 hidrelétricas, entre projetos considerados de “grande” e de “pequeno” porte (Zhouri,2011).

O exemplo mais recente, e que ganhou grande destaque na mídia nacional, refere-se à construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte localizada no rio Xingu,

estado do Pará, que é uma das maiores apostas do PAC¹⁴, custando aproximadamente R\$20 bilhões, e que foi capaz de mobilizar diversos setores da sociedade brasileira em torno deste debate.

No entanto, o que se deve observar é que o PAC e todos estes programas não são simplesmente uma listagem de grandes obras a serem implementadas. Eles são, antes de tudo, um conjunto de obras baseado em um planejamento, cuja ambição é um projeto específico de desenvolvimento. Segundo Silvio Coelho dos Santos,

a proposta de considerar qualquer projeto de desenvolvimento como uma intenção que contemple simultaneamente interesses econômicos, sociais e culturais de uma comunidade, do município, do estado ou do país é rara. A visão unilinear da ‘evolução humana’ e o positivismo prevaleceram, e a ideia de que a humanidade caminha rumo a níveis crescentes de ‘bem estar’ parece estar presente entre a maioria dos administradores públicos e privados. Os ‘apagões’, os bolsões de miséria, a exclusão social, econômica e digital, a crise ambiental parece que não fazem parte do dia-a-dia de nossos administradores e empresários. (SANTOS, 2007: 42)

O lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) gerou uma infinidade de debates e previsões prós e contras, com variações derivando da perspectiva adotada e dos interesses motivadores. No âmbito das entidades e movimentos que compõem o chamado “campo socioambiental brasileiro” houve uma forte mobilização, particularmente pelos possíveis e prováveis impactos ambientais e sociais decorrentes das obras de infraestrutura e dos investimentos projetados para a expansão da produção dos agrocombustíveis (Verdum, 2007).

Na área de legislação ambiental, a polêmica maior se deu em torno da questão do processo de licenciamento ambiental¹⁵. Este, considerado um dos principais instrumentos da Política Nacional de Meio Ambiente, apesar de toda polêmica em torno de sua formulação, representou um passo histórico significativo e de extrema necessidade no que diz respeito à possibilidade de prevenção e de reparação dos

¹⁴ Em relação ao PAC, para a geração de energia elétrica, o governo federal previa para 2007 um investimento de R\$ 11,5 bilhões, mais cerca de R\$ 54,4 bilhões no período de 2008/2010, totalizando R\$ 65,9 bilhões. Para a transmissão de energia elétrica, previa-se para o ano de 2007 um investimento de R\$ 4,3 bilhões, mais R\$ 8,2 bilhões no período 2008/2011, totalizando R\$ 12,5 bilhões. Informações obtidas a partir do artigo de Verdum (2007, p.28) Para maiores detalhes o autor sugere ver: www.bndes.gov.br/conhecimento/liv_perspectivas/10.pdf

¹⁵ O licenciamento ambiental é um procedimento administrativo e trata-se de uma exigência legal (Lei nº7.772, 1980) do Estado em relação a atividades causadoras ou potencialmente causadoras de impactos ambientais.

impactos sociais e ambientais decorrentes do chamado desenvolvimento (Zhou et al., 2005)¹⁶.

1.1.1. A Política Ambiental Brasileira e o processo de Licenciamento Ambiental

Atualmente, considerada como sendo a base normativa do Licenciamento Ambiental e da Avaliação de Impactos Ambientais, a Resolução 001/86 define claramente o forte sentido de planejamento que os estudos ambientais passam a ter nas decisões sobre investimentos públicos e privados, obrigando a sua articulação com as etapas do processo de tomada de decisão empresarial (Ribeiro, 2008).

Assim é que, em seu Art.5, a resolução determina que os estudos de impacto ambiental deverão obedecer às seguintes diretrizes gerais:

1. Contemplar todas as alternativas tecnológicas e de localização de projeto, confrontando-as com a hipótese de não execução do projeto;
2. Identificar e avaliar sistematicamente os impactos ambientais gerados nas fases de implementação e operação da atividade;
3. Definir os limites da área de influencia do projeto, considerando, em todos os casos, a bacia hidrográfica na qual se localiza, e
4. Considerar os planos e programas governamentais, propostos e em implantação na área de influência do projeto, e sua compatibilidade. (CONAMA, 1986, apud Ribeiro, 2008, p. 7)

A Resolução 001/86 do CONAMA não deixa dúvidas, portanto, quanto ao sentido de planejamento ambiental prévio das atividades sujeitas a licenciamento, considerando também a hipótese de sua não execução a partir de um balanço do custo-benefício socioambiental do projeto. Ao estabelecer essas disposições, o CONAMA disciplina a aplicação do Licenciamento Ambiental e da Avaliação de Impacto Ambiental (EIA/RIMA e AIA) previstos na lei 6938/81 como instrumentos a serem adotados na tomada de decisão quanto às autorizações do Estado, sempre fundamentadas no conhecimento suficiente das restrições que deverão ser consideradas na admissão da viabilidade ambiental, ou não, do empreendimento. (Ribeiro, 2008)

¹⁶ Apesar de reconhecerem esse avanço institucional, os autores apresentam uma forte crítica ao processo de Licenciamento Ambiental, principalmente ao explicitarem os problemas político-estruturais e procedimentais do mesmo, mostrando como o campo é constituído por posições hierarquizadas e relações de poder muito desiguais. (Zhou et al. , 2005;2011)

Em uma definição esclarecedora do objetivo do EIA, Paulo Afonso Leme Machado afirma que:

As verificações e análises do Estudo de Impacto Ambiental terminam por um juízo de valor, ou seja, uma avaliação favorável ou desfavorável ao projeto, se constituindo em uma base séria de informação, de modo a poder pesar os interesses em jogo, quando da tomada da decisão, inclusive aqueles do ambiente, tendo em vista uma finalidade superior (APREMAVI, 2005 apud Ribeiro, 2008: 9)

Portanto, toda empresa que pretende construir qualquer empreendimento que possa vir a degradar o meio ambiente é obrigada a produzir os EIA/RIMA. Em Minas Gerais¹⁷ esses estudos passam por uma avaliação e concessão de um parecer técnico pela FEAM – Fundação Estadual do Meio Ambiente – para que, a partir de e com base nesse parecer, o COPAM – Conselho Estadual de Política Ambiental - possa conceder, ou não, três tipos de licença diferentes – LP, LI e LO.

Cabe ressaltar aqui que a partir do ano de 2003, o Governo do Estado provocou a descentralização/regionalização do Sistema Ambiental, “desmembrando” a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD) em oito Superintendências Regionais de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SUPRAMs), com sedes em cidades-pólo, além da Superintendência da Região Central – Metropolitana, que passaram a ser responsáveis por conceder as Licenças Ambientais para as atividades que se encontram dentro de suas áreas de abrangência territorial.

Nos termos de seu Art. 8, a Resolução 001/86 do CONAMA estabelece que o poder público, no exercício de sua competência de controle, expedirá as seguintes licenças:

1. Licença Prévia (LP) – concedida na fase preliminar do planejamento do empreendimento ou atividade aprovando sua localização e concepção, atestando sua viabilidade ambiental e estabelecendo os requisitos básicos e condicionantes a serem atendidos nas próximas fases de sua implementação;
2. Licença de Instalação (LI) – autoriza a instalação do empreendimento ou atividade de acordo com as especificações constantes dos planos, programas e projetos aprovados, incluindo as medidas de controle ambiental e demais condicionantes, da qual constituem motivo determinante.
3. Licença de Operação (LO) - autoriza a operação da atividade ou empreendimento, após a verificação do efetivo cumprimento do que consta das licenças anteriores, com as medidas de

¹⁷ Vamos focar a atenção em Minas Gerais pois é onde se localiza o empreendimento que será analisado neste trabalho.

controle ambiental e condicionantes determinados para operação (CONAMA, 1997, apud Ribeiro, 2008: 12)

Porém, a natureza jurídica da licença ambiental é matéria polêmica, comportando divergências de interpretação pelos especialistas do Direito quanto ao seu poder de intervenção e decisão sobre as iniciativas de investimento em atividades econômicas (Ribeiro, 2008).

Conforme Ribeiro, segundo o entendimento de alguns juristas, o ato administrativo do licenciamento ambiental se aproximaria mais de uma licença, no sentido do Direito Administrativo, do que de uma autorização. Como explica o autor:

As diferenças de tal distinção estão relacionadas ao fato de que em se tratando de licença, o administrador, ou seja, o Estado, através do órgão ambiental, estaria sempre obrigado a conceder as licenças solicitadas, desde que os pressupostos legais fossem cumpridos. Vale dizer que o cumprimento de todo o rito processual do licenciamento ambiental, com a elaboração e a apresentação dos estudos ambientais ao órgão licenciador, realização de audiências públicas para apresentação e discussão dos projetos com as comunidades interessadas e eventuais complementações das avaliações técnicas, habilitaria, sempre, o proponente empreendedor à obtenção da licença solicitada, não cabendo, pois, a hipótese da recusa, mesmo que fundamentada, do projeto submetido à análise. Por outro lado, o entendimento jurídico que identifica no licenciamento um ato de natureza própria das autorizações compreende a hipótese da negativa quando as avaliações técnicas e discussões públicas sobre as restrições sócioambientais das atividades sob licenciamento revelem a inconveniência de sua implantação. (RIBEIRO, 2008: 15).

O que se tem observado é a predominância do primeiro argumento, ou seja, o que tende a interpretar o ato administrativo do licenciamento ambiental como um direito do empreendedor, desde que seu projeto seja devidamente adequado, mesmo que em fase adiantada do processo de licenciamento, com as medidas de mitigação e de compensação ambientais. Ou seja, nessa percepção – que não admite a hipótese da inviabilidade ambiental de projetos - todos os empreendimentos podem ser executados, sob a condição da implementação de medidas que atenuem e/ou compensem seus impactos socioambientais. (Ribeiro, 2008).

Se tomarmos por base a análise de alguns autores que se dedicaram ao estudo do processo de licenciamento ambiental em Minas Gerais, vamos perceber que a predominância em enxergar o ato administrativo do licenciamento como um direito do empreendedor está relacionado a um processo mais amplo que envolve a política ambiental mineira como um todo.

1.1.2. O conflito pela apropriação social da natureza no âmbito do processo de licenciamento ambiental

Ao fazer uma análise da estrutura e do funcionamento do Conselho Estadual de Política Ambiental de Minas Gerais, Eder Jurandir Carneiro (2005) aponta para o processo de “oligarquização” do exercício do poder no Conselho¹⁸, ressaltando a limitação deste enquanto um espaço democrático e representativo da diversidade social. Além disto, também chama a atenção para o fato de que a política ambiental mineira, na forma com que vem sendo conduzida ao longo dos anos, se resume a um “jogo de mitigação” onde, por razões estruturais, a interação entre os agentes conduz à formação de um sistema rotinizado de disputas técnico-jurídicas cujo alcance se restringe à definição do grau de rigor mitigatório a ser observado no julgamento de processos de licenciamento ambiental (Carneiro,2005). Como afirma o autor:

Em todos os fóruns, o funcionamento rotinizado desse sistema de mitigação impede sistematicamente o ingresso e o sucesso de agentes, concepções, valores e interesses externos ao campo e que não podem ser enquadrados nos termos do jogo. Quando muito, os excluídos (por exemplo, populações cujas formas de apropriação das condições naturais estejam sendo destruídas ou ameaçadas por empreendimentos capitalistas) verão suas demandas, ao serem processadas pelo funcionamento sistemático do campo da “política ambiental”, transfiguradas e anuladas em seus componentes antidóxicos. Resta-lhes a estratégia de influenciar de algum modo o posicionamento dos conselheiros, para obter para si o “melhor resultado possível” de acordo com as regras do jogo do campo, estratégia que, exatamente por isso, acaba por promover o reconhecimento dos resultados e do campo como espaço legítimo em que os agentes “especialistas”, após “democraticamente” considerar as demandas dos “leigos”, decidem legitimamente o que *deve* ser feito (CARNEIRO, 2005: 82).

No entanto, é importante termos em mente que a justiça não é e nem nunca foi neutra. Ela é um espaço de disputas políticas onde a assimetria de poder entre as partes tem uma influência fundamental sobre o resultado do conflito.

Kant de Lima (2008) procura demonstrar que a compreensão das formas de resolução de conflitos pode dar acesso a valores e representações sociais que expressariam características mais gerais de uma sociedade em particular. Segundo ele, a análise desses processos serviria como uma “janela” que possibilitaria enxergar valores e características da sociedade em geral. Apesar de, pelo menos no Brasil, termos

¹⁸ O autor vai demonstrar que, ao longo dos anos, a forte tendência à oligarquização do poder nesse campo é consolidada por uma estabilização que não somente restringe a quantidade e a diversidade de agentes participantes mas também fomenta um consenso de conteúdo em torno de fundamentos da ideologia do desenvolvimento sustentável. (Carneiro, 2005)

construído a ideia do “Direito” como uma instância separada da sociedade, como sendo um mundo a parte do mundo social, onde “o que não está nos autos não está no mundo”; Kant de Lima vai tentar demonstrar que o “Direito” é contextualizado; que ele está inserido na sociedade e mantém com ela uma relação de influência e interdependência. Portanto, estudar o “Direito”, para ele, é estudar a própria sociedade.

Nesse sentido, Clifford Geertz (1998) chega inclusive a negar a Antropologia do Direito enquanto uma subdisciplina. Para este autor, ela nada mais é do que o estudo cultural de uma sociedade a partir do “Direito”; ou seja, é a própria Antropologia. Ainda segundo Geertz, a própria descrição do fato no processo de construção do caso por parte dos diferentes atores envolvidos no processo de resolução de um conflito já é uma representação de como o mundo é, ou pelo menos deveria ser organizado. Ou seja, é uma “visão de mundo”. Com isso o autor acredita que o antropólogo, ao fazer a sua etnografia, deve buscar entender o que ele chama de “sensibilidade jurídica”; que seria a maneira pela qual as instituições “legais” de determinada sociedade traduzem a linguagem do “se - então” (imaginação) na do “como – portanto” (descrição) (Geertz, 1998). O “se – então” que está ligado ao plano ideal, seria a normatização do funcionamento do “cosmos”; da nossa “cosmo visão”; de como a sociedade acredita que deva funcionar o mundo. Já o “como – portanto” seria o fato em si; um caso concreto.

Assim como Kant de Lima, Geertz argumenta que o “Direito” é mais que um processo de resolução de disputas; ele é, ou pelo menos reflete, uma “visão de mundo”. Analisado a partir deste ponto de vista, o licenciamento ambiental seria mais que uma política deliberativa de regulação pública de atividades ditas degradadoras; na medida em que as representações simbólicas do meio ambiente, seu uso e destinação são ali disputadas, o processo de licenciamento ambiental poderia ser visto como um espaço de disputa pela apropriação social da natureza (Leff, 2001).

Segundo Leff (2001), os conflitos e estratégias de poder pela apropriação da natureza estão determinando as formas sociais sancionadas e legitimadas de acesso e uso dos recursos naturais. Mas, para Zhouri:

Todo esse processo, no entanto, é marcado por conflitos que sublinham, no ‘campo da política ambiental’¹⁹, uma luta incessante pela apropriação da natureza. Nesse campo, materializado pelo processo de licenciamento, sobretudo em sua instância decisória – o COPAM, encontram-se em posições distintas e assimétricas os órgãos ambientais, empreendedores, ONGs, movimentos sociais e, finalmente, as comunidades atingidas. Por isso é que a

¹⁹ Segundo a autora, o conceito de “campo” – de forças ou de lutas – desenvolvido por Bourdieu (1993[1972]) inspira esta reflexão.

análise empírica das lutas e dilemas travados no campo da política ambiental torna-se pertinente e relevante, uma vez que, se, de um lado, o COPAM se apresenta como espaço mediador de conflitos, por meio de leis e normas deliberativas, de outro, o que se observa, na prática, são implicações políticas e conseqüências socioambientais negativas decorrentes das dinâmicas aí verificadas (ZHOURI et al, 2005: 94).

Com isso, apesar de todo o procedimento que envolve a concessão de licenças ambientais, pelo menos no discurso (que é característico do “Ideal de Desenvolvimento Sustentável”), tentar promover um espaço aberto para que as partes envolvidas construam os seus argumentos e expressem suas interpretações da realidade (o que de fato é bem complicado tendo em vista a grande assimetria de poder existente entre os envolvidos no processo), o resultado final da disputa já está dado de antemão. O que se vai negociar de fato são os projetos de mitigação e de compensação que, muitas vezes, nem contemplam a interpretação/reivindicação dos atingidos. Muitas vezes os projetos compensatórios são pautados apenas a partir da “visão de mundo” que guia a lógica dos técnicos sem levar em conta as questões abordadas pelos atingidos.

Essa “visão de mundo” preponderante parece ser a expressão de uma sensibilidade jurídica que está estritamente ligada a uma maneira de interpretar o mundo que coloca o desenvolvimento econômico como algo, não só indiscutível – não dando espaço pra outras formas de conceber o meio ambiente e a própria noção do que seja desenvolvimento – mas também desejável. E desejável por todos, inclusive pelos atingidos.

1.1.3. A construção da UHE Funil

O barramento do Rio Grande, principalmente da forma com que aconteceu, foi um ato de extrema violência, tanto material quanto simbólica. Quando fui pesquisar os documentos referentes ao processo de licenciamento ambiental do empreendimento, na Superintendência Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Sul de Minas (SUPRAM Sul de Minas) em Varginha, em conversa com o técnico responsável pelos processos referentes à UHE Funil, ele me disse que esta foi feita às pressas. A UHE Funil foi construída na época do apagão e, segundo o técnico da SUPRAM, houve uma forte pressão política para acelerar a construção da usina e, por isso, vários processos referentes ao licenciamento ambiental do empreendimento, como

os programas de reativação econômica das comunidades atingidas, foram sendo postergados.²⁰

Inicialmente planejado como um empreendimento privado em função do interesse em autogeração das empresas Mineração Rio Novo e Companhia Ferroligas de Minas Gerais – Minasligas - decorrente da preocupação destas com a grande demanda de eletricidade inerente aos processos industriais adotados pelas mesmas -, o consórcio empreendedor da UHE Funil era composto, além das duas empresas supracitadas, pela Construtora Andrade Gutierrez S.A. Na década de 1990 as empresas iniciaram os “Estudos de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental” (EIA/RIMA), conseguindo, em dezembro de 1994 a concessão, por parte do Conselho Estadual de Política Ambiental (COPAM), da Licença Prévia (LP) do empreendimento.

No ano de 2000, através da resolução nº 215, a ANEEL estabeleceu à CEMIG o estatuto de detentora da concessão, ficando também responsável pela apresentação do contrato de constituição do novo Consórcio Empreendedor. Em 15 de junho do mesmo ano o Consórcio passou a ser constituído pela mineradora VALE com participação de 51% e pela CEMIG com 49% da participação, através da transferência de cotas do Consórcio Empreendedor anterior, passando a ser denominado Consórcio AHE FUNIL. Hoje o empreendimento possui a Licença de Instalação (LI) e a Licença de Operação (LO), obtidas junto ao COPAM.²¹ No entanto, a LO venceu no ano de 2006 e o consórcio, desde então, tenta obter a renovação da mesma.

Localizada na divisa entre os municípios mineiros de Perdões e Lavras, a UHE Funil foi construída em um prazo recorde de 33 meses e teve um investimento de R\$ 211 milhões. Seu reservatório armazena 258 milhões de metros cúbicos de água e possui 34,71 km² de extensão, inundando, também, parte dos municípios de Bom Sucesso, Ijaci, Itumirim e Ibituruna²². Como vimos, três comunidades foram diretamente atingidas, as comunidades de Pedra Negra e Ponte do Funil que ficaram totalmente submersas e a comunidade de Macaia que foi parcialmente afetada (cerca de 60%), tendo sido relocados somente os moradores que ocupavam as faixas mais próximas da calha original do rio.

²⁰ Ao explicar para o técnico da SUPRAM quais os documentos que eu queria pesquisar e que dizem respeito ao aspecto social, ele me disse que o que estava procurando, provavelmente, só encontraria nas últimas pastas, referentes à Licença de Operação (LO) do empreendimento, a última a ser concedida.

²¹ Disponível em: < <http://www.ahefunil.com.br/home/institucional/historico.htm> > .Acesso em: 09/08/2010

²² Disponível em: < <http://www.ahefunil.com.br/home/a-usina> >. Acesso em: 04/01/2013

Na comunidade de Pedra Negra, objeto de estudo desta dissertação, foram relocadas ao todo 95 famílias, sendo que 59 casas foram permutadas com os antigos proprietários e 36 casas entregues aos moradores considerados casos sociais²³. Como vimos, todo povoado de Pedra Negra era composto de 87 residências, sendo 10 de proprietários rurais, 10 que eram ranchos de passeio, 32 de aposentados e 35 de trabalhadores rurais, sendo que destes 20 moravam como agregados.

Algo importante de se comentar aqui é como que os discursos envolvendo a construção de empreendimentos como as UHEs são muito semelhantes, as falas são praticamente as mesmas. Reforçado esse discurso pela propaganda na grande mídia, as hidrelétricas geralmente se apresentam aos governos municipais, estaduais e o federal, bem como aos atingidos direta e indiretamente e ao público de forma geral como sendo um empreendimento que irá trazer o progresso e o desenvolvimento para a região em que será implantada. Com a UHE Funil não foi diferente, em audiência pública realizada na cidade de Ijaci no dia 18/03/2002 o representante do consórcio empreendedor Flávio Deller comentou em seu discurso:

Temos alguns aspectos de benefícios que o empreendimento está trazendo: geração de 1200 empregos diretos, na fase de construção. Vai gerar também alguns empregos na fase de operação, diretos e indiretos. Vai haver o recolhimento de ICMS, com a reversão, em particular, para o município. Os royalties...também beneficiarão os municípios...E existem outros benefícios... fica concentrado aqui o melhor da qualidade de energia da região, possibilitando a implantação de indústrias, facilitando e alavancando o desenvolvimento da região.²⁴

No site oficial da UHE Funil esta ideia de benefícios e progressos gerados pela construção da usina também aparece, afirma-se que os altos investimentos realizados na sua efetivação teriam proporcionado “um grande impulso ao desenvolvimento da região, de influência da usina, gerando mais de 1500 empregos diretos e outros 3000 indiretos”. Assegura-se também que “a UHE Funil não se restringe em apenas um empreendimento implantado e bem sucedido, mas, sim em um compromisso ambiental e social assumido com a região de abrangência”.²⁵

Neste cenário as populações atingidas passam a ser vistas a partir da “lógica da falta”, como se fossem compostas por indivíduos que não tiveram acesso a educação,

²³ Disponível em: <www.ahefunil.com.br/home/meio-ambiente/relocacao>. Acesso em: 17/04/2012.

²⁴ LI. FEAM – Consórcio Funil. 00122/1992/002/1999.

²⁵ Disponível em: <<http://www.ahefunil.com.br/home/a-usina>>. Acesso em: 04/01/2013.

saúde, não possuem “cultura adequada” e nem um trabalho digno e, portanto, a hidrelétrica seria como o “herói que veio para salvar essa população” da vida pobre e miserável que teriam vivido até aquele momento, passando, a partir de sua chegada, a compartilhar dos “benefícios” do desenvolvimento por ela gerado.

1.2. O ponto de vista dos atingidos

Quando passamos a analisar o processo de construção da UHE Funil a partir do ponto de vista dos atingidos, que viveram essa experiência intensamente, podemos observar o surgimento de outras questões que não aparecem nos discursos que recobrem o ponto de vista legal/jurídico do processo. Durante a segunda entrevista que realizei com a Alcione, ela me descreveu a forma com que presenciou o momento do barramento do Rio Grande naquele trecho. Foi um depoimento realmente comovente, acredito que ela conseguiu expressar essa violência que é o barramento de um rio de forma bastante expressiva. Assim ela me contou:

“...então, na realidade, o pessoal aqui foi obrigado a se adaptar, é aquilo que eu falei pra você, que eu falei naquele relatório que eu fiz, ah, beleza né... o pessoal conseguiu estudar, conseguiu...alguns arrumaram trabalho, estão estudando os filhos e tudo mais, mas...que preço é esse que tem que pagar por isso, porque que não tinha isso tudo lá?, porque que não tinha hospital lá, porque que não tinha posto de saúde lá, você está me entendendo, então não adianta você ter uma justificativa de determinada coisa, e...assim, não to querendo hibernar as pessoas, mas a posição da usina é..., ontem mesmo a gente estava discutindo isso aqui em casa, é um mal necessário?, meu filho estava até falando, é a menos poluente, né, é menos um monte de coisa, mas a tristeza que é a construção de uma usina, só quem viveu né, e assim, a gente que conviveu com o rio²⁶, pra mim pode falar o que quiser, eu to igual o seu avô no poema aqui²⁷, não tem lago, não tem barco dentro d’água, não tem casa na beira...sabe, casas e mais casas, não tem nada que vai substituir aquilo na minha vida sabe, a marca pra mim da construção de uma usina é uma marca sofrida, doída, eu adoeci mesmo na época, literalmente, literalmente fiquei doente sabe, o rio morreu na minha frente assim ó, igualzinho pessoa quando morre, ele roncou igualzinho uma pessoa que quando morre ronca, eu quase morri junto com ele, o barulho quando foi enchendo, foi enchendo, sabe aquela...eu fui lá pra Ponte do Funil, no bar novo da Célia²⁸, que ela tinha só adaptado lá, a casa dela ainda não estava pronta, e ali era o Funil!, então estávamos todo mundo sentado, e helicóptero passando, o Luiz Carlos²⁹ fica falando assim pra mim, Alcione, onde que eu estou?, o que que é isso?, a Célia ficava falando assim, eu não to entendendo nada, ela estava trabalhando mas falava assim, não to entendendo nada, e eu sentada, e o rio enchendo e aquele trem feio, é muito feio!, é horrível!,

²⁶ A Alcione tem parentes na ponte do funil, vivenciou aquele lugar por um bom tempo.

²⁷ Referindo-se ao poema que meu avô escreveu sobre o barramento do rio grande e que encontra-se na epígrafe desta dissertação.

²⁸ Aquele mesmo que me referir em nota anterior.

²⁹ Morador local.

porque vai vindo madeira³⁰, e é marrom sabe, é suja, imunda, parece uma enchente mesmo, sabe, quando vem carregando tudo, tudo que foi ficando, e você vai vendo as coisas sumirem, e ainda tinha aquele barulho né, grande né, da corredeira da Ponte do Funil³¹, e aquilo foi diminuindo, diminuindo, de repente ele deu uma roncada, sabe aquela roncada, igualzinho uma pessoa que vai morrer, a hora que ele deu aquele roncar, ai sabe quando vem aquele silêncio, fica aquele trem morto, é morte!, você vê morrer!, você vê morrer!”³².



Foto de Pedra Negra. A autoria de Ana Regina Nogueira³³

Pelo relato da Alcione conseguimos imaginar um pouco da dor sentida por aqueles que foram obrigados a abandonar suas casas e seus meios de vida. Um filme a que tive acesso durante o trabalho de campo, e que foi feito por parentes de uma antiga moradora de Pedra Negra, a Madalena, dias antes do enchimento do lago, mostra uma tarde comum na antiga Pedra Negra, com seus moradores em frente suas casas, voltando da roça, passando de bicicleta, indo olhar o gado, etc. e, logo depois, mostra também o momento do enchimento do lago da usina, e ai então filma o que restou de sua casa, já demolida (a imagem mostra as pessoas chorando). No dia em que tive acesso ao filme,

³⁰ Como a usina foi construída às pressas, não conseguiram desmatar tudo que era necessário a tempo e por isso a madeira ficou durante um bom tempo apodrecendo no fundo do lago. A empresa foi inclusive advertida quanto a isso.

³¹ Neste trecho do rio ele vem largo, e faz um funil, afunila mesmo, ali onde depois foi construída a Ponte do Funil. O próprio município de Lavras se chamava antigamente Lavras do Funil, em referência a esse afunilamento do Rio Grande no local.

³² Alcione comentou que tirou um mês de licença do trabalho depois desse fato (ela é professora estadual).

³³ Foto tirada poucos dias antes do enchimento do lago da usina. Disponível em:

<http://www.anareginanogueira.com.br/Patrimonioconstruido.htm><http://www.anareginanogueira.com.br/Patrimonioconstruido.htm>.

logo depois de fazer uma entrevista com a Abelarda, sua filha, que estava sentada no sofá assistindo televisão e prestando atenção na nossa conversa, disse que o momento que mostra o rio enchendo é demais, muito triste, disse que nem gosta muito de rever a cena.

O marido da Madalena é proprietário de uma grande fazenda na região e, à época, era um dos fazendeiros contratantes em Pedra Negra, eles costumavam contratar pessoas da própria comunidade para trabalhar na lida da fazenda. Madalena era também uma líder comunitária, principalmente pela sua atuação junto à Igreja Católica, organizando missas e festas na comunidade. Ela foi também durante muitos anos professora no grupo que existia lá e teve uma atuação bastante significativa durante o processo de negociação com o consórcio empreendedor. Sempre que eu perguntava sobre esse processo aos moradores seu nome era citado. É importante falar que nem sempre de bom grado, na verdade, pude perceber que existe um alto grau de desconfiança por parte dos atingidos em relação à comissão dos atingidos de Pedra Negra por ela liderado. Muitos acreditam que os mesmos foram diretamente beneficiados no processo e não ajudaram a população como deveriam.³⁴

Ainda assim a dona Madalena é muito respeitada pela comunidade e bastante querida por boa parte dos moradores. Mesmo morando no município de Bom Sucesso, exerce forte influência na associação do bairro de Ijaci, formado depois da construção da usina para organizar atividades culturais do bairro Pedra Negra. Devido à sua influência junto aos moradores e pelo grau de escolaridade bem mais alto do que a maioria da população de Pedra Negra, Madalena atuou como um *broker* (Wolf, 2003), fazendo a ponte entre o “mundo dos atingidos” e o “mundo dos empreendedores”.

Na ocasião em que fui visitá-la em sua casa em Bom Sucesso, Madalena me contou sobre a vida cotidiana em Pedra Negra e sobre como foi a “chegada da usina” no arraial, como ocorreu o processo de negociação com o consórcio empreendedor, em fim, me contou o seu ponto de vista sobre o processo. Ela escreveu sua experiência em um pequeno caderno e chegou a digitar uma parte que, por elucidar muitos dos aspectos aqui discutidos e por representar o ponto de vista de alguém que viveu direta e intensamente este processo, reproduzo aqui:

“Desde que eu, Madalena Carvalho, era criança, nos anos de 1952, já ouvia falar em barragem. Morava em Pedra Negra em um sítio a distância de um

³⁴ Não foram poucos os moradores que me relataram o fato de todos os membros da comissão terem recebido um carro do consórcio para poderem facilitar as negociações.

quilômetro do arraial, onde nasci. Pedra Negra recebeu este nome pela origem de uma pedra de cor negra que ficava bem próxima. Iniciei meus estudos em Pedra Negra. Como era bom aquele tempo. Era muito frequentado pelos habitantes das fazendas próximas e dos lugarejos de perto. Em Pedra Negra corria o trenzinho Maria Fumaça...

Pedra Negra gerava muitos empregos. Nesta época as festas eram muito animadas. Uma das festas mais animadas era a festa de Nossa Senhora do Rosário. Existiam 7 casas comerciais, muito surtidas, que sustentavam a população do alimento até o vestuário. Nesta época haviam farmácias e padarias. Depois com o boato que iriam construir uma barragem e que Pedra Negra iria ficar em baixo d'água foi uma regressão. Muitos desanimavam de investir ali com medo de prejuízos. E foi dia após dia regredindo mais. As famílias que tinham condições financeiras foram mudando para as cidades vizinhas. Os comerciantes saíram a procura de melhora. Destas casas comerciais no final só restaram duas. Até que um dia surgiu a notícia que o meio de transporte e comunicação que servia o povoado iria acabar. Foi uma decepção para todos, aí falavam: é por causa da barragem!

A população até pelos anos de 1960 era grande, com numero de 150 alunos que lá estudavam. Em 1966 o trenzinho foi desativado. Arrancaram a linha do trem e no lugar da estrada de terra passou a ser estrada de rodagem. De tempo em tempo era uma família que mudava. A fábrica de queijo parou de funcionar. A produção passou a ser transportada pela estrada de terra por caminhões. As casas que iam sendo desocupadas foi ocupada por trabalhadores das fazendas.

A época que animava mais um pouco era ocasião de férias, onde as famílias que mudaram voltavam nas férias para a casa de parentes e amigos. Os pontos turísticos de Pedra Negra eram a pedra, que tinha uma vista linda e o rio grande. No rio, bem no centro do arraial tinha uma prainha, que no verão atraia jovens e crianças para se banharem.

No tempo da fábrica de queijo tinha uma balsa que atravessava o leite dos fazendeiros do outro lado do rio, que também foi desativada...nesta época a luz elétrica era gerada em um gerador da residência de José Pedroso. Era uma luz bem fraquinha que só a noite funcionava e também acabou. O arraial era iluminado pela lua. Como eram bonitas as noites enluaradas! As pessoas, principalmente os jovens, reuniam-se para bate-bapo, até dançavam. Foi no ano de 1968 que inaugurou a luz elétrica da Cemig...desde que inaugurou a luz, a televisão foi acabando com a união das famílias. A noite todos iam assistir televisão e não mais aconteciam os bate-bapos. Cada ano que passava foi enfraquecendo mais. As famílias mudavam pra Lavras, Ijaci, Perdões, Santo Antonio, etc. As casas ociosas eram cedidas aos trabalhadores das fazendas vizinhas ou então vendidas a pescadores. Até que no ano de 1995, chegou em Pedra Negra um engenheiro da Cia. Andrade Gutierrez, visitando e dando a noticia da construção da barragem.

Quando a população recebeu essa notícia não acreditavam nessa história porque era um boato antigo, pois já havia 40 anos que falavam nisso. Mas ao mesmo tempo, ficavam em dúvida e tudo foi paralisando. Diziam: reformar minha casa? E se um dia isso acontecer? Foi ai que começou a movimentar a população, reunindo, e muitos não acreditavam. A UFLA fez um trabalho com o povo. Orientando-os e foi feito um diagnostico para ouvir opiniões para saberem para onde iriam com a construção da barragem. Foi formada uma associação pelos atingidos da construção da barragem do funil.

No inicio houve a hipótese de reunir Pedra Negra com Macaia. Muitos não gostaram dessa ideia, pois não simpatizavam-se com Macaia. Sempre se desentendiam, principalmente no futebol. Esta Cia. fez uma planta de Pedra

Negra perto de Macaia. Quando tudo já estava resolvido, houve um desentendimento com a associação de Macaia, onde magoados resolveram ir pra Ijaci.

A prefeitura de Bom Sucesso não mostrou interesse em apaziguar os desentendimentos. Os moradores queriam muito morar perto de Lavras, pois muitos já trabalhavam lá, principalmente domésticas. Nessa época o povo era sofrido, faziam compras de supermercado em Lavras, Ijaci, Bom Sucesso, etc. O meio de transporte era a pé ou de ônibus que havia apenas um horário. Na época de chuva, as estradas acabavam e parava o trânsito, haviam enchentes que desabrigavam as pessoas que moravam perto do rio.

Como foi difícil para realizar as reuniões! O povo não se unia. Não tivemos boas orientações nas negociações. Teve um tempo parado por parte do consórcio por 4 anos. O povo dizia: Não falei! Essa barragem não sai, é história antiga! Um certo dia apareceu Patrícia de Souza Lima, contratada pela CEMIG e VALE do Rio Doce para levar a notícia novamente e começou a novela. Varias reuniões. FEAM orientava, mas eram poucos que participavam. Poderia ter conseguido mais, mas não tivemos alguém que nos orientassem. Muitas reuniões foram feitas por reuniões.

Eram três opiniões sobre a mudança de localidade sendo que a mais aprovada foi para Ijaci. O povo então escolheu o local onde seria feita a transferência das casas. Quatro famílias decidiram vender seus imóveis e ir pra Lavras. Sete famílias venderam seus imóveis. Em Ijaci foi construída duas Igrejas, um centro cultural, com a memória da estação da estrada de ferro. Campo de futebol com vestiário, 55 casas residenciais de permuta, mais 37 casos sociais, com total de 90 casas.

As pessoas não se conformam com a mudança de vida, sempre lembrando da velha moradia onde nasceram e foram criados. O emprego foi uma das causas de dificuldades que encontraram. A maioria sem estudo, acostumados com o trabalho na lavoura. O consórcio prometeu dar condições de levá-los ao trabalho acostumado. Até nesta data, os trabalhadores rurais são levados de ônibus. As vantagens da vinda para Ijaci foram: educação, saúde, comércio, e facilidade para trabalhar em Lavras com distância menor.

O consorcio tem oferecido vários cursos de capacitação como: artesanato, associação de doces e salgados, doação de material para outros cursos dados pelo SENAR. Como é sofrido enfrentar uma batalha dessas! Parece um sonho tudo o que passamos. As perspectivas para o futuro eu vejo melhoras com adaptação! Irão entrosar-se melhor e terão oportunidades de trabalho, estudando. [grifos meus]

A análise de Madalena é consoante com a da grande maioria dos moradores do atual bairro de Ijaci com os quais conversei, e apresenta também alguns dos aspectos que serão discutidos ao longo desta dissertação. Uma coisa importante a se destacar aqui e que foi por ela relatado diz respeito à falta de apoio aos moradores durante o processo de negociação. A experiência na atuação com a assessoria a comunidades atingidas por barragens, tanto no GESTA quanto no PACAB, nos mostra o fato de que quando não há o envolvimento de movimentos sociais como o Movimento dos Atingidos Por Barragens (MAB), ou o trabalho da Comissão Pastoral da Terra (CPT), ou de algumas ONG,s, ou mesmo grupos de extensão de Universidades, etc..., junto às comunidades

ameaçadas por empreendimentos hidrelétricos, o que se observa é que boa parte da população (geralmente a mais “pobre” e “vulnerável”) apresenta uma dificuldade enorme durante o processo de negociação com o consórcio empreendedor.

Na maioria das vezes esses atingidos não têm a menor ideia do que envolve a construção de uma usina hidrelétrica, não conhecem os procedimentos que acompanham sua efetivação, não sabem os direitos que possuem e nem os deveres que têm os empreendedores, ficando assim à mercê dos interesses destes que atuam a partir de uma outra lógica, alheios às necessidades e às visões de mundo dos atingidos. Ao longo dos próximos capítulos esperamos tornar mais claro o ponto de vista das famílias de Pedra Negra sobre o processo de construção da UHE Funil.

2. OS PROGRAMAS DE REATIVAÇÃO ECONÔMICA E AS MUDANÇAS VIVIDAS EM RELAÇÃO AO TRABALHO.

Neste capítulo iremos tratar daquela temática que geralmente é a mais discutida nas pesquisas sobre as transformações nos meios de vida de populações rurais, ou seja, aquela que aborda o tema do trabalho. Procuraremos mostrar as permanências e transformações vividas pelas famílias de Pedra Negra a partir da construção da UHE Funil. Iniciamos o capítulo fazendo uma análise dos programas de reativação econômica propostos pelos empreendedores, depois discutimos a permanência do trabalho na panha do café e os trabalhos temporários (“bicos”) como atividades importantes para o sustento das famílias atingidas e finalizamos com um breve relato da trajetória, em relação a este tema específico, de uma família em particular, que pudemos acompanhar mais de perto durante as pesquisas de campo.

2.1. Os programas de reativação econômica

Os benefícios aos atingidos anunciados pelo consórcio empreendedor, em sua maioria, dizem respeito aos programas de mitigação e compensação por eles adotados, que não são mais do que um dever de todo empreendedor que pretende construir uma usina hidrelétrica. Como vimos, todos estes empreendimentos que causam grandes impactos são obrigados a mitigar os riscos causados por suas atividades e a compensar as perdas sofridas pela população atingida.

Antes de fazermos uma análise dos programas de reativação econômica propostos para as famílias de Pedra Negra, creio ser importante tentarmos compreender minimamente a maneira, a forma com que tais programas foram pensados e implementados pelo consórcio empreendedor AHE Funil. É interessante atentarmos para o fato de que, apesar dos avanços observados na política ambiental brasileira em relação ao licenciamento ambiental, na maioria das vezes a parte que envolve o aspecto social destes processos ainda é bastante precária.

O procedimento usualmente utilizado na elaboração dos Estudos de Impacto Ambiental de separar o meio ambiente em meios físico, biológico e sócio-econômico, é uma expressão do olhar fragmentado em relação à Natureza, tão comum no meio acadêmico ocidental, e serve de orientação aos técnicos das empresas de consultoria

geralmente contratadas para realização deste tipo de serviço. Ao agirem desta forma, acabam desconsiderando “o entrelaçamento empírico entre esses meios, bem como as dinâmicas sócio-culturais de apropriação, uso e reprodução dos recursos ambientais”. (Fase, 2011: 22)³⁵

Dentro desta lógica de fragmentação, o que se tem observado é que o aspecto social vem sendo sistematicamente subvalorizado dentro do processo de licenciamento ambiental. Em relação à UHE Funil esta questão se mostrou bastante nítida, principalmente a partir dos relatos da Alcione. Achei interessante quando ela me contou que a ideia de se fazer um levantamento histórico e cultural das comunidades atingidas não tinha partido do consórcio empreendedor. Segundo ela, a princípio o consórcio se limitava a fazer a parte arqueológica e arquitetônica (estruturas físicas) das mesmas³⁶. Durante entrevista Alcione comenta sobre seu trabalho desenvolvido nas comunidades:

“nosso trabalho foi pra minimizar mesmo, mostrar, e foi um trabalho que hoje eles estão fazendo em outros locais, porque o homem não fazia parte do meio, o homem era pra chegar, negociar, tirar dali e pronto acabou. Até o nosso trabalho era isso, porque nós vimos os trabalhos das outras usinas, eles mostraram pra gente os livros, então tinha aquele registro de arquitetura, registro de natureza, registro de arquitetura, registro de natureza, mas de homem não falava”. (entrevista Alcione, agosto de 2012)

Mais a diante na entrevista ela afirma:

“...olha, eu sou a favor de tudo, mas pra mim é hipocrisia, gente, a minha grande briga é com o pessoal do meio ambiente, a vida inteira eu briguei com o pessoal do meio ambiente pra convencer eles de que o homem faz parte do meio ambiente, que o homem tem cultura, que o homem, sabe(...), o pessoal da UFLA [que fizeram alguns trabalhos nessa ‘parte dos meios físico e biológico’] chega com caminhonete, lancha, barco, estufa, num sei quantos milhões, os arqueólogos que vieram, os assistentes social, assim, eles ganhando milhões e a gente ganhando 3/4 mil, uai, mas é um trabalho super importante [o registro histórico e cultural das comunidades atingidas], tanto é que o nosso trabalho deu respaldo pra reativação econômica”. (entrevista Alcione, agosto de 2012)

Durante a conversa Alcione deixou bem claro que, da perspectiva do consórcio empreendedor, os programas de compensação servem mesmo como meros formalismos

³⁵ Uma expressão disso é a elaboração de uma série de EIAs padronizados (Zhou,2008; FASE, 2011), alguns sendo inclusive copiados e usados no licenciamento de empreendimentos totalmente distintos.

³⁶ A ideia de se fazer um estudo mais voltado para a parte cultural surgiu de um grupo de amigos que moravam em Lavras e que se reuniam frequentemente para discutir questões de arte, teatro e coisas do gênero. Alcione conta que, inicialmente, cada um sugeria algo diferente durante as reuniões, cada um queria trabalhar com algo diferente como fotografia, musica, e até mesmo os “elementais” (gnomos, fadas, etc.). Alcione sugeriu trabalhar a questão do folclore e aí todos eles toparam trabalhar os outros aspectos tendo este eixo em comum. Decidiram então escrever um projeto para ser apresentado ao consórcio AHE Funil que acabou sendo aprovado. No inicio havia mais pessoas trabalhando no projeto, mas foram saindo aos poucos e por fim restaram apenas a Alcione (folclorista), a Silvania e a Ana Paula (fotógrafa).

necessários à obtenção das licenças ambientais, como ela mesmo afirma, estes programas são uma “maquiagem” que o consórcio apresenta aos órgãos ambientais para poder efetivar a construção da hidrelétrica, uma vez que “o objetivo da usina é gerar energia”. Neste sentido, do ponto de vista dos empreendedores, os custos com compensações não devem ultrapassar os ganhos econômicos gerados com a implementação do projeto.

Em relação aos programas de compensação socioeconômica das comunidades atingidas pela UHE Funil, em documento consultado na SUPRAM do sul de Minas, em Varginha, a FEAM discorda da afirmativa do Plano de Reativação Econômica onde o consórcio afirma que “os empreendedores não têm a obrigação de realizar investimentos nas propriedades, uma vez que já indenizaram ou adquiriram as áreas inundadas” (FEAM – LO- C. AHE Funil- 00122/1992/003/2002. [Anexos 15,16,17]). Segundo a FEAM:

Do ponto de vista sócio-ambiental, a responsabilidade do empreendedor pela compensação ou mitigação dos impactos determinados pela implantação da usina não se esgota no pagamento de indenização, mas sim, avança na perspectiva de recomposição, em níveis atuais ou melhores, das condições de vida das famílias afetadas (IBID).

Neste sentido, apesar da resistência demonstrada pelo consórcio, como decorrência do Estudo de Impacto Ambiental (EIA), elaborado para atender as exigências previstas no licenciamento ambiental da UHE Funil, foram apresentados no Plano de Controle Ambiental (PCA), uma série de programas e projetos com o intuito de mitigar e compensar os danos causados pela usina.

O Programa de Reativação Econômica foi apresentado como uma alternativa de renda às famílias deslocadas e foi elaborado em parceria com a Empresa de assistência técnica e extensão rural de Minas Gerais- EMATER/MG, que ficaria responsável pelas ações no âmbito dos estabelecimentos agropecuários, e o SEBRAE/MG, que atuaria nos aglomerados urbanos atingidos. Como consta no site do consórcio empreendedor:

O Programa de Reativação Econômica é uma ação do Consórcio AHE Funil que tem por objetivo oferecer alternativas de geração de renda às famílias deslocadas pelo empreendimento hidrelétrico.

Temos como premissa básica o trabalho organizado de forma coletiva, atendendo a grupos de moradores que se organizaram de forma espontânea em torno dos mesmos interesses de atividades.³⁷

Os trabalhos de campo se iniciaram em fevereiro de 2002 e foi aplicado no período de março a maio um questionário para coleta de dados e identificação *in loco* dos problemas/expectativas individuais (Mota, 2011)³⁸. Importante ressaltar aqui o fato do atraso em relação a esses estudos, que se iniciaram a somente nove meses do fechamento das comportas para o enchimento do reservatório da usina. No ano de 2003, já após o enchimento do lago, foi contratada pelo consórcio empreendedor a empresa Práxis Projetos e Consultoria Ltda., de Belo Horizonte, para a elaboração e acompanhamento das atividades relativas ao Programa de Reativação Econômica das comunidades atingidas.

Depois de realizado o mapeamento dos focos de interesse dos atingidos, constatou-se a necessidade de priorização dos investimentos nas quatro atividades potencialmente geradoras de renda identificadas: Projeto de Agricultura, Projeto de Artesanato, Projeto de Culinária e Projeto de Pesca (Ibid).

Inicialmente as propostas apresentadas consistiam em incentivar o turismo rural e desenvolver e ampliar os programas “Frutilavras” e “Despertar” que já estavam sendo praticados em outros locais na região de Lavras. O primeiro se refere a um programa para o desenvolvimento da fruticultura no município e o segundo é um projeto de extensão para o empreendedorismo voltado a comunidades de baixa renda, desenvolvido pelo SEBRAE/MG.

Entre os moradores de Pedra Negra foram desenvolvidos, prioritariamente, os projetos de artesanato e de culinária, tendo sido explorados também algumas intervenções referentes ao projeto de agricultura. O projeto de pesca foi desenvolvido exclusivamente na nova comunidade da Ponte do Funil.

³⁷ Disponível em:

< http://www.ahefunil.com.br/home/meio_ambiente/projetos_reativ_economica_agricultura.htm >.

Acesso em: 09/08/2010.

³⁸ Constante no “Relatório consolidado do programa de reativação econômica e apoio ao produtor rural”, de janeiro de 2011, elaborado pela Flávia Mota – Consultoria.

2.1.1. O Projeto de Agricultura

Em relação ao Projeto de Agricultura desenvolvido em Pedra Negra, no ano de 2002 foi oferecido um curso de Cultivo e Processamento de Plantas Medicinais e de Horta Orgânica, ministrada pela professora Cássia de Oliveira Ferreira Carvalho, da empresa Flora Nativa. A ideia consistia em incentivar a implantação de pequenas hortas individuais nos quintais e de aprimorar tecnicamente os participantes tendo em vista a implantação da horta comunitária. Foram matriculados 25 pessoas nesta atividade (Ibid).

Neste mesmo ano a EMATER/MG desenvolveu um programa de assistência técnica à horta comunitária de Nova Pedra Negra e deu orientações quanto à gestão e critérios de distribuição das hortaliças produzidas. No entanto, apesar da atividade ter contado com a participação de um número relativamente significativo de moradores, o próprio consórcio admite que efetivamente não se configurou como atividade geradora de renda.

Durante o trabalho de campo, em conversa com alguns moradores que participaram do programa da horta comunitária, estes me relataram que o principal problema enfrentado pelos trabalhadores foi a falta de união e a dificuldade de se trabalhar coletivamente, pelo menos da maneira como foi proposto pelo consórcio. Segundo relato do Sr. Sebastião, que foi durante algum tempo o principal responsável por cuidar da horta comunitária, depois de perguntá-lo sobre os programas de reativação econômica, este me disse que realmente houve uma tentativa de se fazer uma horta comunitária, bem como o incentivo da realização de uma feira de 15 em 15 dias na praça principal de Ijaci, e que no começo os participantes estavam todos empolgados com a ideia, o problema foi que acabaram não conseguindo trabalhar juntos. Segundo Sebastião, tinha gente que não ia trabalhar, não plantava, mas na hora da colheita ia lá e levava um monte de coisas pra casa. Disse que tinha gente que chegava até a trazer parentes de São Paulo que enchiam o carro de verduras, etc, e levavam embora, e “isso foi desanimando o povo, eles foram se desentendendo até acabar”, agora o lote comprado pelo consórcio está totalmente abandonado, cheio de mato.

Como uma tentativa de se levar a proposta adiante, a comunidade acabou decidindo por largar o cultivo coletivo e passaram a trabalhar de forma individual onde cada participante tinha o direito de receber produtos da horta em troca do trabalho desenvolvido. No entanto, como disse João:

Mas ai é o seguinte, essas pessoas vinham pra cá [o pessoal contratado pelo consórcio] e tinha dia até que eles conversavam grosseiro: Mas porque é que não dá certo?! Fez uma horta comunitária, não foi pra frente, eles 'ideo' fazer assim: cada um pega um canteirinho e planta o que quiser... foi virando bagunça. Uai, você vai lá e planta uma beterraba, eu vou e planto uma cenoura, esse trem não funciona. Então já largou por causa disso. (entrevista João – fevereiro 2012)

Maria, esposa de João que escutava a conversa e também participava da entrevista, comentou que “depois que o povo mudou pra cá ficou tudo...cada um pra lá”, no sentido de que cada um estava preocupado apenas consigo mesmo; disse que “um ia lá e panhava a verdura do outro, um ia e capinava um canteiro o outro ia e não capinava”, e com isso, apesar dos esforços, o programa da horta comunitária acabou não vingando.

Este processo de desunião e desentendimento também aconteceu de maneira muito parecida em relação ao programa de agricultura desenvolvido na nova Comunidade do Funil, brevemente analisado em Carvalho (2010). Nesta comunidade o trabalho coletivo também acabou não dando certo e, ao que parece, pelos mesmos motivos. Á época os participantes do programa também me relataram que havia alguns membros que trabalhavam mais, outros menos, e no final eram obrigados a dividir de forma igual pra todo mundo, o que também acabou provocando desentendimentos e a separação do trabalho em lotes individuais e independentes.

Em relação aos programas de reativação econômica propostos para as comunidades atingidas, no próprio site do consórcio empreendedor consta que:

A premissa básica do Programa é o trabalho organizado de forma coletiva. O atendimento acontece com os grupos de pessoas que se organizaram de forma espontânea em torno dos mesmos interesses de atividades. O gerenciamento dos grupos de trabalho é mais simples do que o atendimento de casos individuais, alcançando os primeiros resultados em menor tempo e o trabalho coletivo dá melhores condições de defesa dos interesses econômicos dos grupos, além de repercutir em toda a comunidade os benefícios do trabalho associativo e cooperado.³⁹

No entanto, como comentou o João:

...porque geralmente Pedra Negra era assim né, cada um fazia o que quisesse no seu cantinho né, nunca trabalhou em conjunto... trabalhava em conjunto assim, na fazenda né, mas lá tinha um organizador, então chegou na sua casa cada um fazia o seu né, nunca viu falar num conjunto, nunca ouviu falar num grupo, sei lá, porque isso aí faz parte, das pessoas ouvir isso aí, eu já vejo tanto passando na televisão lá no nordeste, aqueles lugar que tem tanto artesanato, as pessoas trabalham tanto unido, né, mas tem que ter uma

³⁹ Disponível em: < <http://www.ahefunil.com.br/home/meio-ambiente/economia>>. Acesso em: 31/01/2013.

vontade mesmo né, e não ser egoísta uns com os outros, não querer ganhar mais que os outros, então geralmente nas pessoas falta muito isso aí, se a pessoa começar a ser egoísta aí não entra no grupo, não adianta, então foi tudo isso aí, desencarretando tudo isso aí... (entrevista João, fevereiro 2012)

Ao que parece os atingidos não tinham o costume de trabalhar de forma coletiva, o que exige uma preparação e um treinamento pra que ocorra de forma efetiva. Nesse sentido, não sei até que ponto “o gerenciamento dos grupos de trabalho é mais simples do que o atendimento de casos individuais”, como afirma o consórcio empreendedor. O trabalho coletivo exige um aprendizado que leva tempo, o que parece não ter acontecido com as famílias do bairro Pedra Negra uma vez que, como veremos, em todos os programas implementados, os conflitos internos e a dificuldade de se trabalhar coletivamente foram apontados pelos atingidos como um dos principais entraves para o bom desenvolvimento de tais iniciativas.

2.1.2. O Projeto de Artesanato

Em relação ao projeto de artesanato em bambu, inicialmente ele foi oferecido na comunidade da Ponte do Funil, mas a equipe da Práxis avaliou que teria melhor aproveitamento se fosse oferecido na comunidade de Nova Pedra Negra, tendo em vista a proximidade com Macaia, que permitiria a otimização dos investimentos necessários (Mota, 2011).

No dia 25 de agosto de 2003 teve início um curso profissionalizante de artesanato e confecção de móveis em bambu que contou com a participação de 20 moradores das três comunidades. O curso foi ministrado nas dependências do Centro Cultural de Nova Pedra Negra e o transporte foi fornecido pelo consórcio empreendedor. Neste período o professor Paulo Bustamante, responsável pelo curso, permaneceu dois dias em campo realizando visitas para catalogar as toceiras de bambu adequadas para uso e negociando com os proprietários as condições e custos do material a ser coletado (Ibid).

A equipe da Práxis passou a desencadear uma discussão sobre a necessidade de organização do grupo e a importância da formação de uma cooperativa de artesãos para abrigar as atividades coletivas. Foi realizada também, neste mesmo ano de 2003, uma oficina de trabalhos manuais e um curso de cestarias com fibras naturais com 40 horas/aula junto aos participantes.

No ano de 2004 foi celebrado um contrato entre o CAHEF e a empresa Bragança Engenharia Ltda., para a elaboração dos projetos arquitetônicos para a construção do Centro de Artesanato de Bambu, que seria implantado no município de Ijaci. Em junho do mesmo ano foi criada a Cooperativa Banbuzeira da Comunidade de Pedra Negra.

Neste período o CAHEF realizou uma parceria com a fábrica da Magnetti Marelli, em Lavras, para a doação de resíduos recicláveis utilizados pelos participantes do grupo de artesanato em bambu na fabricação de móveis. O grupo também chegou a participar da XX Feira de Artesanato Rural em São Lourenço/MG e a produzir as molduras das fotografias para as exposições itinerantes previstas no Programa de Resgate do Patrimônio Natural e Cultural feito pelo consórcio empreendedor (Ibid).

Em 2005 houve a entrada de vários jovens ao grupo. Nesta época o total de participantes era de 13 pessoas sendo que 09 delas eram menor de idade. Neste sentido, tornou-se necessário o acompanhamento das atividades por parte do Conselho Tutelar. À época as atividades do grupo consistiam na confecção de painéis para decoração de jardins e interiores que, segundo relatório elaborado pelo consórcio empreendedor, garantia uma remuneração maior que 01 salário mínimo por participante (Ibid).

Em 2006 é criada a Associação dos Artesãos Banbuzeiros de Pedra Negra (ARTEBAMBU), que contava com 12 participantes. Como consta no já referido relatório, a remuneração mostrou-se bastante variada, dependendo das encomendas de cada mês, mas ao que parece, a princípio o negócio parecia estar indo bem, produzindo um produto que teria sido bem aceito pelo mercado, chegando a vender inclusive para fora do estado (Ibid).

Segundo o CAHEF, até o ano de 2007, este foi o grupo que apresentou maior evolução dentro do Programa de Reativação Econômica desenvolvido para as comunidades relocadas, no entanto, conforme consta no relatório, “por conflitos internos entre os participantes, a atividade não evoluiu satisfatoriamente no contexto associativo, provocando a dispersão do grupo” (Ibid). No ano de 2007 restavam apenas 4 participantes que continuavam trabalhando, só que de forma individual. Durante o pré-campo realizado no final de janeiro de 2012, pude constatar que já não havia mais ninguém participando do programa e o local construído para realização dos trabalhos encontrava-se abandonado.

Assim como no Programa da Agricultura (referente à horta comunitária), as explicações dos entrevistados em relação ao fracasso do Programa de Artesanato

também reportaram à desunião e ao desentendimento entre os participantes. No entanto, neste caso, a culpa foi depositada em apenas um membro, então presidente da associação, que foi apontado de forma unânime pelos entrevistados como sendo o responsável pelo fracasso do programa.

Em conversa com o Sr. Sebastião e sua esposa, eles comentavam que o projeto até que ia dando certo, mas que o então presidente da associação, que não era antigo morador da Pedra Negra (tinha comprado apenas um rancho de pesca já bem no final), vendia os produtos produzidos pela associação e pegava o dinheiro para ele, não repassava para os demais. Segundo eles, essa situação foi se prolongando até que os membros se desentenderam e a atividade acabou não dando certo. Comentaram também que este presidente chegou inclusive a se apossar de todo o equipamento fornecido pelo consórcio, levando-os pra Lavras para que ele pudesse trabalhar de forma independente.

Este comentário coincide com o relato de todos aqueles com quem conversei a respeito do Programa de Artesanato, na fala de alguns dos entrevistados:

“...não foi pra frente porque o Geraldo pegou o dinheiro todo pra ele, não repassou para os que trabalhavam na associação. Também pegou para si todo o equipamento fornecido pelo consórcio e levou pra Lavras. Disseram que até que tava indo bem...” (entrevista com Nene e Tião - fevereiro 2012)

“O bambu não foi pra frente porque...eles mexeram, mexeram, mas não foi pra frente, o Geraldo entrou e... Não sei o quê que o Geraldo arrumou com esse trem, acho que o Geraldo tava vendendo e não tava dando dinheiro pra turma que trabalhava com ele, ficava só pra ele. Depois acabou ficando só ele, mexendo ali, sozinho, foi até que ele pegou e continuou mexendo em Lavras, ali já não tem mais nada, ele carregou os trem tudo, ferramenta, maquina, tudo que tinha ali, agora o resto que ele deixou lá eles roubaram, até óleo levaram” (entrevista Sr. Pedro – fevereiro 2012)

“...é o Geraldo, você conhece ele? Bom, ele persistiu naquilo ali, ele tem uma situação financeira melhor, nós não tinha como impor tudo naquilo ali, não dava, não adianta, ele ficou, acho que ele permanece com isso até hoje, ele aprendeu, o consórcio trouxe até maquina que eu mesmo nunca vi, que eu nunca entrei nesses...diz que as maquinas eram coisas de primeiro mundo, bambu, artesanato, eles trabalhou nisso ai mesmo, não sei se ainda tá até hoje porque aqui não tá não. Eu sei que foram muitas pessoas trabalhar com ele lá, ficou um mês, dois e saiu, disse que não dava certo com ele, então é igualzinho a minha esposa ta falando, diz que ele trabalha com isso, eu não posso falar porque eu não sei (...) Ele é uma pessoa que tem outro ganho, eu considero isso assim ó, se eu sou aposentado, eu vou entrar num curso desse ai, porque se não der certo o meu dinheiro vai continuar caindo a mesma coisa, eu acho assim, é isso que eu to tentando entrar no assunto, eu acho assim, porque você não vai... você não depende daquilo, então o que aconteceu com ele foi isso, a mulher dele acho que é bem empregada, que eu não conheço, conheço de longe, uma tal de Neuza, então é isso, agora quando que nós ia entrar de peito numas coisas dessas?” (entrevista João – fevereiro 2012)

Apesar de terem colocado a culpa do fracasso deste projeto em cima do então presidente, nesta fala do João aparece uma questão importante que deve ser levada em consideração, que é justamente o fato de a maioria dos atingidos não terem condições financeiras de se dedicarem efetivamente aos projetos. Essa é uma situação comum também entre os atingidos da Comunidade do Funil (onde os programas de reativação econômica ainda estão funcionando) que foram enfáticos em dizer que não conseguem viver só desses programas, precisam ter outra fonte de renda, mais segura, e que por isso têm prioridade em relação às obrigações e exigências de que os projetos necessitam.⁴⁰

Outro fator relevante ao se levar em conta o fracasso do projeto diz respeito, como vimos anteriormente, à precariedade com que estes programas socioeconômicos são levados a cabo pelo consórcio empreendedor. Se o objetivo é apenas “fazer uma maquiagem” para conseguir a liberação das licenças ambientais, tais programas dificilmente teriam como ter dado certo.

Alcione chegou inclusive a comentar que a ideia de se fazer o curso de artesanato partiu do trabalho que tinha feito com a Ana Regina (fotografa) e a Silvania, mas que o pessoal de Belo Horizonte contratado pelo consórcio se apropriou da ideia e acabou, segundo Alcione, fazendo a coisa de maneira incorreta, sem levar em consideração o conhecimento que os atingidos já possuíam deste tipo de trabalho. Como ela relata:

“Nós pensamos, os caras que vieram pegaram a ideia e fizeram errado. Porque nós falamos o que é que poderia ser, assim, as coisas que tinha no lugar e que poderia ser feito (...) junto com a pesquisa nós fomos falando ‘olha Joaquim, já existe um trabalho com bambu, que num sei que...’. Primeira pessoa que não mexeu com o bambu foi Sr. Valdo, que era o bambuzeiro do lugar (...) puseram ele pra fazer curso lá com a turma (...) Veio um cara de fora pra ensinar pra fazer o que? Móveis de bambu, com aqueles bambu gigante, num sei que... Porque primeiro o bambuzal também foi embora por água abaixo, mas ainda tinha em outros locais. Então, eu, meu pensamento é o seguinte, é... Gente! Quantos fazendeiros tinham lá? Panhar café precisa de peneira, precisa de balaio... Então vamos oferecer, produzir isso pra essa região! Sabe? Vamos pegar... Olha, nós já temos aqui na Ponte o João do Balaio, aqui na Bimbarra tem o seu Zé, num sei quem mais lá, aqui na Pedra Negra tem o Sr. Valdo, aqui no Macaia tinha o Antônio e o João, lá também... Todos quatro faziam muito bem. (...) O João do Balaio um exímio em balaio e forro. O Sr. Valdo, peneira, aquela vassoura... Sabe aquela vassourona? Ne? Peneira, aquela vassourona... Os carinhas lá de Macaia também, os balaio né, as cestas... mas não. Aí o que é que eles fazem? ‘Tá,

⁴⁰ Em conversa com um pescador da Comunidade do Funil em relação ao programa de pesca proposto para a comunidade, este me disse que os empreendedores sempre falavam que o projeto tinha uma ótima perspectiva, mas como ele estava cansado de ouvir esta palavra sem que nada fosse realmente concretizado, ele comentou que a próxima vez que os filhos reclamarem de fome, ele iria mandar a mulher dele dar perspectiva pras crianças comerem, porque segundo ele esses projetos ai estavam cheios de perspectiva...

arrumamos, montamos uma oficina de bambu’, aí abre inscrição pra oficina de bambu, ‘ah porque nós vamos fazer isso, vamos fazer aquilo, vamos montar uma cooperativa’. Primeira providência, os cara era de Belo Horizonte, foi lá pegou o cara que trabalhava com bambu em Belo Horizonte, traz né, e... Primeiro: quem que tá tomando conta? Geraldo. O Geraldo é jogador de futebol, dono de botequim, nunca mexeu com bambu na vida. (...) Ah eles foram fazer móveis, eles foram fazer móveis, oratório, móvel pra vender pra cidade. Mas o seguinte, quem compra móvel? Num compra. Na hora que eu vi eles fazendo móveis de bambu falei, uai, pensei: bom, então, eles vão ter um lugar que esses caras tão olhando pra colocar, ne? Hum hum... Era uma encomenda aqui numa loja, num sei aonde. Num dava pra aquele povo. Então assim, o povo trabalhou ‘cadê o dinheiro?’. Aí que começou a confusão ‘o Geraldo que ficou com o dinheiro’. No fim o Geraldo passou a mão nas máquinas, levou pra casa dele aqui em Lavras, nem lá tá. A casa dele tá lá fechada, o galpão de fazer a coisa tá lá, o sr. Valdo morreu, a mulher dele... o Sr. Valdo morreu sem um... Fiquei revoltada lá na pesquisa. O Sr. Valdo morreu sem INPS, sem encostar... Ferrada, a mulher sobrevive de panha de café, uma senhora já de quase setenta anos e dois filhos que ajuda, num tem nem o INPS do marido, e ele nem isso teve. Ele num andava direito, que ele tinha o pé totalmente é... num era calo, era cravo. (entrevista Alcione – Agosto de 2012)

Em sua fala Alcione também deixa transparecer a forma com que estes programas foram planejados e implementados, de cima para baixo, sem uma participação efetiva dos atingidos que, por serem aqueles diretamente envolvidos, deveriam participar não só da execução dos projetos, mas sim, de todo processo, desde o início de seu planejamento.

2.1.3. O Projeto de Culinária

Em relação ao projeto de culinária, inicialmente ele foi pensado tendo em vista o aproveitamento do possível potencial turístico do bairro Nova Pedra Negra após o enchimento do lago. A produção de alimentos e artesanatos serviria como alternativa de reativação econômica frente à perspectiva de manutenção do fluxo de turistas. Com este objetivo e tentando viabilizar a oferta do curso de culinária de forma mais imediata o projeto foi dividido em duas etapas. A primeira consistiu na qualificação do grupo e só depois foram implementadas as ações com a perspectiva de geração de renda propriamente ditas (Mota, 2011).

Neste sentido, durante o mês de abril de 2003, o CAHEF promove a realização do Curso de Alimentação e Aproveitamento de Alimentos que contou com a participação de 20 moradores. Depois disso o consórcio chegou a ficar alguns anos sem dar continuidade ao projeto e somente no ano de 2008, em função da solicitação da comunidade para a realização de atividades de melhoria de renda dos moradores, foram oferecidos vários cursos. Dentre eles, o curso de produção de doces e compotas

oferecidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR - motivou algumas participantes que iniciaram a produção de doces cristalizados (Ibid).

No ano de 2009 as doceiras de Nova Pedra Negra, após a realização de algumas reuniões, decidem criar um grupo associativo (Associação das Doceiras São José da Pedra Negra – Delícias da Estação), composto por 6 integrantes, com a finalidade de produzir e comercializar doces cristalizados e compotas. Inicialmente foram colocados à venda 900 potes de doces de sabores variados como limão, tangerina, laranja, cidra e gengibre. Com apoio do Consórcio a Prefeitura Municipal de Ijaci disponibilizou um fogão industrial para ser usado pela associação, cujos doces eram produzidos na cozinha do Centro Cultural do bairro Nova Pedra Negra (Ibid).

No dia primeiro de abril de 2010 foi realizada pela comunidade a 1ª. Festa do Trabalhador, ocasião em que foi feita também a inauguração da Rádio Comunitária de Ijaci, gerida pelos próprios moradores do bairro. Ficou a cargo da Associação de Doces São José da Pedra Negra o preparo das comidas típicas que foram vendidas no evento. Neste mesmo ano o grupo também vendeu seus produtos durante o carnaval de Ijaci. As vendas atingiram o valor líquido de R\$ 2.200,00 (dois mil e duzentos reais), que descontando a aquisição de formas e tabuleiros, deu uma sobra de R\$ 1.900,00 (um mil e novecentos reais) que foram divididos entre as 06 associadas. Entre os dias 05 e 08 de maio deste mesmo ano alguns integrantes da associação participaram também da Feira de Economia Solidária em Varginha, no intuito de expor os produtos e procurar uma oportunidade de tentar entrar no circuito regional e mineiro (Ibid).

As falas dos atingidos em relação ao programa de culinária não destoam muito do que já foi comentado em relação aos outros dois programas. Assim como no projeto de agricultura e artesanato, as brigas internas também foram apontadas como um entrave para o bom desenvolvimento do projeto. Ao perguntar para a Alcione se havia alguém do consórcio acompanhando as atividades da cooperativa ela respondeu:

Tem, mas assim... É pra ter, entendeu? Mas é tudo superficial... É mais reclamação: “ah nós vamos te atender...”, é aqueles que vem pra tentar levantar, reativar, mas assim, é assim... Ó a coisa assim, num é fácil, não é fácil você fazer uma reativação econômica com o pessoal que nunca trabalhou em conjunto assim pra ganhar dinheiro. Eu vi lá nas doceiras. Elas têm capacidade, tem... Mas já começa uma achar que a outra está trabalhando mais, outras trabalhando menos, sabe, uma achar que o outro faz melhor, que outro faz menos... e chega no fim do mês, quanto que deu de lucro? Cem reais? Ora, tem seis mulheres, cem reais, vinte conto pra cada uma, pra você ficar lá na panela, no tacho de doce? Uai, pelo amor de deus ne? Ou vai fazer uma coisa que presta, ou larga a mão. (entrevista Alcione – agosto 2012)

Em outra entrevista, Sr. Pedro, morador do bairro e que possui parentes que trabalharam na cooperativa, também comenta dos desentendimentos internos entre as cooperadas:

Ah, os doces também não foram pra frente não, porque... quando eles começaram o doce eles estavam tendo até uma vendinha boa, quando estava a Jacinta mais a Janete mexendo, vendia, saia, igual, dia de domingo elas não paravam, elas iam pra esses lugar de cachoeira, começou a vender em Lavras, lá já tinha encomenda do tanto que ia pra lá, aí foi entrando umas conversinha no meio, a Janete era meio mandona, e a Jacinta, aí elas pegou e saiu, eles levavam conversa da cumadi Madalena pra elas, e levava delas pra cumadi Madalena, uma turma queria pegar só pra eles, esse povo do Sr. Abdias, e pronto, acabou que não virou em nada, eles começou a fazer o doce deles e... (entrevista Sr. Pedro, agosto de 2012)

Além dos desentendimentos internos, o fato de não conseguirem se sustentar somente com o trabalho na cooperativa tendo que trabalhar em outros empregos para conseguirem se sustentar também foi apontado como um fator limitante em relação ao projeto. Foi o que me disse Gabriela durante a conversa que tivemos no dia 23/08/2012, uma quinta-feira. Neste dia cheguei em Pedra Negra e mais uma vez encontrei tudo meio parado, conversei com um rapaz que trabalhava na única mercearia existente no bairro, perguntei se ele conhecia o pessoal que mexia com doces na Pedra Negra e ele me falou da Gabriela, que estava sentada na grama em frente ao Centro Cultural. Ela estava acompanhada de outras três amigas, pareciam estar trabalhando na divulgação pra campanha política, perguntei a ela a respeito da cooperativa de doces, e ela respondeu que já não trabalha mais com isso. Ao perguntar o motivo, ela disse que “trabalhar em grupo é muito custoso” e que também tinha outro emprego que lhe tomava muito tempo e, portanto, não tinha como se dedicar adequadamente à produção dos doces. Comentou que não seria justo com as outras meninas membros da cooperativa que trabalham mais na roça, principalmente na panha do café, e que por isso têm uma flexibilidade maior, podendo faltar eventualmente quando necessário, caso impossível pra ela que trabalha de carteira assinada, em emprego fixo.

Apesar de ter me contado um pouco a respeito da cooperativa, Gabriela não me parecia muito à vontade em falar mais detalhadamente sobre o assunto, então me sugeriu que procurasse a Paula, que é filha de uma senhora que ainda trabalha com os doces. Fui até sua casa e, ao contrário da Gabriela, ela foi bastante receptiva. Perguntei a respeito da cooperativa de doces, ela disse que no começo chegaram a produzir muito, mas que o pessoal foi desanimando e, aos poucos, foram saindo da cooperativa. A principal razão, segundo Paula, é o fato de que o lucro com o trabalho não é imediato, e

muitas associadas não têm “paciência” ou até mesmo condições de esperar pelo resultado. Ela comentou também que a ideia de fazer a cooperativa partiu da dona Madalena, devido ao fato de que antigamente o pessoal da Pedra Negra tinha o costume de fazer muitas quitandas.

Outro problema apontado pelas cooperadas diz respeito ao fato de elas ainda não possuírem uma sede própria. Durante o trabalho de campo, mais precisamente no dia 17/08/2012, cheguei em Pedra Negra por volta das 14.30 hs e percebi que o Centro Cultural estava aberto. Fui dar uma olhada e acabei encontrando uma senhora, a Efigênia, limpando o espaço, ela é do Rio de Janeiro e mora a 2 anos na Nova Pedra Negra, é a pessoa responsável por cuidar do Centro Cultural. Conversando com Efigênia a respeito dos programas de reativação econômica, ela comentou que a cooperativa de doces e salgados ainda está funcionando, apesar de não terem uma sede própria. Ela comentou que a cooperativa estava usando a cozinha do Centro Cultural para a produção dos doces e salgados⁴¹, mas como hoje em dia ela está sendo reformada, os membros da cooperativa estão fazendo os mesmos em casa. Achei interessante o fato de ela, que não participa da cooperativa, me dizer que todos os membros têm outro emprego e que trabalham na cooperativa só nas horas de folga, pois do contrário não conseguiriam se sustentar. Como vimos, este é um fato comum em todos os programas de reativação econômica propostos pelo consórcio AHE Funil, tanto na comunidade de Nova Pedra Negra, quanto na do Funil.

O fato de a cooperativa não contar com uma sede própria gerou alguns atritos entre eles e o pessoal da associação de bairro que utiliza o Centro Cultural. Por serem obrigadas a dividir o mesmo espaço, uma vez que o único local que a cooperativa tem para produzir os doces é a cozinha do Centro Cultural, isso acabou provocando algumas brigas entre eles. Quando o pessoal da cooperativa queria fazer os doces e salgados, o pessoal da associação alugava o espaço e elas não podiam utilizar a cozinha. Em relação a isso, Abelarda, que é membro da cooperativa, em entrevista, comentou:

... ali no Centro Cultural é um lugar assim, ali dá reuniões, é médico que atende, ali dança... É muita coisa sabe? É aula de dança, essas coisas tudo lá. Então pra gente tá mexendo lá, pra gente tá usando lá, a gente tem que deixar tudo limpo. Aí eu falei, lá é muito grande pra eu ficar limpando só né, aí passei a fazer em casa. E a gente lá caiu muito as vendas sabe, nossas coisa lá tava indo muito longe já. (entrevista Abelarda – agosto 2012)

⁴¹ Inicialmente a cooperativa produzia apenas doces, mas alguns anos depois passaram a produzir salgados também, apesar destes não terem a mesma saída dos doces.

Na entrevista com a Alcione ela também comentou o fato dos membros da cooperativa usarem o Centro Cultural e apontou também outros problemas enfrentados por elas:

...elas podiam fazer os doces, só que é o seguinte, o povo ia lá pra fazer reunião, elas punham papel higiênico, elas limpavam o centro, elas compravam detergente, elas compravam desinfetante, elas viraram empregadas do Centro, ta entendendo? E escoamento do produto? Pra onde que esse produto está escoando? E como produzir o produto? Então é o seguinte, você tem seis mulheres, mas num tem uma linha de produção praquilo realmente e num tem o principal, que é isso que aconteceu o tempo inteiro sabe? (entrevista Alcione – agosto 2012)

A Efigênia, que toma conta do Centro Cultural, comentou que a intenção do consórcio é fazer uma cozinha para a cooperativa próxima da rádio comunitária, mas que para isso precisariam do aval da prefeitura. Como na época em que fiz o trabalho de campo era período de eleição, ela comentou que o consórcio estava esperando passar as eleições para poder negociar com a prefeitura. É curioso o fato de que 10 anos depois do enchimento do lago da usina a cooperativa ainda não tem uma sede própria para que seus membros possam exercer o seu trabalho adequadamente. Este fato me remeteu ao caso dos pescadores da comunidade do funil, onde o consórcio empreendedor construiu um enorme Centro de Beneficiamento de Pescado (“elefante branco” como os pescadores se referem a ele) que custou muito dinheiro e até hoje não tem nenhuma serventia. Como me disse um pescador durante a pesquisa para a monografia:

...uai, falaram assim, ah, vamos fazer um frigorífico, mas eu falei frigorífico não é o caso agora, nos temos primeiro é que cuidar da roça pra depois cuidar da venda, porque o peixe a gente sabe como vender, ainda que rusticamente mas a gente sabe como vender, mas agora, ah não, tem que fazer um frigorífico, eu falei vamos gastar 300mil reais numa coisa que pode fazer falta hoje, eles: não, vamos fazer, fizeram e ta ai um elefante branco, um dia vieram reclamar ai o pessoal da FEAM, eu falei com eles, ué, você planta uma roça, você ara, você tem que cuidar de produzir primeiro, não adianta você criar uma cooperativa pra vender o produto se você não colheu ainda, e aqui começou de cima pra baixo, tinha que começar lá, incentivar o pescador lá, olhar o pescador, trazer curso, manter o cara, se fosse o caso até bancar um salarinho pro cara, dar uma gasolina, pra incentivar, não gente, vamos produzir, vamos aprender a pescar, vamos criar peixe, ai sim, agora todo mundo tem peixe, agora sim, vamos preocupar com a venda, ai pensa, vai montar o frigorífico? Não, não precisa, ou sim, vamos precisar, mas isso aqui eles fazem sabe pra quê? Pra mostrar pra FEAM, pro governo do Canadá, esses dias veio um canadense aqui e eu falei pra ele, olha companheiro, não adianta você vir aqui ver centro de beneficiamento de pescado não porque o peixe que vai entrar lá só se for de fotografia, não tem peixe, se você quiser eu vou lá e boto uma foto de um peixe porque não tem, ele disse, uai, mas isso aqui é a melhor coisa que tem, eu falei companheiro, a melhor coisa que tem é pescar o peixe, depois como vai vender é um outro processo, aqui não, fizeram errado... (entrevista Alessandro, junho de 2010)

A fala do Alessandro é muito parecida com o comentário da Alcione quando ele fala que o consórcio promove esses programas de reativação econômica “só para mostrar pra FEAM”, realmente me parece que esses projetos servem mesmo apenas como um procedimento necessário para a obtenção das licenças ambientais.

Um fator interessante de se destacar aqui é a discrepância de investimentos relativos a esses programas na Comunidade do Funil, que é significativo, e no bairro Nova Pedra Negra, bem menor. Até janeiro de 2011 tinham sido gastos um total de R\$ 1.532.958,29 (um milhão, quinhentos e trinta e dois mil, novecentos e cinquenta e oito reais e vinte e nove centavos) para o desenvolvimento de todos os projetos das comunidades atingidas, o que inclui o fornecimento de insumos e serviços. Se levarmos em consideração o que foi gasto exclusivamente na Comunidade do Funil, observamos um investimento de R\$ 349.015,36 (trezentos e quarenta e nove mil, quinze reais e trinta e seis centavos). O montante gasto exclusivamente na comunidade Nova Pedra Negra foi de R\$ 33.885,05 (trinta e três mil, oitocentos e oitenta e cinco reais e cinco centavos), referentes à construção do Centro de Artesanato de Bambu. Tirando apenas um investimento exclusivo na Comunidade de Macaia, no valor de R\$ 53.491,78 (cinquenta e três mil, quatrocentos e noventa e um reais e setenta e oito centavos), o restante dos investimentos atendiam a todas as comunidades ao mesmo tempo (pagamentos referentes às empresas de consultoria, técnicos da EMATER, etc) (Mota, 2011).

É difícil afirmarmos o motivo para tal discrepância, mas de certo ela está diretamente relacionada à capacidade de mobilização e organização da comunidade frente a tais processos, o que remete também à atuação de seus líderes. Precisariamos aprofundar a pesquisa nas duas comunidades para entendermos melhor este fato, no entanto, me parece que a luta dos pescadores do funil para serem incluídos nos programas de reativação econômica⁴² surtiu efeito. A princípio o consórcio empreendedor não queria compensar a atividade da pesca que era realizada na Ponte do Funil, justamente por ser considerada ilegal. No entanto, a partir da pressão exercida pelos pescadores⁴³ e pela FEAM, que reconheceu esta como uma atividade de subsistência para várias famílias da comunidade, o consórcio acabou sendo obrigado a

⁴² Para uma análise mais profunda desta questão ver Carvalho (2010).

⁴³ Alguns chegaram inclusive a levar o consórcio na justiça por terem se sentido injustiçados durante o processo de implantação da UHE Funil.

compensar a atividade que, com o passar dos anos, passou a ser aquela que mais recebeu recursos do consórcio empreendedor.

Como vimos anteriormente, na comunidade de Nova Pedra Negra as lideranças que assumiram o papel de negociação com o consórcio foi bastante questionada pela população local. Além disso, durante o trabalho de campo não consegui perceber nenhum movimento de resistência mais consistente nesta comunidade, que a meu ver acabou sendo “levada pelo processo”, sem ter nenhuma autonomia frente às questões que estavam enfrentando. Acredito que esses podem ser alguns indícios que expliquem aquela discrepância de investimentos.

Outro fator a ser levado em consideração diz respeito ao critério para os investimentos do consórcio nestes programas. Quando conversei com os atingidos da Comunidade do Funil a respeito dos programas de reativação econômica, eles me disseram que os investimentos eram proporcionais aos resultados alcançados, ou seja, se o consórcio percebia que determinado programa estava dando certo, se estava dando algum retorno, eles investiam, caso contrário não. Como quase todos os programas na Nova Pedra Negra fracassaram, conseqüentemente os investimentos neles foram menores.

Na comunidade do Funil os três programas de reativação econômica lá implementados (Artesanato, Agricultura e Pesca), apesar das muitas dificuldades enfrentadas, ainda continuam funcionando. Já na comunidade de Nova Pedra Negra, o único projeto que ainda está funcionando é o da culinária por meio da cooperativa de doces e salgados que depois de ficar um tempo parado hoje em dia existe um esforço no sentido de tentar retomar as atividades. No entanto, o que podemos observar é que, em termos do número de famílias atingidas nas duas comunidades, a quantidade de pessoas que estão participando desses programas é muito pequena e, portanto, não dá pra considerar estes programas como alternativas efetivas de renda para a população atingida pelo empreendimento.

2.1.4. Os cursos de capacitação oferecidos

Além desses projetos de reativação econômica, o consórcio empreendedor também ofereceu vários cursos de curta duração, que contou com a participação de um número significativo de pessoas da comunidade de Nova Pedra Negra, no entanto, eles também não tiveram um bom resultado. Segundo os atingidos os técnicos vinham,

ensinavam algum curso, mas não davam continuidade às atividades. Em relação a este aspecto, durante entrevista com João ele comenta:

É, teve, mas só pra quem tava fichado, só pra quem já tinha um serviço lá, igualzinho nois tava comentando aqui, só que tem que eles vieram com uns projetos aqui, artesanato, porque a gente também...vamos falar o quê que aconteceu, artesanato de bambu, fazer uma sandalhinha, fazer doce, porém nenhum deles foi pra frente (...) Não foi pra frente porque? Não tinha uma renda, não tem como você ficar por conta daquilo ali, não da pra viver daquilo, então se eu falar pra você que nunca veio nada aqui é mentira, eu estaria mentindo, eles vieram eles fez curso ai de bambu, eles fizeram curso dessas coisas que eu te falei ai, só que tem que ninguém, poucas pessoas foi, mas ninguém está até hoje com isso (...) não foi só o bambu que não deu certo, doce andou discutindo entre elas que a própria pessoa me falou, eu estudei com ela e ela me falou, tentou artesanato de não sei o quê, não funcionou, jardinagem, vieram cá deram uma semana de jardinagem, de baixo daquela árvore, mas não leva a pessoa pra praticar o quê que adianta? Daqui mesmo eu vi 5 pessoas trabalhando lá, o rapaz estava ensinando jardinagem, mas se você não por em prática não adianta, tudo bem que as vezes as pessoas falam que o fulano precisa da vara pra pescar, mas não é assim não, eles tem que levar a pessoa lá no rio(...) leva ele lá e mostra e depois fala que agora é por sua conta, mas vem cá, você me da um curso aqui, fala assim, não João, eu vou de dar uma chance, eu vou te por dentro dessa empresa ai, mas ai se você não der um ponta pé também pode largar, mas o que aconteceu com eles foi isso, parece que eles não deu aquele ponta pé inicial, eles trouxe o curso e...(entrevista João, fevereiro de 2012) [grifos meus]

Nesse sentido, os cursos acabavam não tendo nenhuma serventia, segundo Alcione, na época de sua inauguração o consórcio empreendedor organizava até uma festa, convidava o prefeito da cidade e outras pessoas com certa notoriedade, soltava fogos de artifício e tudo mais, mas depois ia embora e não dava continuidade às atividades. Ao perguntá-la sobre os cursos que o SENAR e o SEBRAE ofereceram em Pedra Negra, ela respondeu que foram vários, mas que eram cursos que não eram adequados ao perfil dos moradores do lugar, em suas palavras:

Deu uai, deu, um monte (...), de várias coisas, de ser empresário essas coisas, o dia que eu vi a tia Nêga... (...) Não, excelente o curso uai, eles só esqueceram de um detalhe: que o povo era analfabeto, num sabia nem ler nem escrever né! Então todo mundo sentadinho fazendo curso, e os doutor lá na frente falando (...) Quando eu vi a Tia Nêga, com oitenta e quatro anos fazendo curso de empreendedora (...) Uai, mas vem cá... Eu to te falando, enganação! Gente, quem pôs na cabeça desse povo que aquele povo vai ser empresário, empreendedor, os que podia ser eles puseram pra correr! O Alessandro⁴⁴ ele foi o primeiro que eles puderam pra correr (...) Ô, cê pensa (...) Imagina eles fazendo curso do SEBRAE de empreendedor (...) não, o quê que é isso! E montam barraca, sabe, chamam banda, solta foguete, e vem o cara lá da Vale, e vem... sabe aquela coisa? (...) você lá vendo aquilo tudo, com aquele monte de docinhos, a tia Nêga com os docinhos pro próprio povo

⁴⁴ Pescador da comunidade do funil que segundo Alcione tem uma visão empreendedora, tinha ótimas ideias, mas que por ser uma liderança que “batia de frente” com o consórcio eles acabaram se desentendendo.

dali ne, pro próprio povo comprar. Aí vem uns chefes e tudo, compra, eles acha que fez um faturão né, que vendeu bem toda vida. Aí o SEBRAE leva o outro que tira sangue, outro que corta cabelo, um outro... “Ah, vamos fazer inscrição”, aí faz a inscrição do curso de empreendedorismo, vai lá todo mundo fazendo inscrição... E aí vai né (...) foram lá, fizeram e racharam fora, entendeu. Eles deixam na mão do povo, sem estrutura (...) Não, vai lá põe uma horta... Depois deixa o seu Zé lá, coitadinho... Sabe? Aí diz “ah, deixa na mão da comunidade”. Não. Tem que ter interferência sim, isso tem que ter interferência, tem que ter gente que sabe conversar, que sabe falar na cabeça sabe... Igual eu falei pro Paulo, eu falei “em vez de cês plantar igual cês plantaram lá alface, tomate, coisa pra eles vender na feira, porque que num plantou só pimenta? E pegava as mulher fazer conserva... é, pimenta? Engarrafar pimenta? Geléia de pimenta num sei que...”. Eu falei agora pra eles lá. Então e falei assim “cês querem construir uma cozinha, o trem tá lá parado lá do, do... o galpão que foi feito o bambu tá parado. Reforma, faz um...”. Porque que num fizeram a cozinha lá pra elas? Então assim, vamos associar... As mulher lá da Ponte do Funil pelejaram com os balainho de banana lá, que eu não sei de onde que eles arrumaram aquilo, que aquilo nunca foi da nossa região, né. Os cara viram os balainho de banana, e fica as bobinha lá tadinha, aqueles meia dúzia de balainho né? Vai passar fome, vai morrer tudo de fome. Aproveita o balaio delas, associa com o doce de goiaba que produzia... É isso que tem que ser feito, mas... Escoa esse produto pra algum lugar. Aí tem que entrar outra pessoa, aí o consórcio teria que ter um contrato ou algum agente que... né? Tem que ter alguém o que? Que coordene esse trabalho aqui (...) fizeram um monte de curso lá. Então o investir deles é ir lá e dar curso pro povo. Ah, ó, nós ensinamos, nós ensinamos...mas peraf uai...(entrevista Alcione, agosto de 2012) [grifos meus]

Além do mais, os atingidos também não conseguiam ver como poderiam utilizar aquilo que foi aprendido. Durante o trabalho de campo, em conversa com uma moradora local, dona Edelmira, sobre os cursos oferecidos pelo consórcio empreendedor, ela confirmou que realmente foram vários, de diferentes tipos, mas disse que “gente velha, acostumada a lidar na roça, não dá pra esses tipos de serviços não”, segundo ela esses cursos são “pra gente jovem, a cabeça nossa não acostuma com essas coisas não”.

No entanto, em conversa com um grupo de moças que estavam trabalhando na divulgação para a campanha política no bairro, elas comentaram que, no começo, o consórcio ofereceu um monte de cursos, jardinagem, corte e costura, salgados, doces, plantas orgânicas, mexer em horta, com embutidos, trabalho em couro e muitos outros. Cada uma delas disse ter participado de vários deles, mas que não serviram de nada, falaram que nunca usaram esses cursos pra nada, que o pessoal na hora de contratar para um emprego não pede esses cursos e, portanto, eles não tiveram nenhuma serventia. Comentaram que na busca por emprego o que geralmente se pede é um curso de computação e coisas do tipo.

Nesse sentido, os cursos oferecidos pelo consórcio parecem não ter alcançado nem os mais velhos nem os mais novos, durante o trabalho de campo pude perceber que

ambos reclamavam da falta de emprego. Enquanto conversávamos sobre os cursos oferecidos pelo consórcio empreendedor, perguntei às meninas em que elas estavam trabalhando hoje em dia e elas me responderam que em nada, apenas na panha do café, que acontece todo ano, e agora estavam trabalhando também na campanha política. Comentaram que hoje em dia está muito difícil arranjar emprego.

No diagnóstico realizado por Alcione Lopes no ano de 2011 sobre o perfil sócio-artístico cultural de Pedra Negra, ela apresenta um registro dos principais interesses dos moradores do bairro em relação à qualificação profissional. Separados por faixa-etária e gênero, ela expõe esses interesses através de três gráficos que reproduzo aqui:

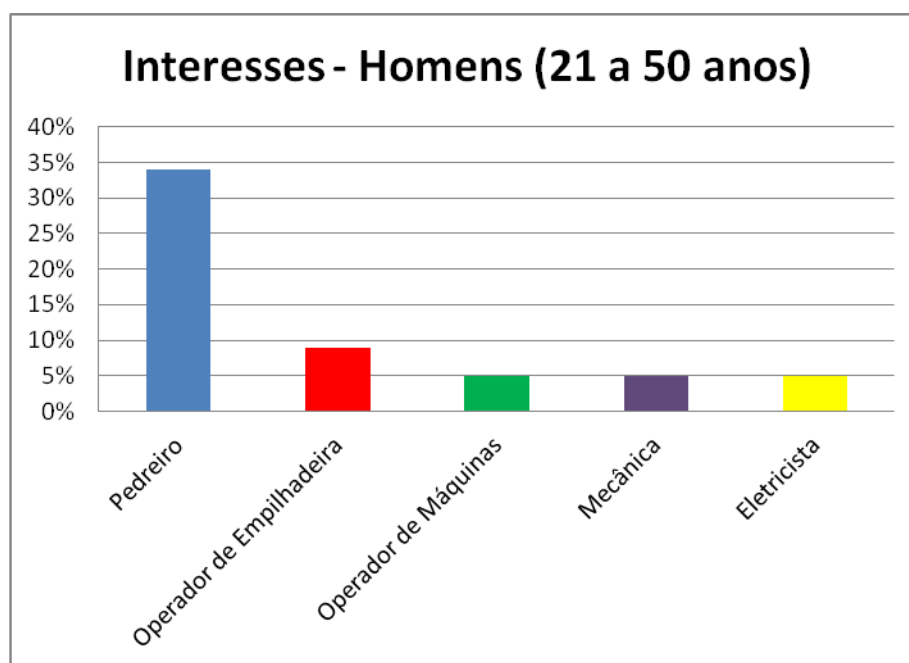


Gráfico 1 – Fonte: (Lopes, 2011)

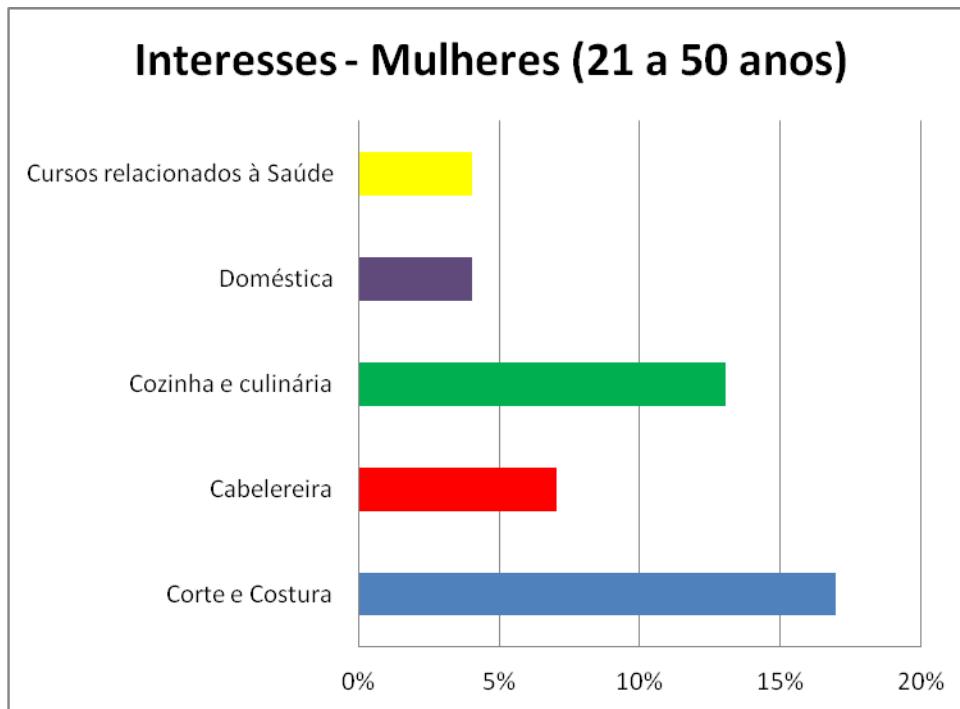


Gráfico 2 – Fonte: (Lopes, 2011)

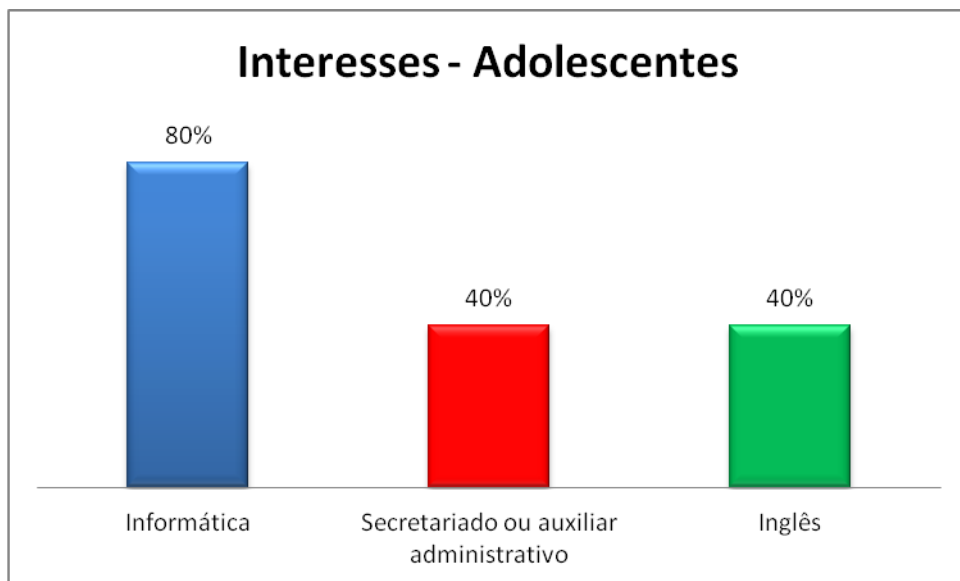


Gráfico 3 – Fonte: (Lopes, 2011)

Os dois primeiros gráficos representam os interesses de 60 homens e 53 mulheres, respectivamente, com idades entre 21 e 50 anos. Já o terceiro gráfico representa os interesses de 25 adolescentes entre 13 e 20 anos. Na pesquisa Alcione também chama a atenção para o fato dos cursos relacionados à informática terem sido apontados por 30 famílias como necessidade geral de crianças, jovens e adultos. Como

podemos ver, os cursos de maior interesse apontados pelos pesquisados foram os de pedreiro, culinária, empilhadeira, informática, secretariado, inglês e corte e costura.

Em conversa com a Alcione, ela me disse que já apresentou o trabalho realizado ao consórcio AHE Funil que, a princípio, se mostrou interessado. No entanto, até o momento de nossa conversa ainda não tinham dado nenhum retorno quanto à possibilidade de implementação das propostas sugeridas no diagnóstico.⁴⁵

Nesse sentido, ao analisarmos os meios de vida da população de Nova Pedra Negra, podemos observar que os programas de compensação propostos pelo consórcio empreendedor que, como vimos, geralmente servem como medidas suficientes para a liberação das licenças ambientais necessárias à efetivação do empreendimento, não se consolidaram enquanto estratégias de vida para a população atingida, que tiveram que recorrer a outros mecanismos para garantir sua sobrevivência.

2.2. Mudanças e permanências em relação ao trabalho

Como vimos anteriormente, a quase totalidade dos moradores da velha Pedra Negra era de trabalhadores rurais. Todos os atingidos que entrevistei e todos aqueles com os quais conversei durante o trabalho de campo a respeito do tipo de trabalho que era realizado antes da construção da usina, me disseram que trabalhavam em “serviço de roça”, como os próprios denominavam. Durante entrevista com Pedro, morador local, ele comenta sobre o tipo de trabalho exercido na velha Pedra Negra:

Era serviço de roça né, com plantação das coisas, era milho, café, feijão, arroz...na época nois plantava muito arroz (...) nois plantava pra nois comer, pai plantava, engordava muito porco, mexia com muita galinha né, nossa, na época tínhamos muito porco e galinha, tinha peru, pato, quando nois morou lá a gente tinha tudo quanto é tipo de criação (...) tudo vinha era das culturas do terreno dele [pai] lá, nois plantava lá e... tinha lá um...essa menina ai tava até falando, tinha até moinho d'água no fundo da nossa horta lá, então moia fubá, grosso pra porco, fino pra gente mesmo (...) mexia com carro de boi, na roça, plantar, aquelas coisas que nois plantava de mão, ôh mais nois sofria (...) não tinha jeito de estudar porque a vida era difícil. (entrevista Pedro, fevereiro de 2012)

⁴⁵ Na pesquisa Alcione também apresenta algumas habilidades identificadas entre os moradores locais e aponta também possíveis parceiros para o desenvolvimento de projetos que viabilizem a realização dessas habilidades. Foram citados os nomes dos moradores que se disseram hábeis nos seguintes quesitos: Costura (7 moradores), crochê e bordados (3 moradores), Artesanato em bambu (3 moradores), artesanato em couro (4 moradores), miniatura em madeira (1 morador), arte em madeira, pintura e desenho (1 moradora), escultura em pedra sabão e em papel marchê (1 morador), arte em reciclagem (1 moradora), pintura em tecido (2 moradores) e culinária (7 moradores). Como vimos, foram oferecidos pelo consórcio empreendedor alguns cursos relativos a algumas dessas habilidades que, no entanto, não tiveram êxito.

Na pesquisa anteriormente citada, realizada pela Alcione no ano de 2011, ao descrever sobre a ocupação dos moradores de Pedra Negra, ela constata uma forte presença do trabalho informal.⁴⁶ Dentre estas atividades, a que se destaca é a panha do café, que acontece entre os meses de maio a setembro. Segundo Alcione, após este período “o serviço se torna escasso”. Ela também aponta a presença dos antigos fazendeiros locais como importantes empregadores, destacando-se a Fazenda Aliança, de Vicente Reis, a fazenda do Luiz Fernando Azevedo Andrade, a fazenda do Hélio Costa, do Vicente Borges e da Barra (Lopes, 2011). Para alguns destes trabalhadores que possuem emprego nas antigas fazendas da região de Pedra Negra o consórcio empreendedor garante o transporte por meio do passe de ônibus que é disponibilizado aos mesmos⁴⁷.

Durante as entrevistas realizadas alguns moradores do local falaram das pessoas que ainda trabalham na velha Pedra Negra:

É, porque aqui tem uma turma que trabalha pro Luiz Fernando, que é esse de Santo Antonio, tem outros que trabalha pro Vicente Borges, tem uns que trabalha pro Fernandinho, que é genro desse Vicente Borges, que é o que mora em Perdões mas trabalha na fazenda do sogro aqui, mexe com alambique de pinga, com lavoura de café, essas coisas todas e o povo trabalha pra ele, e fora os outros que tem, o filho da Assuely que mexe com lavoura de café e o povo trabalha lá também, e tem esse médico, vc conhece? O Péricles, lá de Lavras, ele é irmão do Carlos Alberto, também a turma trabalha pra ele também né, vai todo dia de ônibus (...) eu só não sei a hora que esse consórcio parar de pagar esse passe ai né, aí a coisa vai ficar feia. (entrevista José, fevereiro de 2012)

É, a gente ia até dia de sábado, mas agora o ônibus não tá indo dia de sábado não. Muito pouquinho gente vai. Agora na época de panha vai..não, vai até sexta também, mas ele vai lotado, época de panha vai muito, porque tem as fazenda do Fernando, ih, na panha de café tem muita gente que vai panhar café lá, vai todo mundo, em peso, homem, mulher, enche mesmo (...) dia a dia é pouca gente, a Célia, o João, só nessa época que eles estão plantando mais café, ai eles contrata umas mulher pra ajudar, umas outras pessoas diferentes pra ajudar, eu mesmo entro um cado, mas de contrário é pouco, só uma turminha do Fernando e a turma do seu Vicente, deve dar umas 15 pessoas, de 20 pra traz, ai não dá muito futuro né? É por isso que dia de sábado eles não vai, que tem uma turma que trabalha dia de sábado, só a turma que faz pinga, ai vem a Kombi do rapaizinho e leva os fazedor de pinga, leva eles na Kombi e fica lá até duas horas, antes era até 11hs, agora fica até as 14hs. (entrevista Pedro, fevereiro de 2012)

⁴⁶ Alcione entende como trabalho informal aqueles onde não se tem carteira assinada. Na pesquisa por ela realizada, 62 pessoas, cerca de 50 % dos trabalhadores ativos, declararam que trabalham sem registro em carteira.

⁴⁷ Vários entrevistados me disseram que, quando chove, o ônibus não tem como ir até o local de trabalho na velha Pedra Negra, devido às péssimas condições da estrada que ainda é de terra.

Neste sentido, podemos observar que “o serviço de roça” ainda é uma atividade importante entre os atingidos. Acostumados desde novos a trabalhar no meio rural, principalmente na cultura do café, o que podemos perceber é que muitos mantêm uma preferência a este tipo de trabalho em detrimento aos empregos na cidade. No entanto, muitos moradores com quem conversei demonstraram uma descrença em relação à possibilidade de manutenção do “serviço de roça” que, segundo eles, já estava ruim mesmo antes da construção da UHE Funil e hoje tende a acabar.

Durante o trabalho de campo, em conversa com o Sr. Abel, outro morador local, ele me contou um pouco sobre a relação dele e de sua família com a questão do trabalho. Abel tem 6 filhos, 4 homens e 2 mulheres; os filhos trabalham na Autotrans (motorista, pintor, mecânico), em Lavras, e já haviam começado a trabalhar lá antes da represa. Uma de suas filhas havia feito um concurso para a Prefeitura de Ijaci e passou. Segundo Abel o serviço de roça já estava muito ruim naquela época.

Abel trabalhou a vida toda em “serviço de roça” e até hoje ainda trabalha, de vez em quando, pra duas pessoas lá na velha Pedra Negra, faz roçado pra um e ajuda na produção de cachaça do outro; o consórcio dá o passe pra ele todo mês. Mas segundo Abel, “o serviço de roça hoje em dia tá muito custoso”, já não tem mais serviço direito e os que ainda tem se paga muito pouco. Pra ele está cada vez mais difícil mexer com roça, o adubo é caro, o pessoal tem dificuldade de plantar, ai não contrata. Quando se produz leite, paga-se muito pouco, 70 centavos, e segundo ele não compensa.

Achei curioso o fato de que o Sr. Abel, ao mesmo tempo em que afirmava haver mesmo uma tendência de “a roça acabar”, me contava de um dos seus filhos que não deu certo na Autotrans porque, segundo ele, seu filho não queria ser mandado do jeito que era e por isso preferia trabalhar por conta própria, então juntou com outros dois irmãos e compraram um pedaço de terra em Ijaci mesmo. Abel comentou que eles chegam a tirar 40 litros de leite por dia e têm também uns “garrotinhos”, além de uma boa horta. Ao falar da horta do filho, Abel lembrou da que tinha na velha Pedra Negra, segundo ele enorme, e que por isso chegou inclusive a receber uma compensação do consórcio empreendedor pela sua perda.

Em relação à produção de leite e o “serviço de roça”, atividades predominantes na velha Pedra Negra, outro entrevistado também comenta a dificuldade de manter este tipo de serviço hoje em dia:

Ficou difícil, eu tenho um irmão que mexe lá [antiga Pedra Negra] pra mim, mas é preciso de eu dar o leite de meia pra ele poder mexer pra mim lá, porque como é que eu vou fazer, fica longe pra mim ir lá todo dia(...)porque as coisas tudo encarece, mas o supermercado não quer deixar a gente encarecer (...) nota fiscal encarece (...) mas a gente aposenta e tem... é aposentado né, e tem essa rendinha desse leite lá na Pedra Negra né (...)a minha parte do leite eu acho que não dá nem pra pagar a despesa do gado não (...), o leite hoje é muito bom depois que ele cai nos laticínios pra lá, ai miora, mas pra cá é difícil (...) meu irmão também já está ficando sozinho por lá, ele gosta de mexer com aquele trem lá (...) antigamente tinha fazenda lá que tinha uns 20/30 empregado, hoje tem fazenda lá que é capaz de não ter nenhum, se tiver é uns 2, 3 lá, só pra cuidar do gado, então diminuiu muito a população lá (entrevista Carlinhos, fevereiro de 2012)

Pelo que pude constatar durante a pesquisa, o argumento que os moradores usavam pra explicar o fato de o “serviço de roça” na velha Pedra Negra está acabando está relacionado a uma conjuntura mais ampla que afeta o trabalho no meio rural brasileiro de forma mais geral. Mais a diante na entrevista Carlinhos comenta:

...hoje o serviço tá acabando porque naquele tempo capinava café tudo era na enchada, hoje já não capina mais café na enchada mais né, tudo é com randape ou máquina né, essas coisas, o povo da roça, o serviço da roça enfreqüeceu muito né, hoje, tirando a panha de café, quase não tem serviço mais na roça, onde trabalhava 15/20 lá na Pedra Negra, hoje ta trabalhando 4, pra fazer o mesmo serviço, só na época de panha que aumenta mais gente, ai eles põe mais gente, mas do contrário não, então é isso ai, teve uma quebra de umas 10 pessoas ou mais né, em cada fazenda daquela, tinha fazenda lá que trabalhava 20, tinha outra que tinha uns 50 empregados lá, e hoje se você for lá é capaz de não ter 10, tem uns que mexe com trator, essas coisas assim, mas no mais (...) os retireiro de lá acabou quase que tudo também, lá na Pedra Negra velha, que ainda tira leite mesmo é só eu e uma vizinha lá, o resto acabou tudo também, os fazendeiros grande morreram, os velhos morreram, e os filhos não permaneceu com aquele trem não, largou né, foi fazer outras coisas, mexer com gado de corte...o retiro naquele tempo dava muito serviço né, sempre tinha fazenda que tinha uns 2/3 retireiros, tratando de gado, plantando capim, cortar, picar, aquele trem, sempre deu muito serviço fazenda de retiro, hoje acabou também né, se tem que plantar um milho pra encher o cilo, hoje a máquina já vai lá, já colhe ele e joga lá né, umas 2 ou 3 pessoas fazem aquilo ali, de primeiro não, trabalhava uns 8/10, tinha que cortar o milho, juntar aquilo, por na vala, levar lá no cilo, encher, socar, ah hoje mudou tudo, diminuiu muito a mão de obra né, a parte pobre nessa parte ficou prejudicada né, os trabalhador ficou prejudicado nisso ai né, porque tirou muito o serviço deles né... (entrevista Carlinhos, fevereiro de 2012) [grifos meus]

Além desta conjuntura mais ampla desfavorável ao “serviço de roça”, segundo os moradores, este tipo de trabalho também não é exercido no novo local de moradia por falta de condições. A distância em relação ao antigo lugar de trabalho e a impossibilidade de manutenção deste tipo de atividade em um bairro urbano que não apresenta as condições necessárias para a prática deste tipo de serviço (eles não têm lugar para plantar ou cuidar de criação) não deixam escolhas aos moradores que acabam sendo obrigados a procurar outras formas de obtenção de renda:

Nois tinha um terreninho lá que era nosso, nois trabalhava no que era nosso né, então, nois mudou pra cá acabou que eu tive um prejuízo grande porque nois tinha as engorda dos porcos, me dava ai uns...naquela época me dava quase que um salário por mês, de porco, que eu vendia lá, eu perdi isso, porque todo mês eu matava um e vendia pra turma lá, eu tinha a minha freguesia lá, ai vendia, e tirava o leite também, eu mesmo pegava e tirava o meu leite, não dependia de ninguém pra fazer pra mim, plantava umas lavoura lá, até o José ali plantava de meia comigo, tinha uns dois ou três empreiteiro que plantava de meia comigo, e eu plantava um pedaço só pra mim também, minha parte né, eles topavam, e tudo, acabei perdendo isso tudo, até os meeiro eu perdi, e essa parte ai eu não recebi nada da perda disso ai não, eles indenizaram a casa, essas coisa que tinha eles indenizou, indenizou o que a água pegou, mas as perda de coisa eu não recebi nada por isso não... e vim pra cá, aqui não pode ter o porco, não posso ter gado aqui porque fica longe, pra mim ir lá tirar esse leite é longe, porque puzeram um ônibus ai que ele vai lá, mas em dia de chuva não vai, e retiro é um trem que tem que ser todo dia né, não pode falhar (entrevista Carlinhos, fevereiro de 2012) [grifos meus]

Como podemos perceber, esta dificuldade em relação ao trabalho com a terra, produzindo, traz algumas consequências negativas aos atingidos. A grande maioria das pessoas com quem conversei comentaram que, na velha Pedra Negra, “tinham de tudo lá” (horta, pomar, etc), “plantavam de tudo” (arroz, feijão, milho, etc) e por isso não precisavam de comprar quase nada para o sustento da família. Durante o trabalho de campo, em conversa com uma senhora que se encontrava sentada junto à outra senhora e um casal de jovens na calçada de uma rua do bairro Pedra Negra, ela me contou, como muitos outros, que trabalhava na roça e que tinha de tudo onde morava, pomar, horta, plantava de tudo e por isso não comprava praticamente nada de comida. Disse que aqui, no novo local de moradia, ela também não passa fome, mas que tem de comprar de tudo, falou que faz supermercado e gasta por volta de 200/300 reais por mês, o que ela considera muito caro.

Várias outras pessoas também reclamaram do fato de, depois da transferência, terem que comprar praticamente toda comida que consomem no supermercado:

...antes sempre tinha aquela sobra (...) hoje já não tem o que a gente tinha lá né, aqui tudo que a gente depende hoje tem que buscar lá no supermercado, e lá não, lá eu tinha meus porco, tinha meus feijão, tinha arroz, tinha milho, tudo isso nois plantava lá, plantava de tudo, tinha horta, tinha até uma horta lá que era grande, tinha um pedaço lá que eu plantava cana nele, tinha um vizinho lá que me comprava essa cana todo ano, essa cana me dava açúcar pra eu tomar café o ano inteiro, então nem açúcar eu não comprava lá... e aqui eu perdi isso tudo né...agora tem que comprar tudo no supermercado, tem que buscar tudo lá...e diminuiu a minha renda né, porque eu perdi o leite, perdi os porcos, e perdi também a parte que eu mesmo fazia e colhia, que eu mesmo consumia né, não gastava dinheiro pra comprar essas coisas não, comprava assim, um macarrão, um sal, que a gente comprava lá, carne mesmo era difícil de comprar porque tinha galinha, matava porco todo mês, tirava um pedaço pra nois comer também né... eu acho que nessa parte eu levei muito prejuízo...(entrevista Carlinhos, fevereiro de 2012)

Além dos alimentos plantados no próprio terreno, próximo às casas, uma outra atividade bastante comum entre os moradores da velha Pedra Negra e que também garantia o sustento de muitas famílias era o trabalho de meia. Durante entrevista com o Sr. José, ex- meeiro, ele comenta sobre suas antigas atividades:

Uai, lá assim, porque nois trabalhava, igual, eu trabalhava pra esse Luiz Fernando, mas eu tinha meus quebra-galho do lado, eu plantava arroz, feijão, milho, essas coisas, mas quando eu não podia ir lá cuidar eu punha um pra cuidar pra mim sabe (...) trabalhava de meia com o rapaz (...) a gente tirava o pro gasto e o resto que sobrava a gente vendia né (...) [pomar, horta] era só na onde a gente morava né, que tinha a horta, as laranja, tinha a horta de couve que nois plantava, plantava couve, alface, repolho, tudo isso nois plantava, não plantava muito mas pro gasto nois plantava né (...) engordava um porquinho também, tinha as galinha, né... (entrevista José, fevereiro de 2012)

Quando perguntei se ele achava que a vida tinha melhorado ou piorado depois da construção da usina ele respondeu que:

Pra mim piorou...piorou...porque quando eu tava lá eu trabalhava, eu tinha as minhas vaquinhas, eu tinha o meu mantimento, tudo que eu colhia né, e como se diz, eu tirava o que eu gastava e o resto eu vendia, e agora aqui eu tenho que buscar tudo no supermercado, é caro né, e não é igual aos que eu colhia lá né. (entrevista José, fevereiro de 2012)

Carlinhos, para quem José trabalhava de meia, em entrevista, também comentou sobre o assunto:

as partes de meia lá funcionava assim, um arava um terreno, cercava, e dava de meia pra um sujeito plantar, e leva a semente, e o adubo eles pagava a metade e nois dava metade, e ele colhia, nois fazia o transporte, entregava a parte dele na casa dele e ficava com a nossa, ele plantava , colhia, e pagava a metade do adubo na meia, se tinha esterco de curral... nois lá tinha, mas não dava pra todo mundo não, mas nós usava esterco de curral naquelas partes lá também, eu mesmo gostava de usar esterco de curral naquelas partes pior, porque o esterco de curral é muito bom, você põe naquelas partes pior e ele dava bom resultado, melhor de que o adubo, mas ai num ponto acabou tudo né (...) antigamente você dava de meia com esse povo, pros empregados tudo, todo mundo plantava roça lá, todo mundo tinha o que comer né, colhia aquilo, e hoje não, hoje você trabalha de salário e não tem nada, ele tem que vender daquele salário e comprar tudo né, de primeiro não, de primeiro você tinha lavoura, e tinha feijão, e tinha arroz, e tinha milho, e tinha porco, e tinha galinha, as vezes tinha um leite né, tinha umas criança pequena lá e dava o leite, fornecia o leite né, e hoje não, hoje acabou tudo...(entrevista Carlinhos, fevereiro de 2012) [grifos meus].

É interessante ressaltar o fato de que muitos moradores da velha Pedra Negra me afirmaram que, além de terem o sustento da família garantido pelos alimentos que plantavam e pelas criações que possuíam, antigamente nunca faltava serviço aos moradores locais. Em conversa com a dona Edelmira durante o trabalho de campo, ela me dizia que o emprego aqui na nova Pedra Negra é muito difícil de se arrumar, muitos

são aqueles que não conseguem arranjar serviço, e é por isso que é tão comum ver várias pessoas “por ai, de bobeira, sem ter o que fazer”. Comentou também que na velha Pedra Negra não era assim, todo mundo tinha serviço, todos trabalhavam na roça.

No entanto, em relação à mudança para o bairro de Ijaci, alguns moradores comentaram que, depois dos primeiros anos que foram bastante sofridos,⁴⁸ aos poucos, o pessoal foi conseguindo arrumar emprego e foram “se virando”. Durante a conversa com o sr Abel, ele comentava que, hoje em dia, a maioria das pessoas de Pedra Negra já conseguiu comprar seu carro, sua moto, (durante sua fala ele me pareceu dar importância a isso) e disse que “antigamente era só bicicleta e olhe lá”. Comentou também que a vida lá na velha Pedra Negra era muito limitada, que eles “não saíam nunca daquilo ali”, e que a mudança para a cidade possibilitou coisas novas aos moradores. Segundo Abel, se a pessoa tem saúde e força de vontade, se corre atrás, ela não passa dificuldade. Disse ainda que, “hoje em dia, tanto pobre quanto rico, tudo vive do mesmo jeito, ninguém morre de fome”.

Nesse sentido, como todo ser humano precisa criar condições que possam garantir a reprodução material de sua existência, e, nas palavras de um atingido, como “o serviço de roça hoje em dia tá muito custoso”, ao mudarem pra cidade de Ijaci, os moradores de Pedra Negra tiveram que encontrar outros tipos de trabalho, geralmente vinculados ao meio urbano.

Na pesquisa realizada por Alcione, ela chama atenção principalmente para os serviços na construção civil, que na época da pesquisa agregava 8 pedreiros e 9 serventes de pedreiros, número significativo tendo em vista a quantidade de trabalhadores apontados na pesquisa, 125 no total (Lopes, 2011)⁴⁹. É interessante analisarmos a importância deste tipo de trabalho entre os moradores pois, além do fato deste tipo de emprego ter crescido consideravelmente nos últimos anos, penso que a sua presença entre os atingidos está relacionado ao fato de que muitos deles já tinham algum tipo de experiência na construção. Como viviam em um meio rural, sem muita infraestrutura, muitos acabavam praticando este tipo de serviço, alguns chegaram

⁴⁸ Logo depois da transferência das famílias para o novo local de moradia, durante os primeiros meses, com o intuito de garantir a subsistência das famílias, o consórcio empreendedor chegou inclusive a fornecer algumas cestas básicas aos atingidos. Na comunidade do Funil, até a época da pesquisa de campo realizada em 2010, o consórcio ainda dava algumas cestas básicas aos moradores.

⁴⁹ Além destas atividades, a autora ainda destaca como empregadores na cidade de Ijaci a Camargo Correa, Empresa Quali, Supermercado Tunga, Metacaulin e pedreira do Tarcísio. Na cidade de Lavras ela elenca a Cofap, fábrica de queijos Verde Campo, AMHIR e ContruLara. Além destes, Alcione também aponta a presença de empregadas domésticas e faxineiras, principalmente em Lavras. (Lopes, 2011)

inclusive a me falar que foram eles quem construíram suas próprias casas. Durante entrevista com José, em relação ao patrão para o qual trabalhava na velha Pedra Negra, ele comentou:

porque lá pra ele eu fazia de tudo né, trabalhava de pedreiro, com tudo né, trabalhava o serviço que mandasse, aí saí né, depois que parei de trabalhar pra ele ai eu comecei a trabalhar assim, aqui e ali, fazendo bico né, serviço de pedreiro” (entrevista José, fevereiro de 2012)

Como no caso de José, muitos foram os moradores que me afirmaram viver de “bicos”, que não eram difíceis de ser encontrados por ali. Além disso, durante o trabalho de campo pude observar uma enorme rotatividade entre os trabalhadores do bairro Pedra Negra que, geralmente, não se mantêm em um mesmo emprego durante muito tempo. Isto me parece ser reflexo daquilo que Antunes (2010) denominou ser a “periferia da força de trabalho” que, a meu ver, representa bem os trabalhadores do bairro Pedra Negra e que compreende dois subgrupos diferenciados:

O primeiro consiste em ‘empregados em tempo integral com habilidades facilmente disponíveis no mercado de trabalho, como pessoal do setor financeiro, secretárias, pessoal das áreas de trabalho rotineiro e de trabalho manual menos especializado’. Esse subgrupo tende a se caracterizar por uma alta rotatividade no trabalho. O segundo grupo situado na *periferia* ‘oferece uma flexibilidade numérica ainda maior e inclui empregados em tempo parcial, empregados casuais, pessoal com contrato por tempo determinado, temporários, subcontratação e treinados com subsídio público, tendo ainda menos segurança de emprego do que o primeiro grupo periférico’ (ANTUNES, 2010: 62)

No entanto, apesar de o autor apontar os empregos temporários como uma tendência dentro das sociedades capitalistas, penso que o fato dos trabalhadores de Pedra Negra não permanecerem por muito tempo em um mesmo emprego também está ligado à dificuldade de adaptação por eles sentido em relação ao trabalho no meio urbano, que apresenta características distintas daquelas por eles vivenciados no meio rural. Durante entrevista realizada com a Alcione, ela afirma que os moradores de Pedra Negra não estão acostumados com o trabalho regular, de 8 horas por dia. Segundo ela, esta é uma rotina diferente pra eles e é por isso que não conseguem ficar por muito tempo em um mesmo emprego.

Este foi o caso relatado pelo Pedro que me disse preferir o “serviço de roça” e, mais particularmente, o “trabalho de empreito” em detrimento ao trabalho no meio urbano pois, segundo ele, o horário nestes caso é livre, mais flexível. Durante entrevista ele comenta:

“Não, assim, eu não parei de trabalhar na roça não, porque eu ainda fui panhar café lá, todo ano eu ainda panho café lá ainda. Eu aposentei, mas eu panho café todo ano. E a gente faz algum servicinho que tá aqui perto também, eu faço serviço de piá, eu não quero mais serviço pesado não, tá doido, eu tenho artrose nos dois joelho (...) aqui a gente mexe fazendo cerca, roçando pasto, servicinho mais leve, mas nois que somos de pegar pasto de empreito, porque empreito, eles pagou aquele tanto, nois trabalha na hora que quiser, pode chegar mais tarde, não tem horário pra pegar e nem pra parar...” (entrevista Pedro, fevereiro de 2012) [grifos meus]

Apesar da diferença entre as atividades praticadas na velha Pedra Negra e as que eram praticadas na Ponte do Funil, o problema em relação à adaptação ao tempo de trabalho regular também foi um aspecto importante que pude observar durante a pesquisa realizada com os pescadores desta comunidade. Como relatou a socióloga da empresa de consultoria ambiental⁵⁰ contratada pelo Consórcio empreendedor para fazer o acompanhamento dos Programas de Reativação Econômica da comunidade da Nova Ponte do Funil, ao colocar a piscicultura como alternativa à pesca artesanal antes praticada, a maior dificuldade encontrada se deu pelo fato de que isso implica em uma “verdadeira mudança cultural”. Segundo ela, os pescadores do Funil

têm uma cultura que eles pescam a hora que querem, do jeito deles, na hora que eles acham certo, e quando você muda para uma produção cotidiana, todo dia, quando muda o modo de produção e eles passam a ter que estar lá de tal a tal hora, isso eles não conseguem, não mudam, é difícil. (G., socióloga da Práxis, maio de 2010).

Além da temporalidade que rege o trabalho no meio urbano ser diferente da do meio rural, a sociabilidade que envolve ambas as atividades também é bastante distinta. A relação mais formal e burocrática que é característica dos trabalhos urbanos contrasta com a familiaridade e maior proximidade das relações que se observa nos trabalhos rurais, como é o caso da panha do café. Durante entrevista com a Alcione ela me descreveu sua experiência ao acompanhar um dia de trabalho na panha do café:

Agora eu acho o seguinte, serviço pesado, serviço cansativo, pesado... É alegre! Eu acompanhei a panha e é uma diversão (...) Até era muito engraçado, porque eu fui, acompanhei a panha com o pessoal, desde cedinho, desde a hora que eles saíram até a hora que acabou a panha, o dia inteiro aquela confusão e aquela palhaçada. (...) E eles cantavam né. Aí eles começavam a cantar... Eles chega... Muito legal. Sai cedo né! Aí chega faz oração pra proteger o dia, tem todo um ritual. Aí, chegar chegando não, tem todo um ritual, porque tem cobra, é perigoso o negócio sabe. Mas ó, pára pra almoçar ali todo mundo nas marmitinhas né, faz o foguinho ali mesmo, esquentar as marmitas né, toma um cafezinho, pita um paiêro e ó, e arrasta o pano! Então eles vão pegando aquelas rua né. Cê já deve ter visto a panha de café (...) E aquilo vai até de tarde. Agora é explorado também viu. O pessoal ganha muito nesses café pra pagar tão pouco. E parece que tá piorando

⁵⁰ Empresa Práxis Projetos e Consultoria, sede em Belo Horizonte.

quanto que tá pagando. Eles tiravam mais. (entrevista Alcione, fevereiro de 2012)

Apesar de ter conversado com alguns atingidos que relataram os benefícios proporcionados pelo trabalho urbano (especialmente aqueles que à época da pesquisa encontravam-se empregados), principalmente o fato de que este tipo de trabalho lhes possibilitou adquirir alguns conhecimentos e alguns bens que o trabalho na roça na velha Pedra Negra não havia lhes proporcionado (bens como carros e motos, que me pareceram ser bastante valorizados por muitos deles); o que pude observar é que o contato permanente com a natureza, o produzir, o plantar, o colher, e as relações sociais que envolvem essas atividades são muito valorizadas por boa parte dos atingidos pela UHE Funil.

Com o intuito de tentar compreender melhor a mudança nos meios de vida da população de Pedra Negra, mais especificamente no que diz respeito às estratégias acionadas pelas famílias na busca e realização do trabalho por eles exercido, apresento a seguir uma análise da trajetória da família de um morador local, o João⁵¹, no que se refere às suas relações sobre essa questão neste período. Faço isso como forma de expor um exemplo que, apesar de ser um caso particular, de uma única família, penso ser relevante para elucidar questões que podem nos ajudar a pensar a forma com que a comunidade de Pedra Negra vem lidando com a questão do trabalho a partir da construção da referida usina hidrelétrica.

2.3. A trajetória de uma família atingida em relação ao tema trabalho

Partindo da ideia de que os meios de vida não são estáticos e mudam de acordo com o ciclo de vida de cada indivíduo, inicio este item fazendo um resgate da forma com que o trabalho, entre os membros desta família, era exercido na velha Pedra Negra e, em seguida, a partir do acompanhamento mais próximo do dia-a-dia desta família e da trajetória de um indivíduo em particular realizado durante o trabalho de campo, apresento também uma análise das estratégias por eles acionadas na tentativa de construir e garantir os seus meios de ganhar a vida.

⁵¹ A escolha por fazer o relato da família do João em especial se deu pelo fato de que foi com ele que tive uma abertura maior durante o trabalho de campo e por isso pude também acompanhar de perto sua trajetória por um período de tempo relativamente extenso, quase um ano, que compreende o final de janeiro, período de realização do pré campo, até final de novembro de 2012, durante o último campo realizado.

Assim como praticamente todos os moradores da velha Pedra Negra, antes da construção da UHE Funil, a família do João também trabalhava em “serviços de roça” nas fazendas próximas à antiga comunidade. Como afirma a dona Onésima, mãe de João, “eu fui roceira demais, graças a Deus”. Durante entrevista realizada em agosto de 2012 ela comentava:

Nós panhava café lá (...) Ah, a vida até era boa. Era tipo assim, tempo de café nós ia pro café, panhava café, plantava na roça, milho, plantava feijão, panha de arroz, nós plantava arroz. Eu, meu esposo, meus filho... Ah, nós panhou muito lá bobo...(entrevista Onésima, agosto de 2012).

É interessante observar o fato de que, antigamente, todos na casa trabalhavam na roça, o marido, a mulher e até mesmo as crianças depois de alcançarem certa idade:

É, arava aquelas terra lá, nós ia. Plantar mandioca, os pé do patrão lá, plantava milho, plantava cana... É. Ih, ajudei muito no serviço. Saí de lá do serviço mesmo, saí do serviço mesmo quando eu vim pra cá, mas enquanto eu tava lá eu trabalhei muito no serviço de roça.(...) Ajudava meu marido a capinar café debaixo de chuva. Tinha dia que nós chegava lá no café tava chovendo, os pé de café tudo assim, molhava a gente tudo. Chegava lá em casa molhado. (...) Levantava todo dia de manhã e nós ia trabalhar. Meus menino ia né, quando era mais velho, e quando era mais novo eles ficava com a minha mãe. Depois eles foi crescendo, eles foram ajudando o pai deles, ajudando eu. Mas depois eu né... plantava mandioca, igual eu to falando procê, cana, mandioca pros fazendeiro lá. Plantava milho, com aqueles arado fazia aquele risco assim, nós ia fazendo as coisa... eles fazia a cova de enxada, no risco né, aí nós ia jogando o milho. De primeiro era esterco de vaca que punha né. Ia esparramando esterco, outro esparramando milho, outro tampando... Era divertido. (entrevista Onésima, agosto de 2012) [grifos meus]

Apesar de não terem um terreno próprio, assim como muitos outros, a família do João também plantava de meia com alguns fazendeiros que tinham terra e melhores condições financeiras:

Não, num tinha não [terra]. Nós plantava de meia com os patrão nosso né. Tinha um fazendeiro lá que chamava Leonardo, nós plantava com ele, tinha um tal que chamava Talu né, plantava com ele. (...) É, de meia. Aí ele dava a semente, nós plantava, aí nos fazia, nós punha... nós partia, um bocado pra ele, um bocado pra nós. Era assim (...) tinha um carro de boi, levava pra nós em casa, um saco de milho, saco de feijão, arroz...(...) Nós chegou a plantar até milho lá. É... feijão, arroz, nós plantou muito também lá. Lá era bom de viver, bobo. (...) Lá cê plantava uma horta, cê criava galinha, cê tinha milho plantado, espaço pra plantar um arroz, um feijão. Aqueles fazendeiro lá era bom, bobo, dava terra pra gente. Mas agora acabou, num usa mais né. (...) Ninguém planta mais né Natan. (entrevista Onésima, agosto de 2012) [grifos meus]

Como podemos perceber a partir dos relatos, apesar de gostar do trabalho na roça, que lhe garantia uma maior autonomia em relação aos meios de se conseguir o

alimento para a família, dona Onésima também se mostrava bastante descrente em relação à possibilidade de manutenção deste tipo de serviço, que envolvia toda uma sociabilidade muito valorizada pela grande maioria dos atingidos com os quais teve contato. Um bom exemplo das relações sociais que envolviam algumas das atividades rurais exercidas na velha Pedra Negra e que, do ponto de vista dos moradores, tende a acabar, é o mutirão. Em relação a isto João comenta:

Tinha assim, nas fazendas, eles faziam um mutirão para capinar as plantações das pessoas (...) umas empreitadas, tinha, essas pessoas mais de idade...hoje parece que isso ai... parece não, acabou né. (...) As pessoas falavam: vamos capinar o feijão, ai juntava a ronda que eles falavam, ai o dono do milho levava uma broinha com café, eles iam lá e em um dia ou dois capinava a roça todinha, ai você ia procê, eu ia pra outro...tinha, isso ai tinha na Pedra Negra, tinha. Mas, então, se fosse aquele povo antigamente, nesse momento, nesses cursos [de reativação econômica oferecidos pelo consórcio], as vezes dava certo, mas cada um pensa de um jeito, então (...) a pessoa vem pra cá e começa a ficar desunida, é o que eu mais canso de ouvir aqui dentro da Pedra Negra é isso, as pessoas ficou desunida, as pessoas ficou maior, mais grande... (entrevista João, janeiro de 2012) [grifos meus].

Em muitos casos, a construção da UHE Funil provocou uma mudança drástica em relação ao tipo de trabalho exercido e, conseqüentemente, nas relações sociais neles engendradas. A partir da mudança para o novo bairro de Ijaci, dona Onésima parou de trabalhar e só se aposentou depois que o marido faleceu, no entanto, seus filhos tiveram que correr atrás para garantirem seu sustento, e responderam a essa mudança de maneira parecida com o que foi relatado pela maioria dos atingidos:

Uai, os filho meu quando veio pra cá arrumou um servicinho aqui, um servicinho ali... Aí foi controlando né. Uns biquinho né, fazendo bico... Que assim, serviço certo mesmo só meu filho tem, o mais novo. Tem um serviço bom, graças a Deus. Já tem muito tempo que ele tá lá. (...) Serviço assim de pedreiro, de servente. (...) Fazia muro assim nas casa, ajudava a levantar as parede de casa, trabalhava na obra lá pra eles, cuidava da fazenda, sabe? (...) Agora, o João e o Danilo, é servicinho assim... Um bico aqui, um bico ali, porque eles num arrumou serviço certo assim, de ficar assim... (entrevista Onésima, agosto de 2012)

Como podemos ver, os “bicos” também foram as soluções encontradas pelos membros da família de João, no entanto, essa mudança em relação ao trabalho não foi percebida de maneira tranquila e harmônica como os empreendedores lutam para fazer com que o processo transpareça. Como afirma João, esse processo não foi fácil, na verdade, foi como se eles tivessem que “aprender a caminhar de novo”:

Não, a maioria é pra cá mesmo, fazendo uns bico, trabalhando de...uns começou a aprender a trabalhar de pedreiro, tem que por a mão na massa

mesmo, igual, eu mesmo trabalho pra mim⁵², mas pros outros ainda nunca trabalhei não, então você começa a aprender a caminhar de novo, porque? porque a demanda é grande né. Porque lá na roça era roça, você não passava daquilo ali, capinava e colhia as coisas, agora geralmente na cidade, com esse negócio de qualificação ai, parece que você tem que aprender a caminhar de novo, e é verdade, você tem que aprender a fazer as coisas porque se não você vai ficando pra trás. Igualzinho eu te falei ontem, se você não tiver uma oportunidade de uma pessoa classificar alguma coisa pra você, você nunca faz nada, porque ninguém dá oportunidade. Mas agora não tá tão ruim como no início não, porque no início nós achamos a coisa mais horrível né, no início não tava bom não, e pra falar que hoje tá 100% não tá não, porque você sair de um lugar que você nasceu, e vem pra um lugar assim é difícil né. (entrevista João, janeiro de 2012) [grifos meus].

Como vimos no item anterior, os “bicos”, principalmente os serviços vinculados à construção civil (pedreiro e servente) e o trabalho na panha de café parecem ter sido as estratégias mais acionadas pelos atingidos na busca de garantir seus meios de vida, e com a família do João não foi diferente. Como já comentamos, penso que a preferência da escolha por este tipo de serviço se deu pelo fato de que muitos antigos moradores da Pedra Negra já trabalhavam na panha do café e também já tinham alguma experiência com o trabalho na construção civil. Neste sentido, achei interessante e ao mesmo tempo impressionante o relato da Maria, esposa de João, sobre o início da sua vida depois de casada na velha Pedra Negra, bastante chocante. Mas o que interessa pra nós aqui foi a forma como ela contou o fato de que, apesar de serem trabalhadores rurais, foram eles próprios quem construíram sua casa, no quintal da casa de um tio da Maria.

Ela comentou que na época contou apenas com a ajuda desse tio que lhes dava uma mão na construção e não cobrava nada pelo serviço. Maria disse que ia buscar areia e cascalho no rio com um carrinho de mão todos os dias, e o pessoal todo de Pedra Negra, inclusive o João, ficaram assustados com o tanto que ela estava trabalhando. João chegou inclusive a duvidar que eles dessem conta de construir aquela casa sozinhos, no entanto, acabaram conseguindo e, segundo Maria, em apenas três meses. Ela comentou que moraram lá até o dia que tiveram de mudar pra nova Pedra Negra devido à construção da usina.

O primeiro contato que tive com João e sua família se deu em janeiro de 2012, na ocasião todos estavam desempregados e à procura de emprego, situação que persistiu durante todo período que compreendeu o pré-campo (segunda quinzena de janeiro e primeira quinzena de fevereiro). Somente seu filho mais novo, o Mateus, que ainda estava cursando o ensino médio, não estava à procura de emprego.

⁵² Durante o trabalho de campo pude acompanhar João fazendo a reforma da varanda de sua própria casa.

Durante o trabalho de campo realizado no mês de agosto do mesmo ano, a situação já havia mudado. No dia 08 de agosto, uma quarta-feira, cheguei à Pedra Negra e fui direto à casa do João, ele e a Maria tinham acabado de chegar da panha do café, estavam trabalhando juntos em uma fazenda no Barreiro de Baixo (pros lados da Comunidade do Funil). Comentaram que saem diariamente de casa às 5.40 hs e voltam por volta das 17.40 hs e que o patrão paga-lhes o ônibus para levá-los ao local de trabalho.

No entanto, a panha do café é uma atividade sazonal que dura somente entre 4 e 5 meses e, naquele momento, ela já estava terminando. João disse que na semana seguinte o serviço já terminaria neste lugar onde eles estavam trabalhando e que no final de agosto terminaria também em quase todos os outros lugares. Durante a conversa, João confessou que já estava começando a ficar bastante preocupado pelo fato da panha estar acabando e eles ainda não terem conseguido arrumar nenhum outro emprego.

Maria disse que o que sustentou e ainda sustenta a família durante todos esses anos depois da construção da usina é a panha do café, algo que é certo e que eles trabalham todos os anos. Maria comentou que só não trabalhou na panha nos cinco primeiros anos que mudaram pra nova Pedra Negra porque ela trabalhava para a Alcione, ex-funcionária do consórcio, que a contratou como empregada doméstica. João e Maria chegam inclusive a juntar um pouco de dinheiro nesses meses de panha para que possa durar por mais alguns meses até eles conseguirem algum trabalho e irem “se virando do jeito que dá”.

Nessa época Maria também estava ajudando a cuidar de um casal de idosos, seus vizinhos. Ela ficava o fim de semana todo com eles, chegava na sexta-feira a noite e voltava na segunda-feira cedo, o que não atrapalhava o serviço na panha do café (durante a semana tinha uma enfermeira que tomava conta deles). O trabalho da Maria era dar banho neles, colocar comida na sonda, esse tipo de coisa, mas ela disse que não estava satisfeita com o trabalho porque, segundo Maria, a patroa estava lhe tratando muito mal, pedindo pra ela fazer serviços que não haviam sido acordados (faxina) e também não a tratava com o devido respeito. Maria disse que no domingo seguinte iria passar o dia dos pais com o seu pai, que está morando em Lavras com sua esposa e outros dois filhos e que, portanto, não poderia cuidar dos idosos. Comentou que se a patroa achasse ruim ela não se importaria de sair do emprego, apesar de falar que estava precisando do dinheiro.

A filha, Livia, formou há pouco tempo (dezembro de 2011, se não me engano, formou no terceiro ano do ensino médio) e chegou a trabalhar em uma loja de roupas em Lavras, serviço que acabou não dando certo. Naquele momento ela estava de novo à procura de emprego, já havia enviado o currículo pra vários lugares, mas não tinha conseguido nada ainda, comentou que estava muito difícil arranjar emprego. Quando perguntei se ela pensava em fazer vestibular, ela disse que sim, mas que por enquanto ainda não tinha condições. Livia disse que o seu maior sonho era ser secretária.

João estava me contando que tinha acabado de sair de um emprego que havia conseguido para trabalhar na parte de limpeza de uma empresa de laticínios, lá perto de Ijaci mesmo. Lá ele trabalhava limpando dois banheiros e um refeitório; comentou que conseguiu o emprego por meio de um irmão de Igreja (João é evangélico), que o indicou. Disse que estava até indo bem, todos diziam gostar dele e até elogiavam o seu serviço, no entanto, disse que achou melhor largar o emprego. Segundo João, ele não conseguiu se acostumar com o “batente”, disse que havia ficado muito tempo parado dentro de casa, sem serviço, e que teria ficado meio desacostumado. Disse também que sua perna estava doendo muito devido à cirurgia de hemorroida que tinha feito há um tempo e achou melhor abandonar o emprego.

Na ocasião João comentou que, em algum momento, ele chegou mesmo a se arrepender de ter saído, mas falou que se fosse pra voltar ele gostaria de trabalhar em algum outro setor, talvez até “sentar de frente ao computador”. Mas como afirmou que isso seria muito difícil de acontecer, disse que se arrumasse um “serviço de roça”, pra trabalhar como caseiro, esse tipo de coisa, ele acharia melhor. Ele inclusive comentou que tem um conhecido seu que chegou a falar que o contrataria para cuidar de umas hortaliças que ele tem em um terreno ali perto de Ijaci, e João se mostrou bastante interessado, disse que adoraria se isso acontecesse.

Nove dias depois, numa sexta-feira, estávamos conversando, eu e João, a respeito do emprego que tinha abandonado e sobre o que ele iria fazer de agora em diante. Ele disse que a panha em alguns lugares na velha Pedra Negra ainda não tinha acabado e estava pensando na possibilidade de trabalhar na panha lá também, mas disse que estava muito cansado, não me pareceu estar muito animado a fazer isso não. Ele comentou que queria arranjar um emprego “fichado”, de carteira assinada, falou que trabalhou a vida toda e que não deve ter nem cinco anos completos de carteira assinada. Disse que o trabalho “fichado” (para usar uma expressão sua), é o seu maior objetivo, sua vontade maior. Percebi que ele se demonstrava preocupado com sua aposentadoria.

João comentou que antigamente não tinha dessas coisas, antigamente o pessoal não se preocupava em assinar carteira. Disse que seu pai mesmo era assim, mas falou que hoje é diferente, segundo ele, hoje tem que ter a carteira assinada.

Quando perguntei a respeito dos estudos, João falou que estudou mais cinco anos depois que foi transferido para o bairro de Ijaci, para poder, assim como sua filha, terminar o terceiro ano do ensino médio. Comentou que na velha Pedra Negra tinha feito só até a quarta série. No entanto, durante a conversa João se mostrou muito desanimado com os estudos também, disse que eles não adiantaram de nada, que foi uma perda de tempo, falou que chegou inclusive a recusar algumas propostas por ter priorizado os estudos e agora tinha dúvidas se teria feito a coisa certa. Disse que era muito cansativo também, pois trabalhou em alguns bicos enquanto estudava, principalmente como servente de pedreiro em um condomínio que estava sendo construído em local logo abaixo de sua casa, no bairro de Pedra Negra. Ele comentou que, como estudava a noite, chegava em casa sempre muito cansado dos estudos, mas era obrigado a acordar cedo no outro dia para poder trabalhar e, segundo João, essa rotina foi bem desgastante pra ele.

Disse que talvez teria sido melhor ter arrumado um emprego fichado ao invés de priorizar os estudos. Essa também é a opinião de sua filha Livia que, como vimos, disse não ter condições de prestar vestibular pois priorizava a busca por um emprego fichado. É interessante observar que este também é o pensamento de boa parte dos jovens no bairro Pedra Negra. Em conversa com outras quatro jovens moradoras do bairro, ao perguntá-las a respeito dos estudos, elas comentaram que tinham estudado poucos anos lá na velha Pedra Negra, e que têm estudado um pouco mais aqui também. No entanto, disseram que elas começam e logo depois param e por isso ainda não haviam terminado os estudos. Mas disseram também que não fazem muita questão de terminá-los, pois os estudos pra elas ali não adiantavam de nada, não facilitavam em nada na hora de conseguir emprego. Curioso que elas estavam desempregadas e, naquele momento de nossa conversa, trabalhavam na divulgação da campanha política para conseguir algum trocado.

Segundo Maria, Mateus também tem um pensamento parecido, ela disse que ele só quer estudar até os 17 anos, idade em que o tio (irmão de João) prometeu-lhe arrumar um emprego na oficina de molas de carro onde trabalha. João comentou que muitos de seus colegas já abandonaram os estudos pois preferiram, assim como Mateus, trabalhar.

Como vimos anteriormente, o sonho da Livia é ser secretária, mas ela estava tendo muita dificuldade em arrumar emprego nesta área. João comentou que ela deveria trabalhar na panha, pra poder juntar algum dinheiro e fazer um curso de computação, ou algo do tipo, pois dessa forma seria mais fácil pra ela conseguir o emprego que queria. Falou também que o pessoal mais jovem de hoje em dia não aguenta mais nada desses serviços mais duros de roça, pois estão muito fracos. Neste momento Maria retrucou afirmando que a Livia sempre teve problemas com o sol e algumas alergias à poeira, e era por isso que tinha dificuldades com o trabalho na panha. Apesar disso, de vez em quando, a Livia também trabalha na panha do café, no ano de 2012 mesmo ela trabalhou, mas por apenas 10 dias. João disse que ela não acostuma de ficar muito tempo não.

Em relação aos estudos de João, ele falou que a Maria discorda dele, comentou que ela sempre fala que ele ainda vai colher os frutos por ter priorizado os estudos, que era pra ele ter paciência que logo logo conseguiria um emprego fichado, como era de sua vontade. Perguntei também se ele não tem vontade de trabalhar na roça de novo, ele comentou que em fazenda não, disse que trabalhou com isso durante muito tempo lá na velha Pedra Negra e não quer voltar pra roça não. No entanto, comentou também que se fosse pra trabalhar em um sítio menor, onde ele tivesse mais autonomia pra fazer as suas coisas, plantar o que quiser, ai seria bom, pra ele seria o ideal. O problema apontado por João era em relação aos filhos que, segundo ele, não saem mais da nova Pedra Negra não. Principalmente por já estarem acostumados com a vida no bairro de Ijaci, ambos já têm os seus lugares marcados de bate papo, seus amigos, o Mateus tem os campos de futebol, a Livia tem suas coisas também e, segundo João, eles não voltariam pra roça mais não.

Por outro lado, a Maria, em outra ocasião, me disse que gostaria muito de voltar pra roça. Falou que apesar das dificuldades que passavam na velha Pedra Negra ela era muito feliz e gostava das coisas de lá. João também falou que gostava das coisas de lá, comentou que, apesar de ter muita vontade de trabalhar mais perto de Ijaci mesmo, ele tinha preferência pelo trabalho com a natureza, cuidando de jardim, horta, tomando conta de um sítio lá perto, essas coisas. Comentou novamente sobre a proposta que tinha recebido, a um tempo atrás, de um amigo, pra ele cuidar de uma horta lá perto de Ijaci e falou que adoraria trabalhar lá, mas seu amigo não falou mais nada, e ele pareceu desapontado, apesar de dizer que ainda tem esperanças de que o negócio ocorra.

João comentou que emprego em Ijaci é muito difícil de achar e que ele não gostaria de morar em Lavras não, disse que “não ia se acostumar de morar em cidade”. Achei curiosa essa expressão utilizada por João, fiquei imaginando se ele não considerava a nova Pedra Negra, um bairro urbano da cidade de Ijaci, como uma cidade. Mas penso que ele estava se referindo ao “maior agito e movimento da cidade de Lavras”, que é bem maior que Ijaci, um lugar bem tranquilo e pacato onde ele já se sente acostumado com a vida mais calma que leva por lá e também por conhecer todos os seus vizinhos.

Além disso, João também comentou de um tio da Maria que se mudou pra Lavras, antes mesmo da construção da usina, e que chegou a conseguir um bom emprego lá, mas falou que depois que ele mudou pra Lavras sua vida se desestruturou todinha, ele não está bem com sua família, brigou com a esposa que arranhou outro parceiro e ele também arranhou outra parceira, e João afirmou que tinha medo de que aquilo pudesse acontecer com ele também. Disse que “emprego não é tudo, o mais importante é estar bem com a família”, e, quanto a isso, ele falou que não tem nenhum problema. Segundo João, na cidade tem mais oportunidades para esse tipo de coisas, para se desvirtuar, tem muitas opções, e ele não acha isso bom. Disse que até quando voltou a frequentar a escola em Ijaci ele teve que lidar com essas coisas (uma colega lhe cantando), mas disse que soube lidar bem com a situação.

Mais uma vez confirmou que o que fez e ainda faz pra sustentar a família depois da transferência é mesmo o trabalho na panha de café e os bicos que vai conseguindo por aí. Disse que sempre arruma algum bico pra fazer e que nunca passou fome. No dia 23/08/2012, uma quinta-feira, pude confirmar isso. Passei na casa do João por volta das 18.30hs, ele tinha acabado de chegar do novo serviço, de servente de pedreiro, que conseguiu arrumar por meio de um antigo amigo da velha Pedra Negra, que já tinha se mudado pra Lavras há alguns anos e estava precisando de mão de obra, pois estava fazendo uma reforma na sua padaria, em Lavras mesmo, e por isso convidou João para ajudá-lo. É importante observar o fato de que João afirmou ter ficado parado por apenas 4 dias, e comentou que é sempre assim, que ele sempre consegue um bico aqui, outro ali, mas o que ele não consegue mesmo é um emprego com carteira assinada, como ele queria.

Reparei também que Maria e João sempre conversavam a respeito do trabalho na panha do café ao chegarem em casa depois do serviço. Eles faziam uma espécie de julgamento, avaliação da índole, do caráter das pessoas a partir das relações sociais de

trabalho vivenciadas durante a panha do café. A disputa pelas ruas, quem pega, quando pega, quanto pega, como pega, etc, tudo isso, para eles, era um indício do caráter da pessoa e expressava a forma com que ela agiria em outras situações semelhantes da vida.

A vivência durante o tempo do trabalho propicia a criação de vínculos, laços de sociabilidade que, no caso específico do trabalho com a panha do café nas fazendas próximas do bairro Pedra Negra, parece ser ainda mais acentuado uma vez que o trabalho é exercido, muitas vezes, entre vizinhos, que voltam diariamente juntos pra casa. Nesse sentido, o trabalho na panha envolve toda uma relação social que é bem estimada entre boa parte dos “panhadores de café de Pedra Negra”.

Durante o trabalho de campo tive a oportunidade de conhecer a fazenda onde o João, a Maria e vários outros moradores do bairro trabalharam. A panha nesta fazenda já havia terminado e o proprietário estava fazendo uma festa para fazer o pagamento dos panhadores e o pessoal parecia estar bem animado. Apesar de estar precisando do dinheiro, João não queria ir à festa pois, segundo ele, depois que entrou pra Igreja Evangélica parou de frequentar este tipo de evento. Como percebi que ele estava meio angustiado para pegar o dinheiro, ofereci uma carona para levá-lo à fazenda antes da festa começar, assim ele poderia pegar o dinheiro e não precisaria participar da festa; ele ficou meio sem graça, mas achou ótimo e acabou aceitando a carona.

No caminho João comentou comigo que o patrão até tinha lhe convidado para trabalhar lá na fazenda, mas disse ter recusado a oferta porque preferia trabalhar e morar num sítio menor, onde ele pudesse plantar as suas coisas e trabalhar de forma mais livre, mais autônoma. Além disso, disse que não podia pegar muito peso por causa da cirurgia de hemorroida que havia feito há aproximadamente um ano. Mais tarde, quando comentei sobre o assunto com a Maria, ela me disse que adoraria morar naquela fazenda, mas aí João interveio logo e falou que já havia me explicado o porquê dele não querer morar lá.

O lugar da festa era no terreiro de café, um espaço bem grande, aberto, e quando chegamos o pessoal já estava assando as carnes, parecia muita fartura. Me lembrou muito aquelas festas antigas onde o patrão oferecia comida e bebida para o pessoal que ele contratava para trabalhar em uma empreitada. É curioso também o tanto de gente da Pedra Negra que ainda trabalha na panha do café. No dia da festa pude inclusive perceber uma agitação diferente no bairro de Pedra Negra pela expectativa que gerou em alguns moradores do bairro, que geralmente é muito parado, “sem movimento”. É

curioso também a “diversidade” das pessoas que trabalham na panha do café, são pessoas de tudo quanto é idade, jovens, adultos, aposentados, homens, mulheres, etc.

Durante a pesquisa percebi que muitos eram aqueles que valorizavam este tipo de trabalho. Em conversa com a dona Edelmira, antiga moradora da Pedra Negra, ela me contava da satisfação que sentia em trabalhar na panha do café. Ela comentou que trabalha desde os 8 anos de idade na roça e que mesmo assim, quando foi para a panha de café este ano, se sentiu muito feliz. Nas palavras de Edelmira, o trabalho na panha do café era “como uma terapia”, era agradável, a conversa com o pessoal durante o serviço, o movimento proporcionado pelo trabalho, o ritmo, a lida na roça, com a natureza, tudo isso, segundo ela, lhe fazia muito bem. Comentou que trabalha com alegria⁵³.

Maria também é outra que adora o trabalho na panha do café, pude confirmar isso durante os últimos dias da pesquisa de campo, já em novembro de 2012. Na ocasião a panha já tinha acabado e Maria havia conseguido um emprego pra tomar conta de outra idosa em Lavras, conseguiu o emprego através de um anúncio de jornal que viu colado na parede de uma padaria. Ela comentou que existe a possibilidade de assinar a carteira, o patrão já havia lhe pedido para que ela levasse a carteira pra ele poder assinar, mas Maria disse que, pelo fato de o trabalho ainda ser muito recente, ela preferia esperar um pouco mais pra mostrar o seu serviço e só depois, se for o caso, assinar a carteira. Segundo Maria, o certo é esperar alguns meses antes de assinar. Ela afirmou que não estava fazendo pouco caso de assinar a carteira não, mas ela achava mais correto dessa forma. No entanto, mais tarde durante a conversa ela deixou escapar que estava mesmo era preocupada com a possibilidade de um emprego recente, incerto, poder tirar a possibilidade do trabalho na panha do café nos anos seguintes. Maria disse que não quer deixar de trabalhar na panha de jeito nenhum, primeiro porque ela gosta muito e, além disso, ainda consegue ganhar relativamente mais.

João continuava doido pra conseguir um emprego de carteira assinada, disse que espalhou o currículo, juntamente com sua filha Livia que também está à procura de

⁵³ Outro entrevistado, o Pedro, também comentou sobre as relações sociais no trabalho na roça: “É, trabalhava na fazenda, as vezes até com remédio, aquelas bombas de 20 litros, no meio do café, o dia inteirinho, até 14.30hs, ai quando nois tava lá não contava com nada, nois é que fazia a comida, era uma turminha grande, tinha um barraco lá, ai nois ficava lá, de tarde juntava pra fazer comida, tinha um mais mió pra fazer comida, ai nois ajudava ele, juntava a turma e nois ajudava, fazia comida pra todo mundo, já fazia a janta, almoço e janta, ai, no outro dia, a hora que parava o serviço uns ia lavar os trem, outros mexer com as linguicinha, todo mundo ajudava a fazer, ai num instantinho tava pronto. Ah, mas foi difícil. Depois que puzeram o ônibus.” (entrevista Pedro, fevereiro de 2012)

emprego, e chegou inclusive a fazer algumas entrevistas, mas ainda não havia conseguido nada. Já tinha saído do seu antigo trabalho em Lavras e já havia conseguido um novo bico, também de servente de pedreiro, ali mesmo no bairro Pedra Negra. Disse que é um trabalho rápido, pequeno, mas retornou a afirmar que eles não ficam sem conseguir bicos, “estão sempre arranjando uma coisinha pra fazer por aí”.

2.4. Conclusão do capítulo

Como analisamos ao longo deste capítulo, apesar de serem consideradas como medidas suficientes para a implementação das UHEs e apesar da significativa quantidade de recursos investidos, nenhum dos programas de reativação econômica propostos pelo consórcio empreendedor para as famílias de Pedra Negra tiveram êxito. Os principais motivos apontados pelos atingidos foram a falta de união e a dificuldade de se trabalhar coletivamente, que é uma premissa básica dos programas adotados. O que pudemos perceber é que os atingidos não tinham o costume de trabalhar de forma coletiva, pelo menos na maneira como foi proposto pelas novas atividades. Esta forma coletiva de trabalho exige uma preparação e um treinamento prévio que parece não ter acontecido de maneira adequada. Além disso, constatamos que a grande maioria dos atingidos também não tinham condições financeiras suficientes que os permitissem disponibilizar o tempo necessário para se dedicarem aos projetos da forma com que estes exigiam.

No entanto, o que tentamos reafirmar ao longo das discussões deste capítulo é que o grande motivo da ineficiência destes projetos se deve à precariedade com que estes programas socioeconômicos são levados a cabo pelo consórcio empreendedor, que os planejam e os implementam sem a devida participação dos atingidos e sem levar em consideração os conhecimentos tradicionais dos mesmos, impondo uma racionalidade nova e muitas vezes incompatível com a cultura local. Um fator agravante desta ineficiência destes programas se deu pelo fato de que, depois da transferência para o bairro de Ijaci, devido à impossibilidade de se plantar o seu próprio alimento, as famílias de Pedra Negra passaram cada vez mais a depender do dinheiro, da renda, para conseguir sustentar suas vidas, coisa que os programas de reativação econômica não conseguiram proporcionar.

Mas o trabalho também não pode ser visto apenas como um meio de se ganhar dinheiro, de se gerar renda, ele está relacionado a algo mais amplo, mais complexo, que

tem haver com a própria realização do ser humano. É nesse sentido que podemos perceber a preferência dos atingidos pelos “serviços de roça”, como é o caso da panha do café que, juntamente com os trabalhos temporários (“bicos”) por eles realizados, constituem nos principais recursos acionados pelos atingidos na tentativa de garantirem o sustento dos seus meios de vida.

3. MUDANÇAS NA SOCIABILIDADE DOS MORADORES

Se tomarmos como referência o Diagnóstico Sócio-Artístico Cultural de Pedra Negra, realizado pela Alcione Lopes no ano de 2011, vamos encontrar vários pontos importantes que também estão sendo discutidos e analisados ao longo desta dissertação. Ao fazer uma síntese final do diagnóstico a autora aponta, em linhas gerais, os principais aspectos positivos e negativos do local de acordo com seus moradores:

ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NEGATIVOS
Melhor moradia e conforto	Desunião dos moradores, solidão
Acesso a meios de transporte	Menores fontes de sobrevivência
Melhor atendimento a saúde	Falta de opções de lazer
Melhores condições de estudo	Maior insegurança
Saneamento básico	Menor liberdade
	Dificuldade para arrumar emprego
	Ausência de ambulatório médico

No capítulo anterior analisamos a questão do trabalho que engloba alguns dos aspectos apontados pelos moradores como as melhores condições de estudo, as menores fontes de sobrevivência e a dificuldade para arrumar emprego, principalmente “fichado”. No quarto capítulo discutiremos a questão da saúde e, portanto, analisaremos os efeitos sociais desta maior facilidade de acesso a este tipo de serviço. Neste terceiro capítulo iremos abordar questões como o lazer, a arquitetura das casas, a infraestrutura do bairro, em fim, aspectos que estão relacionados à forma com que os moradores do bairro Pedra Negra percebem a mudança em relação à sociabilidade⁵⁴ das famílias a partir da construção da Usina Hidrelétrica do Funil.

O ponto central desta mudança, e que está diretamente relacionado aos outros aspectos, diz respeito à questão da desunião entre os moradores, que foi apontada por boa parte dos atingidos como um dos principais fatores negativos depois da mudança para o bairro de Ijaci (fato que também pode ser observado a partir da pesquisa feita

⁵⁴ A ideia consiste em entender a mudança nas formas de interação social existentes entre os moradores e destes com o meio ambiente que os cerca. Entendemos que os meios de vida da população atingida são influenciados por estas distintas formas de sociabilidade e que estas sofreram mudanças em decorrência do processo de deslocamento vivenciado pelas famílias de Pedra Negra.

pela Alcione). Durante as entrevistas feitas para a presente pesquisa, o assunto da desunião entre os moradores sempre era lembrado pelos entrevistados. Em conversa com aquele casal de Belo Horizonte que mencionamos no capítulo anterior, eles me contavam como que “o povo perdeu aquela união que tinha antigamente”, disseram que antes todo mundo era “como se fosse uma só família” (expressão recorrente na fala dos atingidos), todo mundo conhecia todo mundo e um sempre ajudava o outro quando preciso. A esposa chegou inclusive a comentar que agora, no novo bairro Pedra Negra, as pessoas estão como aquela música do Sérgio Reis: “matar o vizinho é a nossa intenção.”

Brincadeiras à parte, a questão da desunião realmente me pareceu presente entre os moradores do bairro. Um fato vivenciado durante a pesquisa de campo e que demonstra este aspecto aconteceu um pouco mais tarde, neste mesmo dia em que conversei com o casal de Belo Horizonte, quando, conversando com o João na varanda de sua casa, passou caminhando em frente ao seu portão o Sr. Abel. João o cumprimentou perguntando sobre o estado de saúde de seu filho, pois sabia que o mesmo encontrava-se muito doente. No entanto, Abel não deu muito papo, disse simplesmente que ele estava mais ou menos e continuou andando, não parou para conversar, o que deixou João chateado. Ele disse que na velha Pedra Negra era vizinho do Sr. Abel e que tinha, e ainda tem, muita consideração com sua família por conta disto. No entanto, como disse o João, “hoje em dia o Sr. Abel está diferente, parece que não dá mais importância pra essas coisas”.

João não gostou da maneira com que Abel tratou o fato, achou ruim dele ter falado que o filho está mais ou menos porque, conforme João, “isso não existe, pois Deus não faz nada pela metade, mais ou menos, ou está bom ou não está”. Comentou que Abel deveria ter parado pra conversar e falado que o filho está tendo dificuldades, mas que “lá vai indo”, que vai melhorar. Maria também reclamou do descaso da esposa do Abel que também não deu muita importância quando ela perguntou sobre o estado de saúde do filho, mas comentou que isto acontece porque agora, no novo bairro de Ijaci, “o pessoal ficou desunido, cada um pensando em si, acabaram se afastando um dos outros”.

Infelizmente, alguns dias depois, o filho do Sr. Abel acabou falecendo. A Associação dos Moradores do Bairro Pedra Negra estava organizando uma festa que chegou inclusive a ser cancelada devido à sua morte. No entanto, o que achei interessante, e que está relacionado a esse processo de desunião, foi o comentário do

Caetano, outro antigo morador da Pedra Negra, em relação à morte do filho do Sr. Abel.

Ao ser perguntado sobre como era o cotidiano na velha Pedra Negra, ele responde:

Ah não, o cotidiano era outra coisa, a união do pessoal era outra coisa, igual eu estava falando, o pessoal tinha mais amizade um com o outro, juntava todo mundo, até inimigo mesmo, como esse que estava sentado aqui do lado ai, era inimigo, nois era inimigo desde quando eu morava lá que eu tinha 16 anos até hoje, porque ele era um cara meio estranho né...ele gostava de problema, gostava de brigar, ai eu abandonei ele pra um lado, até hoje ele chega e conversa comigo ai assim e vai embora. (...) mas ele mesmo, nois jogava baralho contra, ele de um lado e eu do outro, essa inimizade só não chegava pra bater papo assim, um com o outro, ai não, mas nois jogava baralho junto, ai juntava aquela turma, tocava violão, que eu sempre toquei, até meia noite, uma hora, todo mundo lá juntava, juntava os homem no bar do Vando, jogava baralho, uma turma jogava baralho no bar do Vando, outra turma no bar do Tião Mendes, outra no bar do Julio Fonseca também, tinha três bar, ai o povo tinha aquela união, igual hoje aqui não tem isso, o que diferenciou foi isso ai, por esse lado diferenciou muito, porque aqui hoje não tem mais aquela união que tinha antigamente, nois parecia uma família, hoje não, hoje o povo separou, é igual eu estava falando com você da morte do menino ai, poucas pessoas do bairro foi, que eu vi no enterro dele, foram poucas pessoas, então não tem mais aquela união bonita que tinha... (entrevista Caetano, agosto de 2012) [grifos meus].

Como podemos perceber a partir da fala do Caetano, antigamente a relação entre os moradores do bairro parecia ser muito mais próxima, mais estreita, pelo menos esta é a percepção da grande maioria dos atingidos. Penso que esta “união bonita que tinha” antigamente se construiu através dos espaços de sociabilidade que lá existiam e que não estão mais presentes no dia-a-dia dos atingidos, como os bate papos nos armazéns que também funcionavam como bar, os jogos de baralho, de “maia”, o futebol etc.

As conversas nas ruas da velha Pedra Negra, no final da tarde, depois do serviço, eram bastante comuns entre os moradores. A foto a seguir ilustra bem este momento em um dia comum na antiga comunidade, antes da construção da UHE Funil:



Bate papo na antiga comunidade de Pedra Negra

Foto de Ana Regina Nogueira⁵⁵

Como ficou claro na fala do Caetano, os armazéns na velha Pedra Negra também eram importantes espaços de sociabilidade que proporcionavam a troca e a interação entre as famílias, fatos que, segundo os moradores, estão cada vez mais escassos no novo bairro de Ijaci.



Bar na velha Pedra Negra

Foto de Ana Regina Nogueira⁵⁶

Durante a entrevista gravada com o Sr. José, ele também comenta deste fato comum que eram as interações entre os moradores nas ruas e bares de Pedra Negra:

⁵⁵ Disponível no site: <http://www.anareginanogueira.com.br/Patrimoniokonstruido.htm>

⁵⁶ Ibid.

Ah reunia, naquela venda que eu te falei lá, que tinha um passeio largo (apontando pro quadro com a foto da antiga Pedra Negra, na parede da sala da sua casa, onde estávamos conversando), lá todo dia, isso ai você pode perguntar por que tem mais gente ai que pode te falar a mesma coisa! Aqui, depois que nois veio pra cá acabou tudo, lá nois tinha torneio de sinuca, tinha torneio de baralho, e torneio de “maia”! (entrevista José, fevereiro de 2012).

Estes torneios de sinuca, baralho e “maia”, representavam importantes fatores de sociabilidade entre os moradores da antiga comunidade. Quando perguntei ao Sr. José como era a relação com os vizinhos na velha Pedra Negra, ele respondeu:

Tudo beleza! Tudo beleza! Lá era a mesma coisa de ser uma irmandade sabe! Você vê, quando era de tarde, nois chegava, assim, já tinha os jogos marcados, quando era a vez de uma turma jogar bem, quando não era, era do outro, mas ai aquela turma ia e já sentava no passeio né, as vezes não tava jogando mas tava ali né...junto, aquela pelota de gente, não tinha encrespação, não tinha nada... (entrevista José, fevereiro de 2012) [grifos meus].

No entanto, ao que parece, estas formas de interação já não ocorrem mais hoje em dia. Como comenta o Sr. Carlinhos:

Tem, tem uns ai que joga, mas já não é igual era lá na Pedra Negra, lá nois jogava todo dia, tinha uma turminha lá, todo dia reunia e ia jogar , um truquinho, uma dourada, depende dos cumpanheiro que tivesse, era uma dourada, um douradão, ah, ali a gente jogava até umas dez horas da noite, nove e meia/dez horas, depois voltava cada um pra sua casa, ninguém ... ninguém...era só pra fazer a hora de dormir né. Acabou, hoje isso também acabou, tem uns ai que joga, mas assim, uma vez ou outra, não tem aquela coisa mais... (entrevista Carlinhos, fevereiro de 2012)

O futebol era outro jogo muito praticado entre os atingidos. Como me disse o João, depois de perguntá-lo sobre quais eram os lazeres que se tinha na velha Pedra Negra, ele respondeu: “Ah, atividade de lazer era o Futebol, o primeiro lugar era o futebol, depois mais no finalzinho teve um campinho de vôlei lá, mas o principal era o futebol...”. Durante a entrevista com o Caetano ele também comentou sobre o assunto:

Tinha dois timaços, mas dois timaços mesmo, tinha um que chamava Cruzeiro e outro Internacional, todos dois times bom demais mesmo, aquilo tinha até rivalidade, mas era uma rivalidade gostosa, não tinha briga não, mas era rivalidade mesmo, tipo Cruzeiro e Atlético, de rivalidade, então quando jogava junto era 0 x 0, 1 x 1, nenhum ganhava do outro e era dois timaço, era time respeitado em toda região, e agora acabou tudo... (entrevista Caetano, agosto de 2012) [grifos meus].

O futebol também era importante no sentido de estreitar as relações entre os moradores, até mesmo aqueles que não gostavam do jogo (como era o caso do Sr. Carlinhos) participavam dos eventos a fim de interagir com a comunidade que se

mobilizava a cada partida. Tiveram vezes que eles chegaram inclusive a improvisar uma forma de narrar o jogo e aproveitar para “cutucar” o dono da mercearia que, por não sofrer muita concorrência, acabava “arrancando o couro da turma”. Como comenta Pedro:

Nois [Pedro e Nando- um amigo] fazia tanta coisa na Pedra Negra que eles ficavam bobos de ver nois dois, tinha uma casa assim ó, tinha um córrego, uma aroeira, e lá era um campo de futebol, nois ligou um fio assim ó, de eletricidade lá da casa do *fuluno*[não identifiquei o nome], e nois levou até lá no campo, aí nois narramos o jogo, era assim: “ balão subindo, balão descendo, tarde e noite esportiva em Pedra Negra...” nois fazia propaganda do paio: “Paio Evandra Freire, o mais barateiro sabão...”, ôh, mas a turma tirava o sarro, nois era impossível. (...) e narrar o jogo, narrar o jogo era foda!, achava engraçado demais, pegava o nome dos jogador, tudo certinho assim, fazia a escalação...esse Evandro Freire era o mais careiro da Pedra Negra, nois pegava e narrava assim: “ Evandro Freire, o mais barateiro da região, ao lado da Matriz”; era o mais careiro que tinha lá, ele arrancava o couro da turma e ainda falava que era barateiro, ah ah. (entrevista Pedro, fevereiro de 2012)

As mulheres também participavam dos eventos que serviam como uma forma de interação não só entre os moradores da Pedra Negra, mas também com as comunidades vizinhas. Como comentou Abelarda:

A gente fazia uma torcida na beirada do campo... No início a gente... nós começava assim, acho que a gente num tava entendendo direito, em vez de torcer a gente brigava com a torcida que vinha (risos). Depois que a gente entendeu a fazer a torcida direitinho. Aí sempre quando acabava o futebol, meu pai prometia dar vinho pra turma né, que ficava assistindo o futebol né. (...) Aí trazia a cerveja, cada um provava um golinho. Ah, era tudo muito bom. (entrevista Abelarda, agosto de 2012)

O consórcio empreendedor construiu um campo no novo local de moradia, mas parece que os moradores estão tendo dificuldades em manter a atividade, eles sempre falam do futebol na velha Pedra Negra com um ar de saudosismo, afirmando que hoje em dia não acontece mais como antigamente. Achei interessante que o argumento utilizado por eles, e que está relacionado a esta desunião entre os moradores, gira em torno da acusação, por parte dos envolvidos, às pessoas que “tomam frente” e lideram a organização das atividades, geralmente acusadas de levar vantagem no processo. Este tipo de acusação me pareceu ser recorrente no novo bairro Pedra Negra, como pudemos ver nos capítulos anteriores em relação aos membros da Associação dos Atingidos que negociaram com o consórcio empreendedor e também em relação a algumas pessoas que tomaram a frente nos programas de Reativação Econômica, como é o caso do artesanato. Em relação ao futebol, o Caetano comentou:

Eu fiz um time muito bom no começo aqui, mas depois acabou, porque foi entrando política no meio, e futebol não pode ter política, tudo que você for mexer, meu grupo de oração, meu grupo de congo mesmo aqui, eu não deixo entrar política no meio, quando tem alguma coisa no meio de política ai eu já corto, não pode misturar política, tudo que mistura política acaba. As pessoas acha que você mexe com aquilo por outras coisas, por interesse... (entrevista Caetano, agosto de 2012) [grifos meus].

O sr. José também chegou a gerenciar o futebol no bairro, e seu argumento pelo fato de ter abandonado a atividade passa pelo mesmo caminho apontado pelo Caetano. Como me disse o Pedro durante entrevista: “Ah, o José também gostava, ele mexeu durante muito tempo no campo ai, mas ai eles começaram a falar que ele tava pegando dinheiro, ai ele ficou arretado, ai ele largou, mas durante o tempo que ele tava o trem corria do jeito que ele queria...” (entrevista Pedro, fevereiro de 2012). Além do futebol e dos jogos de baralho, sinuca e “maia”, as cantorias e rodas de viola também eram muito comuns na antiga comunidade. Como comenta Pedro:

... nois ia pro bar cantar, outra hora nois chegava nas casas e ia cantando, tinha dia que nois fazia até serenata, mas nois ia fazer serenata o dia acabava amanhecendo, nois ia cantar nas casas assim, fazendo serenata, até na roça mais perto, ah, nois começava a cantar eles abriam a casa e levava nois tudo lá pra dentro, fazia café, ih, nois ia sair de lá era tantas horas da noite, levantava todo mundo pra ver nois cantar as musicas, eu vou te falar... (entrevista Pedro, fevereiro de 2012) [grifos meus].

Achei interessante que boa parte das pessoas com as quais conversei falavam que essas atividades de lazer agregavam toda a família, desde os mais novos até os mais velhos. Na fala da Abelarda, além de relatar uma outra manifestação artística praticada na velha Pedra Negra, o desafio, que costuma ser muito comum em algumas comunidades rurais, ela também demonstra claramente esse ambiente familiar, presente até mesmo nos bares:

Aos domingo (...) a gente levantava de manhã, tomava seu café, dali a pouco a gente ia pro bar, sabe, a gente ficava sabe, assim, com a família, com os filhos e tudo... a gente se sentia tão bem ali. E a gente tinha aquelas coisa de... de cantar, eles tocava violão, tem até uns moço da fazenda que toca muito bem, a gente ia cantar desafio, e eu gostava de desafiar com eles (risos). (entrevista Abelarda, agosto de 2012)

As pessoas mais idosas também participavam de algumas festas na velha Pedra Negra. Durante o trabalho de campo percebi que a reclamação de alguns idosos em relação à falta de opções de lazer para eles hoje em dia era muito comum. Depois de falar das diversas festas existentes na velha Pedra Negra, Abelarda comenta:

Aqui não. Assim, as pessoas assim, de mais idade né, assim, terceira idade, todo mundo dançava, aqui eles num tem nada pra fazer né. E lá a gente era muito, muito unido mesmo. Era uma família Pedra Negra e depois que veio pra cá, é, a gente... todo mundo achou isso, tem bastante desunião, assim. É, num tem assim um visitar o outro, um bom papo, uma boa conversa sabe. Ficou assim, isolado, cada um no seu canto... (entrevista Abelarda, agosto de 2012).

O sr. Pedro também comentou desta falta de interação entre os moradores no novo bairro:

Até um ano mais ou menos nois custo a acostumar, depois foi ambientando né, ambientando daqui, ambientando dali, ai acostumou, a turma acostumou, mas mesmo assim, o lazer lá era muito melhor do que o daqui, ah muito melhor. Eu quase que nem que saio, eu assim, vou lá embaixo buscar só o que é preciso, não tem como você sair, trocar ideia com algumas pessoas. Lá não, lá a gente conversava e tudo, aqui não... (entrevista Pedro fevereiro de 2012) [grifos meus].

Essas falas do Pedro e da Abelarda corroboram com a pesquisa da Alcione quando ela afirma que um dos aspectos mais negativos percebido pelos atingidos foi a solidão, que ela coloca junto do processo de desunião. Como apontou Abelarda depois de eu perguntá-la sobre como está a sua vida hoje:

Ah, hoje... Eu acho assim, pra mim tá sem sentido. Eu, graças a Deus sou religiosa, eu sou católica praticante, sou da Pastoral da Família, sou ministra da eucaristia, né, zeladora aí na igreja São José. Eu faço a oração da manhã, seis hora da tarde, hoje capaz que não vai dar porque falta cinco minutinho (...)Eu faço seminário de conhecimento, faço assembleia quando o pessoal pede também eu faço, e... Mas acho que a gente ficou muito só, muito... porque num tem pra onde ir. Se sai marido, sai os filho, quê que eu vou ficar fazendo... Televisão que nem tinha chegado televisão antes... Mas assim assistir um jornal, alguma coisa que eu vejo de importante no fantástico... Mas, um pedacinho da novela, filmes na televisão. Eu acho que a gente ficou muito, muito só ne. (entrevista Abelarda, agosto de 2012) [grifos meus].

A religião me pareceu cumprir um papel importante na sociabilidade dos atingidos hoje em dia e, como veremos no próximo capítulo, não em relação apenas à Igreja Católica, mas à Igreja Evangélica e à Umbanda também. No entanto, como apontei em algumas passagens do meu caderno de campo, a impressão que se tem ao andar pelas ruas do bairro Pedra Negra é mesmo a de que está tudo parado, sem movimento; eu não via as pessoas saírem muito de casa e isso me dava uma sensação de vazio. Interessante que esta foi a mesma sensação que senti quando realizei o trabalho de campo, pra monografia, na nova comunidade da Ponte do Funil.

Ao perguntar à Abelarda o motivo de eles não se interagirem e nem fazerem mais festas como antigamente, ela respondeu:

Ah, eu acho que primeiro, a gente... ah, sei lá, a gente assim, ficou meio sem liberdade, ainda mais, num sei se porque lá... Pra falar a verdade, a gente nem conhecia a polícia (risos). Aqui, qualquer coisinha é polícia! Aquilo ou isso, polícia! A gente fica até inseguro de ta fazendo as coisas assim errada. Mas lá ninguém reclamava de barulho, mas a gente também respeitava né. Mas igual eu falo quando a gente fazia festa junina na casa da minha sogra, ou talvez lá em casa mesmo, a gente tinha um gramado assim de frente, fazia as fogueira, e nós ficava até de madrugada e ninguém reclamava. (...). Aqui não né, aqui qualquer coisinha já chama a polícia, e também assim, num tem ponto certo, um lugar pra fazer né, aqui num tem... (entrevista Abelarda, agosto de 2012) [grifos meus].

Achei interessante como que o discurso em relação às formas de interação entre os vizinhos na velha Pedra Negra, bem mais estreita, se destoa em relação aos discursos sobre as formas de interação entre eles hoje em dia, onde “qualquer coisinha, é polícia”. Este é um fato percebido não só pelos mais velhos, mas também por alguns jovens que tiveram a oportunidade de ter uma vivência um pouco maior na velha comunidade.

Durante o trabalho de campo, conversando com quatro garotas do bairro Pedra Negra (uma delas me disse ter 26 anos e as outras garotas pareciam ter mais ou menos a mesma idade), comentei com elas que eu estava fazendo uma pesquisa sobre a mudança vivenciada pelo pessoal de Pedra Negra depois da construção da UHE Funil e, logo de cara, mesmo sem eu ter perguntado nada, elas me falaram que preferiam muito mais a vida de antigamente. Ao perguntar o porquê, elas responderam que o povo era muito mais unido, “parecia uma só família” e agora, depois que mudaram pra Ijaci, “o pessoal ficou muito fresco, muito bobo, parece que ficaram grande”. Comentaram que “antigamente eles nem sabiam o que era polícia, e agora, qualquer coisinha que acontece eles estão chamando a polícia”. Disseram que a polícia de Ijaci nem sobe mais lá no bairro de tanto que eles chamaram e, por isso, se acontecer algo realmente sério eles nem vão dar importância.

Durante a conversa, uma das jovens falou algo que me chamou a atenção, ela disse que antigamente toda hora acontecia alguma novidade, algo diferente, e que agora não acontece nada, que é tudo muito parado. Achei interessante uma garota de sua idade ter essa percepção ao comparar um lugar tipicamente rural, relativamente “isolado”, com um bairro urbano, muito próximo de lugares movimentados como é o caso de Lavras, uma cidade universitária. Quando perguntei sobre o que elas faziam pra se divertir antigamente, responderam que tinha muitos bailes, todo fim de semana, e que eram muito bons, elas dançavam e se divertiam muito. Mas, agora, disseram que a única coisa que elas fazem é “ir para os botecos beber”, por que quase não tem festa, não tem mais baile e “o povo está todo desanimado e separado”.

Uma reclamação recorrente na fala dos atingidos diz respeito à falta de espaços e eventos que possibilitem uma maior interação entre os moradores, como os que eram proporcionados pelas diversas festas (religiosas ou não), pelos jogos de baralho, de sinuca e de “maia”, tão comuns na velha Pedra Negra. No final da entrevista realizada com o Sr. José, ao perguntá-lo se gostaria de acrescentar mais alguma coisa que não havíamos conversado, ele responde:

Ah, o que eu gostaria de falar é que, conforme eles prometeu fazer o campo de maia ai né, não digo pra mim, mas pros outros que gostam também né, o campo de maia, a mesa de jogo de baralho que a turma gostava, porque lá nois tinha e eu acho que nois tinha direito aqui também né, e ó... (batendo com as mãos uma na outra) ...eles [Consortio Empreendedor] ta nem ai pra isso. (...) porque lá nois todo dia de tarde, isso aí é muita gente que sabe disso, não é eu que to falando isso não, é muita gente, que todo dia de tarde lá nessa venda que eu to te falando pra você, lá tinha o de baralho e tinha o de sinuca, tinha a turma que tava disputando de sinuca era de sinuca, e o que tava disputando o de baralho era de baralho, a turma juntava tudo ali, não tinha amolação não tinha nada, agora aqui não tem nada... (entrevista José, fevereiro de 2012)

Esta mudança na forma de sociabilidade estabelecida entre os moradores da Pedra Negra me pareceu ter sido diretamente influenciada, entre outros fatores, pela estrutura física, pela arquitetura do novo bairro urbano de Ijaci (bem diferente da antiga comunidade) que acaba impondo certos limites, como o que pudemos verificar a partir da tentativa frustrada dos moradores de tentarem manter a pratica tradicional do jogo de “maia”⁵⁷. Como comentou o José:

Começou aqui, perto da casa de uma dona ali, até que ali não é ruim de jogar não, mas você sabe, tem umas pessoas que são muito complicada, a gente também não tira a razão da pessoa né, porque a rua aqui tem casa de cá e de cá, nois jogava ali, por causa de que faz muito barulho né, bate no chão e...aí a mulher começou a implicar que tava fazendo barulho demais, não deixava ela dormir, aí a gente parou né, porque, a gente não pode tirar a razão da pessoa também né, porque... Aí eles falou que ia fazer pra nois um campo, mas até hoje não fez nada! Falaram que a gente não precisava de esquentar que eles iriam fazer o campo, e ia fazer a mesinha de cimento pra gente fazer o jogo nosso... ah! Quê isso, acho que eles nem sabe mais disso nada... (entrevista José, fevereiro de 2012) [grifos meus].

⁵⁷ Ao me explicar como se joga “maia”, José falou: “ Aqui, ‘maia’ é isso aqui ó, você fica dois parceiro de cá e dois de lá, né, vamos supor, mas só que tem que eu sou de um time e você é de outro, do lado de lá a mesma coisa, um é dum time outro do outro, e aí você vai ter um toco, ai você vai jogar ele, tem a distancia ali marcado, você vai jogar, aí quando ele bater, que derrubar o toco, você conta quatro pontos, se ficou só perto é dois, ai é pelos pontos, ai você vai jogando...” (entrevista José, fevereiro de 2012). Antigamente o jogo era praticado em ruas de terra, hoje em dia, por ser praticado no asfalto, ele acaba fazendo muito barulho, o que gerou alguns atritos entre os vizinhos.

A arquitetura em que o bairro de Ijaci foi pensado e construído interfere na maneira de os moradores interagirem uns com os outros, e muitos foram os comentários que explicitavam esta influencia, como foi o caso na fala da Abelarda transcrita mais a cima quando ela comenta sobre a falta de liberdade que sentiu depois que se mudou para o bairro de Ijaci. Esta sensação de “falta de liberdade” também me foi relatada durante um dia de trabalho de campo quando, já no final da tarde, estava sentado na praça próximo ao lugar onde foi construída uma réplica da antiga estação ferroviária de Pedra Negra (e mais recentemente alguns aparelhos de ginástica usados por alguns moradores, principalmente mulheres), quando se aproximou o Casimiro, antigo morador da Pedra Negra, que puxou uma conversa.

Casimiro também teve a mesma percepção dos outros moradores acima citados, ou seja, que com a transferência para o novo bairro urbano “houve uma desunião do povo”, ele disse que, agora, é “cada um por si”. Mas o que mais me chamou a atenção nos seus comentários foi quando ele disse que “hoje em dia tem até que bater o interfone pra poder falar com o vizinho”, tem que “tirar o sapato antes de entrar na casa do vizinho”, práticas que ele disse considerar estranhas, pois não estava acostumado a agir desta forma.



Foto da Réplica da Estação Ferroviária de Pedra Negra, de minha autoria



Foto da Réplica da Estação Ferroviária de Pedra Negra, de minha autoria

Uma outra passagem vivida durante o trabalho de campo e que reforça esta ideia foi quando estava conversando com o João na varanda de sua casa que fica de frente desta “estação”, depois de um lote vago, quando a Maria saiu da sala e se aproximou do portão gritando com sua filha Livia, que estava conversando com uma amiga em um banco próximo à “estação”. João riu e chamou a atenção da esposa, disse que ela estava achando que eles ainda estavam na velha Pedra Negra pra gritar daquele jeito, pois, segundo João, era assim que eles costumavam fazer antigamente. Maria reagiu rindo e até comentou: “é mesmo, esqueci”! Depois do acontecido, João contou que tem certos hábitos que são difíceis de perder.



Foto da casa do João, de minha autoria

Outro fato interessante e que também demonstra a permanência de certos hábitos antigos entre os moradores ocorreu quando João me levou pra conhecer a “Pedra do Bugil”, um lugar bonito, bem próximo do bairro, na beira do lago do reservatório, e que costuma ser frequentado por alguns jovens de Ijaci. Estávamos conversando sentados na varanda e assim que nos preparamos pra sair João pediu para que eu esperasse um instante, voltou pra dentro de casa, pegou uma faca e disse que sempre que saia pra andar gostava de levar uma com ele. Pegou também uma laranja e foi descascando. Eu comentei que meu avô tinha essa mesma “mania” e que isso deveria ser um hábito antigo que ele ainda carregava consigo, João riu e concordou com o que eu tinha dito, falou que realmente este era um hábito que ele tem desde a velha Pedra Negra e que ainda não perdeu.



Foto da Pedra do Bugil (condomínio particular ao fundo), de minha autoria.

Outro aspecto que também demonstra a permanência de alguns hábitos e costumes entre os atingidos diz respeito ao fogão à lenha. No dia em que gravei uma entrevista com o Adalberto, outro antigo morador da Pedra Negra, ele estava lavando seu carro, mas parou pra me atender. Ao final da entrevista, enquanto me acompanhava até a saída de sua casa, pelo portão da garagem, ele comentou do seu carro, disse que estava sujo daquele jeito porque tinha ido à roça pegar lenha para o vizinho, e o carro acabou pegando muita poeira. Quando perguntei o motivo de ele ter ido pegar a lenha, Adalberto comentou que era por causa dos fogões a lenha, mas o que achei curioso foi que, assim como o João, ele também disse que tem certos hábitos que o povo da Pedra Negra não perde de jeito nenhum, como acontece com o fogão à lenha. Adalberto comentou que quase todos os moradores do bairro possuem um, o problema é que ali por perto não tem nenhum lugar onde eles possam pegar a lenha e, como ele tem carro, seus vizinhos costumam ficar pedindo para que ele busque as lenhas.

Nesse momento me lembrei de quando gravei a entrevista com a Alcione e ela criticou a técnica contratada pelo consórcio empreendedor que era responsável por esta parte do patrimônio físico. Alcione disse que a técnica não compreendia o porquê da

reivindicação do fogão à lenha por parte dos atingidos, uma vez que ela já tinha colocado um fogão à gás em todas as residências construídas e, por isso, eles deveriam estar satisfeitos por ter algo que é mais “moderno e prático”. Durante a consulta que fiz aos arquivos referentes ao processo de licenciamento da UHE Funil na SUPRAM-Sul de Minas, cheguei inclusive a encontrar uma carta escrita no dia 12/02/2004 e que foi enviada pela presidente da associação dos atingidos, a dona Madalena Carvalho, à FEAM e ao Consórcio Empreendedor, reivindicando a construção do fogão à lenha para os moradores do bairro, fato que acabou não acontecendo. Como comentou o João enquanto me contava sobre o processo de negociação:

Tinha dia que eles faziam separado. Pra não ter muito tumulto também né, porque se fosse pra deixar todo mundo falar a comissão não falava também, mas eles fez bastante reunião, só que tem que as pessoas não ficou satisfeito, pra te falar a verdade pra você, falar que eles ficou muito satisfatório não ficou não, eles não fez o fogão de lenha, que a gente pediu e eles prometeu que ia fazer e não fez, porque nois tinha os fogão de lenha lá... (entrevista João, fevereiro de 2012) [grifos meus].



Antiga moradora da Pedra Negra cozinhando no fogão à lenha. Foto de Ana Regina Nogueira.⁵⁸

Como o consórcio não construiu o fogão à lenha, a maioria daqueles que tinham condições de construir acabaram fazendo por conta própria, como disse João:

Tem o fogão de lenha que eu fiz. Porque o trato era o seguinte, todas as casas lá, a maioria das casas tinha fogão de lenha dentro de casa, porque é roça né,

⁵⁸ Disponível em: <http://www.anareginanogueira.com.br/Patrimoniocultural.htm>

só que tem que nois pediu eles: não, já que vai fazer as casa, vocês fazem um comodozinho separado pra nois fazer o fogão de lenha, e isso ficou só no papel. (entrevista João, fevereiro de 2012)

Interessante como que, apesar das condições totalmente desfavoráveis para a manutenção de alguns hábitos e práticas tradicionais, os atingidos sempre demonstravam uma resistência em abandonar certos costumes. Achei curioso quando, no momento em que conversava com aquelas quatro jovens de Pedra Negra, passaram por nós algumas vacas andando no meio da rua, procurando algum lugar para pastar, e os cachorros das casas vizinhas correram atrás delas latindo e fazendo uma confusão⁵⁹. As meninas zombaram daquela situação e disseram que apesar de agora estarem morando em um bairro urbano, as coisas da roça, que eram típicas da velha Pedra Negra, continuam presentes na vida dos moradores.

No entanto, apesar da permanência de alguns hábitos tradicionais, a preocupação demonstrada pelos técnicos da FEAM durante o plebiscito realizado no dia 01/06/2000 sobre a definição do novo local de moradia dos atingidos acabou se concretizando. Como consta no Parecer Técnico DIENI n. 078/2002 elaborado pela FEAM: “... em termos físicos a escolha foi bem feita, mas em termos culturais e sociais poderá provocar a perda de identidade, como também, ruptura de laços de amizade, convívio, parentesco e trabalho”.

Na percepção de muitos atingidos, realmente houve uma melhora em relação a esses aspectos físicos como as condições de moradia, a questão do saneamento básico, transporte, etc. No entanto, apesar desta melhora, a forma com que o bairro de Pedra Negra foi construído parece ter favorecido o processo de desunião entre os moradores. Como comentou Alcione:

Porque antes o pessoal convivia mais né. Agora eu te falo de cara isso, é... estão estranhos entre si, mesmo os conhecidos, estão estranhos. É... a forma de moradia piorou né, em relação, assim, a lá. Proximidade né, a arquitetura, a proximidade, os terrenos grudados um no outro, sem quintal, sem esse acesso procê criar galinha... Todo mundo criava galinha né? Galinha andava solto, todo mundo tinha ovo né, galinha, leite, todo mundo tinha né, o próprio café que eles tem, que é costume o pessoal do... os fazendeiros deixam o pessoal pegar o resto do café, pra ficar pra eles né. O Sr. Carlinhos tinha um moinho ali de fubá e... acho que arroz também, limpava o arroz, então ali mesmo já... porco, o pessoal criava porco. Aquelas lata de, de carne na lata... nossa, o melhor leitão a pururuca que eu comi foi lá em Pedra Negra. Outra coisa que mudou né, as casas estão mais estruturadas, tem gente que tá feliz ne. Estão com casas boas, com banheiro... As casas estão bonitas e a gente tem que falar pra eles que tá bonito, por que né, “que bom”, “que legal”,

⁵⁹ O terreno onde foi construído o bairro de Ijaci fica em lugar um pouco afastado do centro e, antigamente, era usado como pastagem.

televisão todo mundo, sofazinho mais chique, aquelas coisa... A gente tem que falar, porque não adianta você ficar reforçando tristeza. (entrevista Alcione, agosto de 2012) [grifos meus].

A maioria das casas na velha Pedra Negra eram “bem simples”, mas na visão de muitos atingidos, essa “simplicidade”, que eles não vinculam apenas à questão da moradia (aos aspectos físicos), mas também ao “jeito do povo da roça”, é valorizada pelos atingidos que relatam que, a partir da transferência para o novo bairro urbano de Ijaci, muitos perderam essa tal “simplicidade”. Para o Caetano, “o fim desta simplicidade” foi inclusive a razão da desunião entre os moradores. Quando perguntei a ele o porquê deles não mais interagirem uns com os outros, ele respondeu:

Uai, porque...não sei se é por isso, mas lá tinha as casas todas cercadas de bambu, você entendeu, cerca de bambu, tudo era terra, casa ruim, as casas era tudo casas ruins, tem que ser verdadeiro né, não era casa boa, não tinha azulejo, não tinha nada, casa que tinha azulejo lá era só da dona Madalena, do Ulisses Guimarães, no chão e no banheiro né, do sr Oswaldo que tinha só no banheiro e no chão também, e do Sebastião lá de Belo Horizonte, ele mudou pra cá em 93 ou 97, um trem assim, só essas três casas que tinha, e do Vilas Boas, a casa dele tinha azulejo, o resto tudo era chão batido, era concreto grosso no chão, as vezes nem concreto não tinha, eu mesmo morei na minha casa e era terra no chão nos primeiros anos de vida minha, aí depois que passou um vermelhão no chão, assim um cimento marcado no chão, mas durante uns 10/11 anos eu vivia desse jeito, era chão na minha casa, aí mudou pra cá o consórcio azulejou a casa de uns, a minha casa não é azulejado o chão não, mas... (entrevista Caetano, agosto de 2012)



Foto de Ana Regina Nogueira⁶⁰

Apesar dos benefícios materiais provocados pela mudança para o bairro urbano de Ijaci, por muitos valorizada, esta mudança trouxe também alguns efeitos em relação à sociabilidade dos moradores. Mais à frente na entrevista o Caetano afirma:

⁶⁰ Disponível em: <http://www.anareginanogueira.com.br/Patrimoniocultural.htm>

O asfalto dividiu o povo, porque o povo tinha amizade, ai asfaltou, tem rede de esgoto, antigamente não tinha nada disso não, era fossa, privada, as vezes tinha casa lá que nem isso não tinha, nem privada não tinha, era aquelas privadas, você já viu aquelas privadas no meio do quintal lá, tinha que sair de dentro de casa pra ir no quintal lá, na privada lá no fundo da horta, porque lá tinha quintal grande né, era assim, ai mudou pra cá o povo ficou mais...ficou diferente né, depois que mudou pra cá não tem mais aquela união, o futebol acabou, acabou porque acabou a união, lá todos os dias nois juntava mesmo, ia pro campo, jogava bola, acabava o futebol nois ia jogar baralho, então mudou, o povo desuniu, a única família que continua unida ai é a minha, a minha família ainda continua unida, tem meu grupo de congado, hoje em dia tem irmão e irmã ai que passa 2 anos, 3 anos sem ver um ao outro, antigamente não tinha isso não, mesmo quem trabalhava em Belo Horizonte, outros que trabalhava nas capital, fora, de mês em mês tava na casa do pai, da mãe, lá era assim, hoje não, tem gente que passa 1 ano sem ver ninguém da família, ficou cada um pra si, e antigamente na nossa época não era assim não, eu trabalhava lá em Ariadne, quando eu trabalhei lá em Ariadne nesses 8 anos eu vinha de mês em mês, agora o povo hoje não, ficou diferente né. (entrevista Caetano, agosto de 2012) [grifos meus].

A simplicidade, a humildade, são características que eles vinculam ao meio rural e que são apreciadas, principalmente em detrimento a certos valores por eles identificados como característicos do meio urbano, como a questão da “frescura” e da sensação de “se sentir grande”, de que muitos atingidos foram acusados de passar a ter depois da mudança. Durante uma conversa que tive com outra jovem moradora do bairro, ela me contou sobre como seus avós reagiram à transferência do local de moradia. Segundo ela, o seu avô ainda não conseguiu se acostumar até hoje, disse que ele vive repetindo que “a cidade está me matando”, fica falando que “a água daqui não presta” e que ele tem inclusive que ir até a antiga Pedra Negra pra pegar água da mina pra poder lavar sua cabeça porque não tem coragem de lavar com a daqui que sai umas coisas brancas e, por isso, não presta. Já a sua avó, apesar de ter conseguido se acostumar mais facilmente, vive comentando que o pessoal depois que mudou pra Ijaci “diferença demais”, ficam muito preocupados em cuidar e zelar da casa, acham ruim os ônibus passarem e jogarem poeira (outros atingidos se referiam a esse tipo de comportamento como “frescura”), sendo que antigamente não tinha nada disso pois o pessoal vivia na roça e não ligava pra esse tipo de coisas.

A jovem também me contou que hoje em dia o pessoal “dá conta de tudo que o povo faz”, ficam vigiando a vida de todo mundo e “é uma fofocaiada danada”. Disse que ali no bairro não dá pra fazer nada escondido como, por exemplo, comprar uma coisa nova quando se deve alguém, porque os vizinhos vão logo comentando com todo mundo que você comprou algo novo, só pra falar que você está com dinheiro. Lembro que ela também comentou que ali no bairro acaba que todo mundo é parente um do

outro e que isso é bom, mas o problema é que “qualquer discussãozinha também torna-se algo enorme”.

Edelmira foi outra atingida que falou algo bem parecido, segundo ela, como existem muitos moradores desempregados, “o pessoal acaba ficando tudo a toa por ai, olhando um pra cara do outro e fofocando”. Além disso, segundo ela, depois da mudança “o pessoal ficou tudo se sentindo grande”, “ficaram metidos”, disse que “eles acharam que estavam vindo pro céu”. Disse isso no sentido de demonstrar o sentimento de grandeza expressado por alguns vizinhos ao vir morar na cidade. Comentou também que o pessoal agora vive reclamando de coisas a toa como dos bichos (cachorro, galinha, porco), da poeira, etc.

Durante o processo de pesquisa cheguei inclusive a ficar incomodado com a recorrência na fala dos moradores sobre a diferença percebida em relação à união das famílias na velha Pedra Negra e a desunião das mesmas no novo bairro urbano da cidade de Ijaci, principalmente se levarmos em consideração a crítica feita aos chamados “estudos de comunidade”, que tiveram início na década de 20 nos EUA (principalmente com a “Escola de Chicago”) e se tornaram comuns no Brasil nas décadas de 40 e 50. Segundo Jackson (2009), uma das críticas feitas a tais estudos se assenta no fato de que os “estudos de comunidade”, ao darem ênfase nos setores da vida social que se referem às questões comunitárias e não daqueles vinculados às relações societárias, acabam dificultando a percepção dos conflitos presentes. Para o autor, “tal abordagem limitaria as interpretações aos aspectos estáveis da sociabilidade, excluindo toda ideia de oposição e luta...” (Ibid: 276).

Mas apesar da recorrência na fala dos atingidos reforçando os aspectos de coesão social da antiga comunidade, durante nossas conversas eles sempre deixavam transparecer os conflitos que não são exclusivos do novo lugar de moradia no bairro urbano de Ijaci, eles sempre existiram na velha Pedra Negra, como pudemos perceber na fala do Caetano ao relatar o seu velho desentendimento com um vizinho, ou da rixa existente entre os moradores de Pedra Negra e os de Macaia, da separação dos bailes entre brancos e pretos em tempos mais antigos, que também chegou a gerar alguns conflitos, dentre vários outros.

No entanto, a ênfase dada pelos atingidos era mesmo em relação ao processo de desunião por eles vivenciados a partir da mudança provocada pela construção da barragem. Um fato que me ocorreu durante o trabalho de campo e que explicita este fato aconteceu quando, depois de conversar com a Edelmira, sentei no banco da praça da

Igreja para fazer anotações no meu caderno de campo e, de repente, se aproximaram de mim três garotos que disserem ter 10, 11 e 13 anos. Eles estavam curiosos para ver o que eu estava escrevendo, um deles chegou inclusive a sentar do meu lado e, depois de olhar o caderno comentou com os colegas: “olha, ele já escreveu umas 3 páginas”. Ao me perguntarem sobre o que estava escrevendo, expliquei a eles que estava fazendo uma pesquisa com os moradores para saber como era a vida na velha Pedra Negra e como é agora no novo bairro, em Ijaci, o que mudou e tudo mais. Achei muito curioso que logo que eu terminei de explicar um deles, prontamente, falou que as brigas ali são muito frequentes hoje em dia, disse que o pessoal briga o tempo todo entre eles porque têm muita inveja um do outro. Ele também comentou, assim como outros atingidos com os quais conversei, sobre a questão da roupa, disse que se você compra uma roupa nova fica todo mundo reparando, “um sempre quer ter mais que o outro”. Achei curioso um garoto de 13 anos falar isso prontamente, de forma espontânea.

Os garotos estavam querendo jogar bola no gramado da Igreja, comentaram que o campo na velha Pedra Negra era aberto, todo mundo podia jogar lá, mas que ali no bairro o campo fica fechado e eles têm que jogar bola em outro lugar, como no gramado da igreja e em uma pequena quadra de cimento em frente à replica da estação. Outra coisa que também me chamou muito a atenção foi o comentário deles de que se estivessem na velha Pedra Negra, numa hora dessas (no fim da tarde), não estariam limpinhos do jeito que se apresentavam no momento, “já estaríamos tudo sujo, brincando no mato, aqui não tem muito o que brincar; aqui, se você anda descalço eles já acham que você é um mendigo”(“ficaram grande”); detalhe, ele estava descalço. Achei muito curioso eles terem falado essas coisas espontaneamente, sem eu ter demonstrado nenhum interesse específico e nem ter perguntado nada a eles.

Interessante como que várias pessoas, de diferentes idades, reclamavam desta “falta de liberdade” como demonstraram as crianças em relação ao campo de futebol e a falta de espaços para brincar. Como podemos ver, a arquitetura com que o bairro foi construído influencia na forma de sociabilidade entre os moradores e, nesse sentido, assim como no comentário da Alcione transcrito mais acima, Edelmira foi outra atingida que também falou algo sobre a disposição das casas que me chamou a atenção. Segundo ela, antigamente as casas dos moradores da Pedra Negra eram mais “espalhadas”, mais distantes uma das outras, mas com a transferência para Ijaci eles acabaram “amontoando todo mundo”, disse que eles “espremeram todos juntos ali”, e ela se sente incomodada com aquilo.

Esta reclamação em relação à proximidade das casas também me foi relatada por outros moradores do bairro como foi o caso da Gabriela, que falou algo bem semelhante da Edelmira; quando perguntei sobre o que ela achava da mudança, ela respondeu que era bem melhor na velha Pedra Negra, pois, antigamente, as casas eram todas longe uma das outras, separadas e agora eles “botaram todo mundo junto”. Gabriela disse que eles eram acostumados com o jeito do lugar, com a antiga Pedra Negra e que tem sido difícil se acostumar com a vida ali no bairro.

Durante a pesquisa para monografia também ouvi reclamações dos atingidos daquele lugar nesse mesmo sentido, em relação a distância das casas. Um ex-pescador me falou que, assim como na velha Pedra Negra, na antiga comunidade do Funil as casas também eram distantes uma das outras e, por isso, tinha vezes que eles ficavam até uma/duas semanas sem ver os vizinhos. Com a transferência do lugar de moradia, as casas foram todas construídas uma do lado da outra e, como disse: “agora, todo dia de manhã você acorda, abre a janela e já dá de cara com um vizinho”, ficando obrigado a interagir com ele. Comentou que não é que ele não goste dos vizinhos, mas é que eles não estavam acostumados com essa proximidade toda.

É curioso observarmos que no novo bairro de Ijaci as casas são mais próximas, mas as pessoas estão mais distantes. Na velha Pedra Negra acontecia exatamente o contrário, as casas eram mais distantes uma das outras, mas as pessoas eram mais próximas, se interagiam com mais frequência. Como comentou Onésima:

... agora ficou assim, mais longe um dos outros também né. Num ficou assim muito... Porque lá era pequeno o povo tinha mais coisa. Agora, aqui num é pequeno e num é grande também, mas aqui o povo fica mais, assim... um prum lado, outro pro outro. Agora lá não. Lá um falava assim “ah, vamo na pedra?”, juntava aquela porção e ia. Falava “vamo no rio?”, juntava aquela porção e ia, “buscar lenha?”, ia uma porção buscar lenha. Era assim. (entrevista Onésima, agosto de 2012) [grifos meus].

Um fato vivido durante o trabalho de campo que expressa essa proximidade das casas e que revela também como que os vizinhos estão sempre atentos com o que acontece nas casas ao redor, e aí não só com a intenção de fofocar, mas também de prestar algum tipo de ajuda, aconteceu num dia em que estava conversando com o João no quintal de sua casa quando, de repente, ele se levantou assustado dizendo que tinha escutado um grito e que era a tia da Maria. Fiquei espantado com o fato de como ele conseguiu identificar o grito, mas depois ele me explicou que ali em sua casa eles já ficam mais ou menos atentos, de olho, pois conhecem os vizinhos e sabem quem pode precisar de algum tipo de ajuda em algum momento. A tia da Maria já é de mais idade e

mora sozinha com seu irmão, também de mais idade, e, segundo João, ela tem algumas dificuldades e por isso não poderia estar sozinha. Falou que tem uma senhora, vizinha deles (mulher do Carlinhos), que cuida do dinheiro da aposentadoria dela desde a velha Pedra Negra, mas que ela não dá muito certo com a Maria, disse que “as duas não passam juntos na pinguela de jeito nenhum”. Assim que Maria percebeu, saiu correndo em direção à casa da tia e quando eu e João chegamos, vimos que ela havia derramado água quente nas pernas, mas que não era nada de muito grave e ela estava bem.

Logo depois que saímos da casa da tia da Maria o João perguntou se eu não gostaria de dar uma volta pelo bairro, eu disse que sim e enquanto caminhávamos ele foi comentando sobre o fato de o pessoal de Pedra Negra ficar muito dentro de casa, não sair pra nada. Quando descemos ao lado do campo de futebol e fomos até a beira da represa, João comentou sobre como o lugar em que eles foram transferidos é bonito e muito tranquilo, disse que naquela hora, no fim de tarde, o pessoal costumava fazer caminhada ali, mas disse que quem fazia isso era mais o povo de Ijaci, por que “o pessoal da Pedra Negra não sai de casa de jeito nenhum”. Falou que o motivo disso era que eles estavam acostumados com a vida na roça, com “aquela coisa mais parada” e, por isso, o pessoal de Ijaci acaba aproveitando mais o espaço do bairro do que os próprios atingidos.



Foto de João caminhando em frente a um condomínio, logo abaixo de Pedra Negra, de minha autoria



Foto de condomínio particular logo abaixo no bairro Pedra Negra, de minha autoria

Não é só a disposição das casas que interfere na sociabilidade dos moradores de Pedra Negra, como podemos ver através das fotos, o bairro é cercado por condomínios particulares de alto valor que acabam limitando a circulação e interação entre as pessoas e destas com o meio ambiente que os cerca. Como comentou João enquanto me contava sobre como eles pescavam na antiga comunidade:

De vara, de anzol, pegava trairá, cará nos açude, piau, Dourado, no rio, lambari, mas era aquele peixe mais pro seu sustento mesmo, era só uma ou duas pessoas que pescavam pra vender, a maioria era só ir lá pra pescar pra comer mesmo, não tinha esse negócio de querer pescar por bunitiza não, você entende? Eles ia lá e falava a não, hoje eu vou comer um Douradinho, ai ia lá e pescava, geralmente, porque o florestal não deixava, mas parece que você tinha aquele prazer de você ir lá e pescar pra você comer. Hoje não, você pode até ir ali pescar, mas você tem que ter um barco, pra você por uma rede você tem que ter a carteira de pesca, lógico que lá também dependia de uma carteira, mas lá em qualquer cantinho que você ia você pescava o seu peixe, porque além de ser uma água corrente...e aqui tem um problema, eu não sei se é porque é a primeira vez que a gente vê uma represa, mas cada lugar as pessoas vai tendo...vão tomando o seu espaço na represa, né... Vamos supor, aqui pra baixo tem um condomínio, então as pessoas vão comprando os pedaços berando o rio, e se você não tiver uma canoinha pra você ir lá do outro lado do rio pescar, aquilo ali vai tampando as entradas, os acessos, na Pedra Negra sempre teve acesso ao rio, porque eu lembro que uma vez um homem comprou uma casa lá, e lá, nos anos 60/50, funcionou uma balsa lá na Pedra Negra, eu não lembro não, meu pai era menino, e essa estrada era dessa balsa, saia lá do Rio pra chegar dentro da Pedra Negra, ela era como daqui lá na estação, ai esse Sr. comprou essa casa beirando essa estrada, mas ele queria acabar com esse acesso, porque além dessa estrada que era beirando a casa dele, tinha aquele movimento de pessoas, que as pessoas iam lá nadar na prainha, ele tentou fechar mas não conseguiu não, porque lá não era um lugar...lá era uma estrada de acesso à beirado do rio, então geralmente as pessoas iam lá e nadava, pra baixo eles também podiam ir, então, se você for ver, aqui beirando a represa, cada pessoa vai tomando o seu espacinho, a realidade é essa. (entrevista João, fevereiro de 2012) [grifos meus].

Existem muitos condomínios ao redor do bairro Pedra Negra, o que é comum nas margens das represas de UHEs (na região da Ponte do Funil acontece a mesma coisa), como disse João:

É, tem um [condomínio] aqui, tem indo pra Serra ali, tem esse do Carlos Alberto que ele ta fazendo lá em cima, mas ai já vai ficando mais longe né, e aqui também você não conhece direito as pessoas, os fazendeiros, ai você não chega naquele acesso que pode ser que eles acha ruim, na Pedra Negra não, você já sabia os lugares certinho que você podia ir, então esse lado ai... Então, aqui nesse condomínio que eles estão fazendo aqui, tem lugar que você pode chegar e pescar, mas eu creio que daqui uns anos vai chegar um ponto que você não vai ter acesso à beirado do rio, porque eles não deixaram acesso lá pra nois, eles faz o condomínio beirando a represa, cada um vai comprando o seu pedaço...e na Pedra Negra não tinha nada disso não. (entrevista João, fevereiro de 2012) [grifos meus].

Estas falas do João, assim como a da Abelarda quando ela comenta sobre a falta de liberdade que sentiu depois da transferência (apontada também no diagnóstico da Alcione), bem como a do Casimiro ao reclamar do fato de ter que tocar o interfone para falar com os vizinhos, também da reclamação das crianças da falta de espaços para brincar e jogar bola, entre várias outras situações, demonstram que a forma com que o bairro urbano foi construído como forma de compensar a perda do lugar tradicional de moradia das famílias de Pedra Negra teve como efeito a falta de liberdade e uma perda na autonomia dos indivíduos que passaram a estar limitados pela estrutura tipicamente urbana do bairro, muito diferente da velha Pedra Negra.

No entanto, os atingidos não enfrentaram esta situação de forma totalmente pacífica, como vimos em relação ao fogão à lenha, eles sempre demonstravam alguma resistência em abandonar certos costumes e, além disso, também desenvolveram novas práticas que demonstram que eles não foram apenas “vítimas do processo”, mas também interferiram diretamente na sociabilidade do lugar onde eles foram morar depois da construção da usina, como foi o caso da construção da rádio comunitária e do grupo de congada.

Como comentei na introdução desta dissertação, o que mais me chamou a atenção nas conversas entre os moradores de Pedra Negra durante o pré-campo realizado no bairro de Ijaci foram os relatos dos mesmos sobre a riqueza cultural que tinham antigamente, principalmente no que diz respeito às festas religiosas e às brincadeiras por eles inventadas não só durante datas comemorativas como o carnaval, que era típico do lugar, ou a entrega de leite na sexta-feira da paixão, mas também no dia a dia, no cotidiano da comunidade. Como comentou João:

É, geralmente, bom isso já era uma outra parte, de o que? Folclore né! Você já viu igual no carnaval, igual eu comentei com ele (...) As festas que tinha lá era, o padroeiro de lá era o São José, então tinha as festas de congado, de folia de reis, e tinha esse carnaval né, que era típico... Fazia o boi, eu até tenho foto aí, uma hora eu vou mostrar proê. (...) O boi era assim, você pegava a caveira do boi, a caveira mesmo, a carcaça dele, e você colocava um cesto ou um bambu, e aí você entrava dentro dele e carregava, só que tem que você também vestia com um...é, você tampava o rosto com uma máscara para eles não te ver, mas isso é uma geração mais antiga, eu ainda peguei um momento mais brando, mas a geração mais antiga um pouquinho, o pessoal mais antigo, eles levavam isso muito a sério, eles corriam atrás das pessoas, e assim, dava até pra machucar, era pra respeitar mesmo, aquilo ali já era um lugar mesmo do boi, aquela praça ali... [perguntei: é como se tivesse marcando um território?]. É, isso, marcando um território, aí as pessoas brincavam, mas se você fosse lá mexer com ele, geralmente ele ia correr atrás, se ele pegasse ele dava uns cutucão bem bão. (...) você tinha que impor respeito se não também virava bagunça, você tinha que dar uns...uns...uns empurrãozinho né, pra ajudar, se não ficava muito...virava bagunça né. Então

era isso aí...igual, pra cá mesmo eu não trouxe isso, pra cá eu não trouxe, porque depois que vim pra cá eu fui desanimando, eu perdi essa crença, igualzinho eu te falei ontem, porque geralmente, outras pessoas não quis mexer, Alcione chegou e me pediu, pediu e eu falei não, eu não quero, não vou fazer.. (entrevista João, fevereiro de 2012) [grifos meus].



Foto do boi construído por João, tirada por Ana Regina Nogueira⁶¹

Achei muito interessante a variedade das brincadeiras e a espontaneidade das mesmas, que surgiam “de repente, uma coisa repentina”. E João parece ter sido mesmo um daqueles que puxavam essas “farras” na velha Pedra Negra, como comentou:

Nessa época eu fazia bastante zoeira com eles lá, uma vez eu vesti até de Osama Bin Laden, eu vou falar pra você uma coisa, o pessoal ta assim: João, nota 10. Parou um carro perto de mim, até estranhou eu...ai eu tive que sair fora, na época eu lembro, mas eles não tiraram foto, mas você precisava de ver que trem invocado, na época eu zuava um pouquinho (...)foi uma pena você não ter chegado antes, foi uma pena, mas eu tenho certeza que as pessoas ainda vai ajudar a falar sobre isso ai. Uma vez eu fiz um boneco na Pedra Negra, eu e esse meu primo ai, eu tinha uma bicicleta, até minha esposa jogou ela no lixo, eu fiquei numa nervosia danada, mas ai eu fiz um boneco, calcei um sapato nele, pus um chapéu, enchi de pano, e marrei ele na garupa da bicicleta e pus a mão dele, igualzinho assim ó, e marrei ele...ah...eu desci naquela Pedra Negra, com esse boneco, mas a turma...a criançada querendo agarrar no boneco, eu correndo, uns vigiando, porque tinha uns que falavam não põe a mão não, vamos brincar mas não põe a mão não, depois, mais a noite, a casa da minha mãe tava cheia de gente, de criança querendo ver o boneco, eu falei assim: não vou deixar ver. quando foi de noite saiu nois com o boneco, nois entrou num bar do parente dela ai, ó, hoje ele mora em Lavras, eu pus esse boneco sentado na mesa, você vê o tanto de gente que entrou nesse bar...quê que isso, mas aquilo ali não foi assim, escrito, não, vamos fazer não, foi de uma hora pra outra aquilo ali, foi gente tirando foto, pessoas que...porque la em Lavras...la na Pedra Negra mesmo acho que era refugio de umas 30 pessoas de rancho, gente de Lavras, aquilo ali final de semana era só gente de lá, eles gostavam da Pedra Negra, eles eram apaixonado com a Pedra Negra, tinha uns rancho beirando o córrego, eles comprou casa, comprou pedaço beirando o rio pra fazer, então eles viram aquele boneco e tirou foto, eu só sei que eu tenho foto com muita gente, mas

⁶¹ Disponível em: <http://www.anareginanogueira.com.br/Patrimoniocultural.htm>

eu mesmo não tinha uma maquina pra registrar, então aquilo ali foi uma festa, foi uma festa total aquele boneco...e a cobrança depois...João, você não vai fazer outro não? Eu falei não, mas assim, podia até fazer, mas era um de repente, uma coisa repentina né, mas foi um momento muito bom...era natural mesmo. Essa Ana Regina apaixonou porque, porque ela falou assim, não, esse negocio seus aqui é natural, é coisa da terra mesmo, não tem nada de enfeite de modernização não, ela adorou esse boi que eu fiz na época. (entrevista João, fevereiro de 2012) [grifos meus].



Foto de crianças na velha Pedra Negra, autoria de Ana Regina Nogueira⁶²

No entanto, devido a alguns dos aspectos discutidos neste capítulo como a desunião entre os moradores, a questão da “frescura” e da arquitetura/ infra estrutura do bairro, a grande maioria destas festas não acontecem mais hoje em dia. Como comentou o Caetano:

Lá tinha festa de São Jorge, festa de São José, festa de Nossa senhora da Edelmira, então essas três festas tinha, sempre teve, são José que era o padroeiro daqui, a festa de São José era uma festa onde havia leilão na comunidade, os fazendeiros davam gado pro leilão, então fazia as barraquinhas, vendia e o que arrecadava era pra Igreja, os fazendeiros doavam bezerro, outros dava vaca, cavalo, essas coisas, galinha, queijos, arroz, feijão, leiloava aquilo e a renda era pra Igreja, lá era assim, a festa de São José, e tinha a outra festa de São Jorge, onde havia leilão, cavalaria, e isso aqui acabou...(entrevista Caetano, agosto de 2012)

Achei curioso a explicação dada pela filha do Caetano em relação ao fim da festa de São Jorge, segundo ela, esta festa acabou por causa dessa “frescura” que o povo

⁶² Disponível em: <http://www.anareginanogueira.com.br/Patrimoniocultural.htm>

passou a ter depois que vieram pra Ijaci, onde muitos passaram a dizer que “os cavalos fazem muita bagunça, que pode machucar as crianças, que jogam poeira pra dentro das casas...”, etc. Ela chegou inclusive a ironizar esta situação, dizendo que o povo antigamente não tinha nada dessas “frescuras”, que viviam em estradas de chão, as casas eram de terra batida, cheio de poeira e eles nunca se importaram com essas coisas, mas depois que vieram pra cá começaram com essas “frescuras”.

Em relação à festa do Judas, outra festa típica do lugar, a mudança na percepção dos atingidos em relação à violência depois da transferência para a cidade de Ijaci prejudicou a continuidade da mesma. Como comentou João:

...o Judas eu não fiz mais, porque o Judas geralmente precisa brincar de roubar alguma coisinha né, e aqui, no início, geralmente teve uns roubo, então a gente ficou meio cismado deles querer até usar nois, porque geralmente você vem cá e rouba um tapete, rouba uma fruta, um motor, uma lata, uma bicicleta, brincando né, só que tem que no início a turma tava assim, ah, eu não vou fazer não porque as vezes eles vai querer ..querer...crescer em cima de nois e vai querer roubar, porque ai no início teve uns roubinho ai, nuns lugar, então a gente ficava com medo né...deles achar que fomos nois (...) porque você que ta fazendo o Judas, você tem que roubar as coisas pro Judas, pra no outro dia nois entregar, mas ai nois ficou com medo nessa parte ai, ai nois não mexeu mais com isso não, então ninguém quis mexer (...) você fica com medo deles querer aproveitar aquele momento e ... porque geralmente, a maioria das pessoas não sabe que Judas tem essa brincadeira não, não é muita gente que sabe não... (entrevista João, fevereiro de 2012)

No entanto, existe uma festa que não só continua a ser realizada hoje em dia, mas que, além disso, depois da transferência tomou uma proporção ainda maior da que tinha quando era praticada na velha Pedra Negra. Esta festa é a Congada, que assumiu tamanha importância na região que passou inclusive a ser considerada como um patrimônio histórico da cidade de Ijaci. Como comentou o Caetano:

Meu pai trabalhava pro Zé Cambraia, morou 45 anos lá, tinha um terno de congado na época, o meu pai e um outro, o Secundi Mariano, pai do Onofre, era um terno bom demais, eles que faziam a festa, ai fizeram a festa durante uns 15 a 20 anos mais ou menos, ai depois parou, parou não, eles largou daquilo e passou a festa pra outra pessoa, pro Amado que é o Luiz Campanha ai eles passou a fazer a festa, ai foi mais uns 20 anos. Meu pai não largou, apenas trocou de presidente da festa. Começou a festa com o Luiz Campanha, depois foi o Secundi Mariano que fez durante uns 10 anos, o Luiz fez uns 20 anos, depois o sr Amado, ai desde que o sr Amado largou, não pode mais, ficou impossibilitado de fazer a festa ai eu que assumi a festa, desde 92 pra cá. Desde a Pedra Negra antiga eu já fazia, eu já tinha meu grupo de congado. Eu tenho um grupo de congada que chama Terno de Moçambique Quinongo, eu tinha 12 anos de idade quando eu montei este terno de Moçambique, mas só que eu tinha o terno e esse terno abrihantava a festa dos outros que a festa era do meu pai, da minha família né, meu pai, o Sr. Amado...o único terno de Moçambique que tinha lá era o meu, não tinha mais Moçambique lá na Pedra Negra, o único terno de Moçambique era o meu, eu

tinha 12 anos de idade quando eu montei esse terno, eu to com 50 anos. O outro terno era 4 pé (...) O 4 pé é uma dança, é um balanço, um balanceado, no ritmo de música é um balanço, um ritmo balanceado, já o Moçambique não, o Moçambique é um congo parado, é um congo de velho, e esse congo de velho é o que eu tenho desde quando eu tinha 12 anos de idade, que é o Moçambique, que é uma coisa mais de velho, o povo até estranhava que eu era um moleque e mexia com terno de Moçambique, o pessoal que era mais velho do que eu ficava com o 4 pé, então desde de pequeno era assim... (entrevista Caetano, fevereiro de 2012)



Foto da Congada na velha Pedra Negra. A autoria de Ana Regina Nogueira⁶³

⁶³ Disponível em: <http://www.anareginanogueira.com.br/Patrimoniocultural.htm>



Foto da Congada na velha Pedra Negra. Autoria de Ana Regina Nogueira⁶⁴

Mais à frente ele comenta:

... desde que eu mudei pra cá, vai fazer, setembro agora faz 11 anos né, 22 de setembro faz 10 anos que eu mudei pra cá, ai nesses 10 anos que eu to aqui eu levantei a festa de congado que aqui em Ijaci não tinha, só que a festa passou a ser maior um pouco, maior que eu falo é na população porque ai já passou a ser Festa de Congada do Bairro Pedra Negra e Ijaci, ai elevou de nível de comunidade pra cidade você entendeu?, mas só que o departamento de cultura me ajuda também com a condução, eu não pago condução, eles dá condução pra nois, se nois pudesse sair, eu que não posso, tenho compromisso na minha vida particular, mas se nois quisesse sair todo domingo com a congada o departamento de cultura dava o ônibus pra nois sair, tanto que nosso grupo de congada, desde que passou pra cá, foi registrada no departamento de cultura como patrimônio cultural de Ijaci, então meu grupo de congada é isso, já apareceu pessoas que já me ajudou, tinha uma menina lá de Lavras, não sei o nome dela mais, ela teve ai fazendo pesquisa e me ajudou com roupa usada mesmo [Alcione]...(entrevista Caetano, fevereiro de 2012) [grifos meus].

É claro que tiveram de fazer adaptações para poder garantir que a festa continuasse, como comentou o Caetano:

Lá na Pedra Negra, na antiga Pedra Negra a festa começava sábado, era sábado, domingo e segunda, três dias, aqui nois tirou um dia, porque depois que passou pra cá os patrão já não ajuda mais conforme os fazendeiros de lá ajudava, os fazendeiros de lá davam folga pros empregados, ou as vezes dava tarefa pros caras, eles iam lá na lavoura tiravam tarefa no sábado e depois, como tinham trabalhado, entendeu [folgam na segunda], agora aqui, como é firma, a firma não pode dar folga pros funcionários, ai nois deixa só pra domingo, mas só que meu grupo no sábado sai, meu grupo faz sábado, aqui a

⁶⁴ Disponível em: <http://www.anareginanogueira.com.br/Patrimoniocultural.htm>

festa é no sábado e no domingo porque meu grupo nois da um jeito de tirar...as vezes a turma falha no serviço ou tira folga, mas eles vem né... (entrevista Caetano, agosto de 2012)

Mas a “revitalização” da festa de congada na cidade de Ijaci, proporcionado pela inserção do grupo da Pedra Negra em um dos bairros da cidade, demonstra que os atingidos não foram apenas influenciados com a transferência para o bairro urbano, mas também influenciaram, de alguma forma, a sociabilidade dos moradores daquela cidade. Como comentou o Caetano:

Tinha não, fazia 20 anos que tinha acabado a congada daqui [Ijaci], a muito tempo atrás teve, a 20 anos atrás teve, tinha e festa muito boa, aí ficou uns 16 anos mais ou menos, ou 17 anos sem ter festa, aí eu mudei pra cá e comecei a fazer a festa, eu faço com muita dificuldade mas faz, nois pede ajuda, mas o povo daqui é um povo muito bom, eles me ajuda muito, dessa ultima vez o departamento de cultura, não sei quê que aconteceu lá, eles não deram o almoço que eles sempre dá, aí na hora eu cheguei lá, fui procurar na Prefeitura sábado e não tinha nada, eu já tinha convidado mais de 1000 pessoas, que almoça aí com nois, aí eu sai na rua fui lá e falei pro padre me arrumar uma lista... (...) eu tinha almoço pra mais de 1500pessoas, porque eu tenho compromisso com aqueles que eu chamo né, eu mando convite pra Belo Horizonte, São João Del Rei, Barbacena, Lavras, Perdões, que são grupos de congada também que vem... Candeias, Bom Sucesso, Santo Antonio do Amparo, Perdões, Carrancas, vem um grupo de cada lugar desse, então a comida desse pessoal, só dos grupos dá umas 250/300 pessoas, só que a população que chegar almoça... (entrevista Caetano, agosto de 2012) [grifos meus].

Pelo que me falou Caetano, esta festa parece mesmo ter se consolidado, pois, como disse, até os mais novos também estão gostando de participar. Ao me explicar sobre como se dá a festa ele comenta:

É uma representação. Nosso terno bate na rua, recebe a bandeira de nossa senhora do rosário e são Benedito nas casas, eles doam, ah, eles doam 50 centavos, 2 reais, tipo uma peregrinação, aí eles doam aqui no final da festa e tudo, meu terno tira todo ano 600/700 reais, aí eu dou tudo pra Igreja, entrego tudo pro padre, entendeu, tem uma pessoa que cuida disso pra nois, que é tesoureiro da festa, que junta, o tesoureiro da gente é até a dona Madalena, sempre foi, (...) (26,20) a sobra a gente sempre entrega pra Igreja, a sobra é sempre nessa faixa de 1000 reais, 650, todo ano nois entrega esse dinheirinho pro padre...(28,19min). Eu sempre mexi com isso, agora hoje se eu parar ela não acaba mais não, eu faço, graças a Deus e Deus me deu o dom pra isso, eu incentivo as pessoas, e os meninos gostam, eles gostam, se falhar uns 2/3 meses sem sair eles vai La em casa cobrar, porque que não vamos sair esse mês (...)[grifos meus].

Mas além da festa de congado que se firmou e até mesmo resgatou traços da cultura local que haviam se perdido, outro fato interessante protagonizado pelos atingidos e que teve uma boa repercussão na cidade de Ijaci como um todo, foi a

construção da rádio comunitária. Como me explicou o Adalberto, que à época era o diretor da rádio:

Até, lá na rádio eu sou diretor da rádio. Eu fui nomeado pra diretoria lá. Ela é uma rádio comunitária. Até foi uma batalha muito grande da Dona Madalena. A Dona Madalena foi a pioneira aí nessa, nessa luta dessa rádio. Então essa rádio vinha brotando, vinha conversa dessa rádio, a gente nunca pensou que essa rádio ia acontecer. “A rádio vai sair, ah, tá fazendo os papel”, mas o negócio num vinha né. “Ah essa rádio num vem nada”. Aí, de repente, o pessoal conseguiu a liberação da Anatel e batalhou, e a Dona Madalena, juntamente com o pessoal do consórcio... O consórcio também foi fundamental. Por que num tinha né, um veículo de comunicação desse porte aqui. O pessoal nem pensava em (...) quando a gente veio pra cá, a associação juntamente... isso aí foi um trabalho da associação né, juntamente também teve apoio da prefeitura, do consórcio, teve vários apoios pra poder tá conseguindo aí a licença. E hoje ela opera, ela opera de seis horas da manhã até as dez, os locutores lá são voluntários. (...) ninguém ganha tá. Ela funciona de seis às dez horas. (entrevista Adalberto, agosto de 2012)

Mais à frente na entrevista ele me explica como a rádio funciona e afirma a repercussão (confirmada por outros atingidos) que ela tem entre os moradores da cidade de Ijaci, que ainda não tinham uma experiência deste tipo até então:

Por exemplo, aí cê pode ir lá fazer seus ...“a eu quero fazer uma locução”, certo. Aí tem uma menina que trabalha lá que é a secretária, então ela vai tá fazendo um teste com a pessoa, um testeinho, mas... Por exemplo, a pessoa num tem experiência ne, com o tempo a pessoa vai adquirindo aí uma experiência, aí a pessoa... Muitas vezes a pessoa chega lá nem conhece direito os equipamentos. Então tem que ter um treinamento primeiro, pega uma pessoa que já... já tá a mais tempo acompanhando certo, e aí a pessoa começa a fazer o programa. Tem vários programas né, tem de manhã tem programa sertanejo, tem às nove horas tem programa variado, beleza. De tarde também tem programa sertanejo, tem as meninas aqui do bairro. Tem uma menininha do bairro que é locutora, fala muito bem pelo tamanho dela, tem dez anos. (...) eles tocam sertanejo universitário. Tem também notícias né...Tem também o pessoal da prefeitura que todas quarta-feira tem um horário reservado pra eles, pra eles divulgar... Por exemplo, “ah, tal rua lá vai ser bloqueada”. Passar informação né: “Ah tal rua lá vai ser bloqueada, nós vamos fazer uma obra em tal rua”, assim, tal, aí faz a divulgação. Tem programas também evangélicos né. Tem o momento também de oração. Todo dia às seis horas da tarde o padre, o padre local vai lá rezar uma Ave Maria. À noite tem a programação também, tem a programação de músicas variadas né, então... Sábado e domingo também rola, rola pagode, rola axé. O pessoal... A gente concentra mais no final de semana, tem bastante, tem bastante audiência, muita audiência (...) Tem bastante audiência. O pessoal aqui de Ijaci todo mundo ouve a rádio. Antes da gente instalar a rádio aqui o pessoal escutava muito as rádios de Lavras, sabe. Depois que instalou a rádio daqui, cê pode passar em qualquer casa, tá tudo escutando aqui, certo. Então é muita audiência. O telefone toca muito, é muito pedido. O pessoal pedindo música, oferecendo prali e praqui. Mas é que ela pega, ela abrange mais aqui na cidade, até Macaia ali ela pega. Ela tem um... tantos metros pra pegar. Porque, por causa de ser comunitária ela num pode invadir muito... (entrevista Adalberto, agosto de 2012) [grifos meus].



Foto da rádio comunitária de Pedra Negra, de minha autoria

3.1. Conclusão do capítulo

Como pudemos perceber pelo que foi discutido ao longo deste capítulo, a mudança da população rural de Pedra Negra para o bairro urbano da cidade de Ijaci provocou mudanças significativas na sociabilidade das famílias. A desunião entre os moradores, a falta de opções de lazer, o sentimento de insegurança e de falta de liberdade são todos processos que ocorreram, entre outros fatores, devido à forma com que a infraestrutura e a arquitetura do bairro - que foi construído como forma de compensar o local tradicional de moradia - foram planejadas e construídas.

No entanto, os atingidos não enfrentaram o processo de mudança de maneira pacífica, inativa, e apesar das várias dificuldades encontradas, conseguiram tecer estratégias que permitiram o desenvolvimento de ações que deram expressão a manifestações culturais tradicionais, como é o caso do fogão à lenha e da congada, e possibilitaram também a criação de coisas novas, como é o caso da rádio comunitária, ações que tiveram boa repercussão na cidade de Ijaci e que deram visibilidade às famílias de Pedra Negra.

4. A PERCEPÇÃO DAS MUDANÇAS EM RELAÇÃO À SAÚDE

Apesar deste não ter sido o foco inicial da pesquisa, durante o trabalho de campo pude perceber que os moradores do bairro de Pedra Negra davam uma ênfase muito significativa ao aspecto da saúde. Quando perguntados sobre o processo de mudança vivido por eles, este assunto era sempre um dos primeiros a serem comentados e todas as pessoas com as quais conversei mencionaram a melhora em relação ao acesso aos serviços de saúde, muito precários na velha Pedra Negra. Por outro lado, o tema saúde também aparecia de maneira correlacionada a várias outras problemáticas como a questão da alimentação, da religião, do trabalho, da sociabilidade, etc.

Se tomarmos como referência a ideia de desenvolvimento discutida no primeiro capítulo quando analisamos a visão legal/jurídica do processo de construção de usinas hidrelétricas no Brasil, vamos perceber que, dentro da concepção predominante de sustentabilidade, a questão da saúde vem se consolidando como um aspecto fundamental e tem ganhado cada vez mais espaço dentro dos debates internacionais sobre modelos de desenvolvimento. A própria Agenda 21, produto dos vários debates que ocorreram durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, já colocava ênfase especial na atenção primária à saúde, sobretudo em áreas rurais. Segundo Enrique Leff:

Como consequência da Reunião de Cúpula do Rio, a Organização Mundial da Saúde elaborou uma Estratégia Mundial de Saúde e Meio Ambiente, na qual destaca os amplos vínculos existentes entre a saúde e o meio ambiente no contexto do desenvolvimento sustentável, o que vai além dos determinantes sanitários do meio físico e abrange as consequências, na saúde, da interação entre as populações humanas e toda uma série de fatores de seu entorno físico e social. (2001: 313) [grifos meus]

Depois da conferência do Rio de Janeiro em 1992, a Agenda 21 foi sofrendo uma série de reajustes ao longo do tempo e em diversos outros espaços o tema da saúde também foi contemplado. A Rio+10, por exemplo, se refere destacadamente à saúde e, além dela, a recente Conferência Mundial sobre os Determinantes Sociais da Saúde realizada no Rio de Janeiro em 2011 integrou, em escala global, os esforços de aproximar a saúde do desenvolvimento sustentável. Este também foi um dos temas centrais debatidos na RIO+20.⁶⁵

⁶⁵ Fontes obtidas a partir do documento: “Saúde na Rio + 20: Desenvolvimento sustentável, Ambiente e Saúde”, preparado pelo GT FIOCRUZ sobre saúde na Rio + 20 (Paulo Buss, Jorge Machado, Edmundo Gallo, Daniel Buss, Danielly Magalhães, Francisco Netto e Andréa Setti).

O que pudemos perceber a partir da pesquisa realizada foi que a construção da Usina Hidrelétrica do Funil, com o conseqüente deslocamento da população atingida e o estabelecimento das famílias em um novo local com características socioambientais completamente distintas das que estavam acostumados a viver, levou as comunidades rurais ali situadas a reelaborarem sua concepção de doença e saúde, bem como as formas tradicionais de cura utilizadas.

A mudança do entorno físico, do tipo de alimentação consumida, do tipo de trabalho e de lazer realizados, das relações sociais estabelecidas, enfim, das condições de existência e meios de vida da população atingida, provocou uma mudança nos tipos de doenças percebidas, nos discursos em torno de suas causas e nas formas de cura das mesmas (como veremos em relação ao vento virado, o mau olhado, a benzeção), apesar de termos percebido também algumas continuidades, - principalmente daquela visão mágica que estava presente na velha Pedra Negra e que permanece, principalmente dentro dos cultos religiosos.

Neste sentido, no presente capítulo procuramos discutir as mudanças e permanências em relação à forma com que as famílias do bairro Pedra Negra percebem a questão da saúde a partir da mudança dos seus meios de vida provocados pela construção da Usina Hidrelétrica do Funil. Faremos isso através de uma análise sobre a relação do tema saúde com outras questões específicas, como a alimentação, a sociabilidade, o trabalho e a religião, procurando discutir também as mudanças em relação às estratégias assumidas pelos atingidos na busca pela cura das doenças percebidas.

O modo das famílias atingidas pensarem a saúde e a doença remete às práticas e valores tradicionais das mesmas, mas também está diretamente relacionado à sua maior inserção no mundo urbano-industrial a partir da construção da UHE Funil. Como já mencionamos anteriormente, a melhora na infraestrutura do lugar de moradia foi relatada por boa parte dos entrevistados como sendo o aspecto mais positivo que ocorreu com a construção da barragem. A fala do Sr. Carlinhos expressa bem aquilo que parece ser a opinião da grande maioria dos atingidos. Ao perguntá-lo sobre quais aspectos ele considerava que tinham melhorado com a mudança para o bairro de Ijaci, ele comentou:

Eu acho que tem umas partes que melhorou né, certas coisas melhorou pra nois, a parte de doente, enfermidade, saúde, aqui melhorou pra nois, porque tem esse posto aqui perto, ficou mais perto de Lavras né, tem mais recurso, lá na Pedra Negra nois era mais sacrificado nessa parte, porque lá se adoecesse

tinha que arrumar alguma condução, levar na cidade né, se tinha ambulância leva, se não tinha tinha que arrumar outra condução particular pra levar, conforme a situação do doente não dava pra ir de ônibus né, que pegava em Bom Sucesso; então nessa parte da saúde eu acho que melhorou, ali na estação mesmo, o medico vai vir ai ainda, ele sempre vem aqui, e ele é bom médico, o povo gosta dele, eu mesmo já consultei com ele, ele é um bom médico, ele vem aqui dia de terça-feira, agora ele fica lá no posto da Serra, de Ijaci, eles fica lá, então a turma que fica aqui assim, que precisa, vai pra lá, se tem ambulância eles leva, se não tem arruma condução e leva, mas toda semana aqui ele vem (...) o acesso pra nois lá também era dificultado, tinha ônibus mas era assim, uma vez por dia, ia cedo voltava de tarde, e aqui tem ônibus toda hora, tem ônibus pra Lavras de hora em hora, a parte que a gente frequenta mais aqui é Lavras mesmo, então tem mais opção, se precisar de carro aqui também, de saúde, se tiver na hora eles leva lá, a parte de saúde aqui melhorou bastante... (entrevista Carlinhos, fevereiro de 2012)

Este também é o ponto de vista do sr. Abel que, durante uma conversa, me contou que, com a vinda para o bairro de Ijaci “as coisas melhoraram, principalmente na questão de acesso e saúde”. Comentou que “hoje em dia é muito fácil, tem posto de saúde cheio de remédio por perto, ônibus pra Lavras de hora em hora e antigamente, se chovesse, ninguém conseguia sair de lá”, se alguém ficasse doente “era um custo tirar a pessoa de lá pra ser atendida, ou pra comprar um remédio que precisasse”. Segundo ele, o acesso era horrível, a estrada era de terra, muito ruim, a balsa que fazia o transporte era muito velha, muito perigosa, e com isso, em épocas de muita chuva eles ficavam praticamente ilhados. Hoje em dia, em sua opinião, as coisas estão bem mais fáceis.

Durante a pesquisa ouvi relatos fortes de experiências negativas devido a esta dificuldade de acesso aos recursos de saúde, como foi o caso contado pela dona Onésima e pelo Sr. Pedro:

É uai. Já saí de noite, com filho meu nos braço, pra vim cá em Ijaci, quando num tinha médico lá em Macaia, atravessava a balsa e vinha aqui de noite. Tinha dia que nós dormia aí, no outro dia que nós ia, porque voltar de noite num tinha como né. Mas lá foi bom, bobo. (entrevista Onésima, agosto de 2012)

É, o que eu achei melhor daqui foi a saúde, e pra gente mexer com as coisas, essas coisas, documentos, essas coisas pra mexer aqui é bem mais fácil aqui, igualzinho eu fui mexer com esse negocio lá em Bom Sucesso; quando nois morava lá em Pedra Negra era uma dificuldade danada, as vezes, tinha dia, quando nois morava lá no... até quando a minha esposa foi pra ganhar criança lá, um dia eu fui até pra dormir em Bom Sucesso, não sabia onde é que tinha pensão pra dormir, nem nada, dormi lá debaixo da...encostado lá perto do coro daquela igreja lá, tava lá, dormi nada, fiquei sentado lá até amanhecer o dia!...é...agora não, agora aqui tem tudo já mais controlado né, e aqui também a gente mexe com as coisas né, é bem mais fácil, tanto faz pro lado de Lavras ou pro lado de Bom Sucesso. (entrevista Pedro, fevereiro de 2012)

No entanto, esta facilidade de acesso aos serviços de saúde alterou as estratégias utilizadas pelos atingidos em relação às formas de tratamento para as enfermidades

percebidas. Ao que parece, houve um aumento em relação à frequência às consultas médicas e à utilização de medicamentos industrializados em detrimento da utilização das práticas tradicionais de cura. Durante o trabalho de campo, conversando com o Sr. Adolfo, ele falou algo que me chamou a atenção, conforme disse: “Não sei se é o povo que anda ficando mais doente aqui ou se é porque eles acostumaram com o médico”. Segundo Adolfo, depois da transferência, pelo acesso aos serviços de saúde terem se tornado mais fáceis, “qualquer coisinha que o pessoal sente aqui eles já saem correndo atrás de médico, atrás de remédio” e, segundo ele, antigamente não era assim. Comentou que a velha “Pedra Negra era um lugar sadio”, principalmente por causa da proximidade em relação à natureza e ao tipo de trabalho tradicionalmente realizado. Comentou também que, como o acesso aos serviços de saúde era bem mais complicado, quando o pessoal sentia algo ruim, “às vezes chegava a ficar com aquele incômodo por uns dois/ três dias até que melhorasse sozinho”, por conta própria, o que já não acontece mais.

Adolfo chegou a comentar de uma vizinha sua, antiga moradora de Pedra Negra, que acabou, nas suas palavras, “viciando em médico”. Comentou comigo que da última vez que ela foi ao médico que atende lá na estação do bairro, ele disse que ela não tinha nada e que era pra parar de procurá-lo à toa, sem estar doente, pois estava atrapalhando suas consultas com os demais moradores. Cheguei a perguntar o nome dela, mas senti que ele ficou sem graça de falar e disse apenas que era sua vizinha.

Neste mesmo dia, conversando com dona Edelmira sobre sua percepção em relação ao que teria mudado em termos da saúde com o deslocamento para o bairro urbano de Ijaci, ela me disse que “hoje em dia o povo ficou tudo fresco, qualquer coisinha agora já se fala que é câncer, e antigamente não era assim”. João também comentou várias vezes neste mesmo sentido durante nossas conversas, e, na sua percepção, antigamente, apesar de não terem acesso aos recursos de saúde, os moradores de Pedra Negra eram muito mais saudáveis, quase não adoeciam. Disse que não se lembrava de muitos casos de pessoas tendo que fazer cirurgia, fazer exames, esses tipos de coisa, mas, agora, no bairro de Ijaci, “qualquer coisinha que o pessoal sente já procuram o posto de saúde”. Para João, hoje em dia o pessoal do bairro anda ficando doente muito facilmente.

É curioso observarmos que durante o pré-campo realizado em janeiro de 2012 na nova comunidade da Ponte do Funil, conversando com o ex-pescador Alessandro, ele também demonstrou um sentimento parecido em relação ao processo vivido na sua

comunidade, e relatou a sua experiência pessoal para ilustrar essa percepção. Enquanto conversávamos no seu bar/mercearia na nova comunidade da Ponte do Funil - sua esposa tinha ido a Lavras levar a sua filha mais nova para fazer uma consulta médica - Alessandro comentava que antigamente ele era “mais forte”, “mais bruto”, mas que agora ele parece ter “amolecido”. Disse que qualquer coisinha que acontece com suas filhas ele vai correndo procurar um médico, um hospital e, antigamente, quando morava na roça, não tinha dessas “frescuras”.

Na ocasião Alessandro comentou algo sobre seu pai, um antigo pescador da Ponte do Funil, que achei bem ilustrativo da forma com que muitos atingidos percebem a relação saúde-doença / campo-cidade. Segundo Alessandro, seu pai era um homem forte, sadio, e era possível de se verificar isso através do seu sangue, que era um sangue grosso, saudável. Disse que se, por um acaso, alguém precisasse de uma transfusão de sangue, uma pequena quantidade do sangue do seu pai já seria suficiente, ao passo que, se dependesse do sangue dessas pessoas de hoje em dia, “dessas branqueladas da cidade, de sangue ralo”, seria necessário uma quantidade enorme para dar conta do recado. Segundo Alessandro, o sangue do povo da cidade é tudo ralo, fraco demais, e para ele isso é sinal de saúde debilitada pela má qualidade de vida das pessoas hoje em dia.

O tipo de relação estabelecida com o meio ambiente (a água, o ar, o vento, a terra, a mata, o rio, etc) é visto pelos atingidos como um fator gerador de saúde ou de doença. Como já foi observado também por outros autores que estudaram as concepções populares de saúde-doença, em muitos casos, o fato de “tomar sol, aguentar chuvas, respirar ar puro, vida ao ar livre, são apresentados como fatores de saúde e longevidade” (Minayo, 1988: 3). A fala da mãe de João é significativa neste sentido, segundo ela:

... A mudança nossa pra cá deu certo porque aqui agora tem mais recurso graças a Deus, tem maca, médico, precisou, tem ambulância, essas coisas assim né. Mas e lá, tempo de chuva, lá num tinha como a ambulância chegar, porque as estrada tava ruim né. É... Mas graças a Deus bobo, criei meus filho tudo lá, difícil assim adoecer, assim de ficar mal mesmo. Máximo era uma gripinha, um resfriadinho só (...) e eles fazia bagunça. Eles mexia naqueles poço d'água tudo quando chovia. Agora hoje cê vê os menino aí, se ocê... se chove aí um bocadinho, se fizer um pocinho d'água, já vem e falam: “menino cê molha os pé, faz mal, tal, tal...”, ah!, (...) Engraçado. E os meus criou na, na... no rio, que nem eu to falando procê. Qualquer hora da tarde, chegava lá o pai deles tinha que levar no rio, nessa hora assim falava: “Ih, meu Deus do céu, eles já querem ir lá no rio, mas vamos demorar pouco”. Ocê pegava eles num horário dentro d'água e falava: “vim chamar ocês pra vim embora”. Aí chamava eles pra vim embora, eles ficava nervoso, num queria vim não. Tinha que João ir lá (risos) (...) Ah bobo, lá tinha muito lugar pra eles brincar, pra eles sair. Criei eles tudo lá, graças a Deus, tudo bem de saúde. (entrevista Onésima, agosto de 2012) [grifos meus].

O motivo dado pelos atingidos para explicar uma vida mais saudável na velha Pedra Negra está diretamente relacionado ao estilo de vida dos seus antigos moradores, ao tipo de trabalho exercido, ao tipo de alimentação consumida, às formas de relação com a natureza que os circunda, ao tipo de lazer vivenciado, de sociabilidade estabelecida, em fim, está diretamente relacionado aos meios de vida tradicionais da população atingida. Apesar da ampla alegação referente à melhora no acesso aos serviços de saúde, que é visto de forma positiva, a transformação dos meios de vida tradicionais foi apontado por muitos como sendo o principal fator responsável por proporcionar uma vida menos saudável no novo bairro de Ijací. A seguir, apresentamos uma discussão sobre a forma com que os atingidos percebem tal mudança.

4.1. O trabalho na roça e a alimentação: alimento com “sustança” x alimento “esforçado”.

As condições materiais de existência, mais precisamente o tipo de trabalho realizado, foi apontado como um fator importante na promoção de uma vida saudável. O simples fato de estar em atividade, trabalhando, é considerado como um sinal de saúde. Neste sentido, em entrevista, o Sr. José comentou:

... agora já to aposentado, mas eu vou te falar procê, a vida lá era mais difícil um pouquinho, mas pra mim era melhor né. Pra mim era, porque, como se diz, enquanto eu tava lá eu tava com boa saúde, e agora aqui, como se diz, a história da gente, o bixo pegou né (...) porque eu tenho problema de diabetes, pressão, tem agora o problema das pernas, as pernas é uma coisa que manda muito na gente né, trabaiava né, mas ai eu aposentei, mas enquanto eu tava trabalhando era muito melhor do que agora (...) porque tem muita gente que fala: ‘Deus me livre de serviço’, mas eu já penso um ponto, eu queria tá trabalhando do jeito que eu trabalhava, com saúde, agora eu tô a toa e, como se diz, o caboco não vale nada mais... (entrevista José, fevereiro de 2012) [grifos meus].

Enquanto conversava com o José, sua esposa, que também participava da entrevista, comentou: “Se tá trabalhando é porque tá com saúde né?!”. No entanto, alguns tipos de trabalho são considerados melhores do que outros no que se refere à promoção da saúde. Neste sentido, o trabalho que era exercido na velha Pedra Negra, ou seja, o “serviço de roça”, justamente por ser realizado ao ar livre, próximo e em interação com a natureza, é considerado por muitos dos atingidos como capaz de proporcionar uma boa saúde. Nas palavras de outro atingido:

... a idade prejudica muito a gente, mas se a gente tiver frequente naquele serviço todo o dia você vive mais, mas se você parar, pra depois você recomeçar fica difícil, é difícil né, tem que movimentar, você vê ai hoje muita gente reclamando: ‘ah que as minhas juntas isso, que minhas juntas aquilo, é desgaste de osso, que é aquilo que é aquilo outro, to com as pernas duras, e tal’, mas eu acho o povo hoje muito é acomodado com essa parte né, porque lá na velha Pedra Negra pelo menos a gente viajava seis quilômetros pra trabalhar, ia de pé e voltava, aqui se o povo tem que ir ali em baixo ninguém quer ir de pé, quer ir de carro, né...e a caminhada é boa pra isso ai, a caminhada é bom, nêgo até faz essa caminhadinha ai em volta da Igreja, mas ai não, caminhada eu acho que tem que caminhar é mais longe, não pode ser correndo mas também não pode ser devagarzinho né, lá na roça já na caminhada você já ta fazendo um exercício que é muito bom pra saúde, você transpira o corpo, é bom, e hoje o povo tá meio acomodado, eu acho que o povo hoje ta meio acomodado viu sô, nessa parte... (entrevista Carlinhos, fevereiro de 2012) [grifos meus].

Além do trabalho na roça que exigia um esforço físico significativo e, por isso, era visto como “gerador de saúde”, o tipo de alimentação consumida também era percebida da mesma forma por muitos atingidos. Como consta no próprio site da AHE Funil: “A adoção de uma alimentação saudável previne o surgimento de doenças crônicas e melhora a qualidade de vida.”⁶⁶No entanto, me parece que não foi bem isso que a construção da usina proporcionou à comunidade.

Durante conversa e entrevista com o Sr. Abdias, antigo morador de Pedra Negra, o que mais me chamou a atenção foi que a primeira coisa que ele me falou, ao contrário da grande maioria das pessoas que havia conversado até então, foi que a saúde piorou muito. Não o acesso aos serviços de saúde, esses ele disse que realmente melhoraram significativamente, mas segundo Abdias: “a saúde do povo piorou demais”, principalmente por causa da alimentação. Conforme analisamos no segundo capítulo, ele também disse que antigamente todo mundo tinha sua horta, seu pomar, plantava feijão, mandioca, milho, todos “alimentos de qualidade”, sem agrotóxicos ou outro produto químico. Agora, depois da vinda para Ijaci, passaram a ter que comprar praticamente de tudo e, segundo Abdias, os alimentos que compram são de “péssima qualidade”, com muitos agrotóxicos e outros produtos químicos que são, em sua opinião, bastante prejudiciais à saúde.

Para exemplificar o seu raciocínio ele me contou sobre a forma com que o feijão vem sendo costumeiramente produzido hoje em dia, por meio da aplicação de um produto químico para acelerar o processo de crescimento da planta até a colheita, fato bastante repudiado por ele. Um pouco antes da realização do trabalho de campo, alguns

⁶⁶ Constante no site: <-http://www.ahefunil.com.br/home/educacao_ambiental/eventos-e-projetos/91-horta-comunitaria-na-uhe-funil->. Acesso em 19/03/13, as 16.22hs.

pesquisadores da Universidade Federal de Lavras estavam fazendo um experimento com um feijão que plantaram em uma área próxima do bairro Pedra Negra, e alguns moradores tiveram a curiosidade de acompanhar o plantio, desaprovado por muitos. Em relação a isso, o Sr. Carlinhos, depois de falar do plantio de meia na velha Pedra Negra e do feijão que ainda compra de um produtor de lá (feijão que segundo ele é de boa qualidade e não tem nenhum tipo de agrotóxico), ele comenta:

...eu gosto de comprar assim, já compro direto do produtor né, porque já compra um trem pronto, chega em casa eu guardo ele ai, guardo tudo dentro dum litro de plástico pra num dá caruncho, ele não tem remédio, não tem nada, porque essas plantas hoje... ali mesmo tem o pessoal da FAEP plantando ali e a gente vê, eles plantaram um feijão lá, o feijão deles era regrado, plantaram feijão, deu feijão, mas o quê que tá acontecendo, o feijão tava amarelado, tava começando o tempo da chuva, ai o quê que eles fizeram, o tempo tava firme, eles foram lá e meteram remédio naquele feijão, adiantaram o feijão a poder de agrotóxico, colheram aquele feijão e foram vender, mas aquele feijão ta envenenado, pra quê né?, esperava o tempo certo dele uai!, mas eles adianta o trem, é aonde ta acontecendo com muita gente hoje é isso aí, poder de agrotóxico, esses remédios bravos que estão dando nessas clínicas aí, eu acho que isso não podia funcionar não, mas eu sei lá, eu prefiro comprar do produtor da roça que no dele lá não tem nada, se eu comprar um feijão daquele lá eu já tenho um cado de sisma deles lá né, até pra madurar eles põe remédio em cima dele, antecipa os negócios, vai a força né... (entrevista Carlinhos, fevereiro de 2012) [grifos meus].

Um fato que também ilustra esse ponto de vista ocorreu no final do primeiro dia de trabalho de campo realizado em novembro. Eu estava na casa do João por volta das 20hs, Maria estava preparando um jantar, e eles me convidaram para ficar, mas eu agradei e falei que estava cansado da viagem e queria chegar em casa logo pra poder descansar. João então me ofereceu de, outro dia, comermos um angu doce que sua mãe costumava fazer na velha Pedra Negra e que era muito gostoso; disse que era uma comida simples, mas que tinha muita “sustança”. Falou que antigamente o pessoal costumava comer comida desse jeito, bem simples, mas muito saudável, comidas como farinha, fubá e trigo, alimentos que, segundo João, servem de base pra fazer muita comida de qualidade, com “sustança”. Ele comentou que o pessoal mais rico hoje em dia come uns pratos que vem muito pouca comida, e que ainda é de má qualidade, comida que ele chamou de “esforçada”, referindo-se aos produtos, adubos e químicos que se costuma colocar na terra para acelerar o processo de produção dos alimentos.

João também se mostrou bem crítico em relação a esta forma de plantar que, segundo ele, produz alimentos que são prejudiciais à saúde. No entanto, ao mesmo tempo em que falava mal dessa forma comum de se plantar hoje em dia, disse entender a necessidade disto, tendo em vista o tanto de gente que tem nascido no mundo

ultimamente. Comentou que antigamente eles escolhiam o melhor lugar e a melhor época de plantar e, hoje em dia, se planta em qualquer lugar. Ao falar disso, ele apontou para o terreno que tem em frente a sua casa (um lote vago com uma terra que me pareceu bem ruim e imprópria para o cultivo) e disse que se quiserem eles conseguem plantar até ali, bastando apenas colocar algum tipo de adubo químico e “aplicar algum veneno”. Segundo João, o objetivo hoje em dia é produzir muito, em pouco espaço e em pouco tempo, o que, para ele, é muito ruim pra qualidade do alimento.

A necessidade de mudança em relação aos alimentos percebida pelo João se deu não somente em relação à sua forma de produção, mas também de seu consumo. Ao falar a respeito de um primo seu, João comenta:

Aí então ficou essas casas mais resistentes lá, essas casa que vende ... que antigamente dizia era armazém né, esses dias mesmo eu estava conversando com meu primo né, que ele é muito...ele gosta dessas coisas também, ele falou que se tivesse dinheiro ele ia fazer um armazém, num é esse negocio de supermercado não, ia fazer é um armazém!, cortar salame em cima do balcão, bexiga dependurada, não tem esse negócio de muita frescuragem, de tudo no computador não, o negócio dele é isso, ele tem essa noção (...) só que tem que eu falei com ele assim, ô Donizete, hoje as pessoas, hoje assim, pra você buscar a freguesia, você começa a ter que acompanhar o movimento, acompanhar a...como é que se fala...a modernização das coisas, então hoje se você picar um salame com a faca as pessoas já acha que é anti-higiênico, falta de higiene, porque antigamente, lá na Pedra Negra, não tinha nada disso; não só lá né... (entrevista João, fevereiro de 2012)

Essa mudança em relação à alimentação, muitas vezes entendido como “frescuragem”, não diz respeito apenas à forma de consumo do alimento, mas também está relacionada à maior possibilidade de escolha proporcionada pela grande variedade de produtos alimentícios encontrados à disposição para compra hoje em dia. Mesmo que os atingidos não tenham condições de comprar o alimento que gostariam de consumir, a simples visualização do produto, principalmente por parte dos mais jovens, pode alterar o seu critério de escolha.

A própria Maria, mulher de João, percebeu essa mudança em relação ao critério de escolha dos alimentos a serem consumidos a partir de algumas atitudes do seu filho mais novo, o Mateus. Num sábado à tarde, eu estava tomando um café e comendo um pão de sal com a Maria quando ela, reclamando do filho, comentou que ele tinha umas coisas estranhas, que no dia em que ela não fazia carne, apenas fritava um ovo, ele reclamava do ovo e não comia. No outro dia, quando ela fazia carne de boi, ele achava ruim e pedia para ela fritar um ovo. Maria desaprovou essa atitude do filho e disse que com ela não tinha dessas coisas, que na velha Pedra Negra eles sempre comiam o que

tinha pra comer, até broto de taboa (aquela planta que costuma dar nos brejos) eles comiam. Falou que eles viviam à base de abóbora, angu e broto de várias plantas que encontravam por lá, até de picão.

Como vimos no segundo capítulo, a diversidade dos alimentos consumidos na velha Pedra Negra estava relacionada às possibilidades de produção do mesmo a partir da plantação e da extração (coleta e pesca), uma vez que se comprava muito pouca comida. João comentou que eles compravam mais era um óleo, um sal, essas coisas mais básicas que eles encontravam nas duas mercearias que existiam lá, disse que a maior parte da comida eles mesmo plantavam, arroz, feijão, milho, mandioca, hortaliças, frutas, etc. João comentou que as duas mercearias, que funcionavam como bar também, viviam cheios, sempre lotados, e vendiam muito, disse que elas davam muito dinheiro. Como eram as únicas opções também, o pessoal costumava cobrar mais caro, mas o povo gostava das mercearias, pela comodidade do lugar e por funcionar também como boteco.

Nesse sentido, podemos verificar que há disponibilidade de alimentos e que esses também estavam disponíveis na antiga Pedra Negra. Contudo, agora com custo maior e, na avaliação da população local, de pior qualidade e diversidade. Os terrenos urbanos e a ausência de matas e rios, por conseguinte, de alimentos plantados ou para coleta, reduziram a diversidade na oferta, bem como encareceu o acesso aos alimentos. Assim, podemos inferir que a mudança para a nova Pedra Negra teve como consequências a perda na autonomia em relação à segurança alimentar, bem como gerou insatisfações em relação à obtenção e consumo de alimentos.

Em relação à pesca, assim como pude analisar sobre a comunidade da nova Ponte do Funil, muitos foram os que reclamaram da impossibilidade de se continuar esta prática no novo lago formado pela construção da usina. Depois de gravar uma entrevista com o Abelardo, achei interessante quando ele me contou a respeito da pesca na velha Pedra Negra que, segundo ele, era muito boa. Disse que bastava pegar umas poucas minhocas e ir pro rio que logo você já voltava com uns peixes bons, como o mandi, o dourado, e outros⁶⁷. Ele comentou que o lago acabou com os peixes e falou que, hoje em dia, só dá pra pescar se for com nota de cinquenta, ou seja, só se comprar o peixe, porque igual antigamente não dá mais. Abelardo comentou também que o peixe é

⁶⁷ Durante a pesquisa outras pessoas também comentaram sobre a questão da pesca, o Sr. Pedro, depois de gravarmos uma entrevista, me mostrou várias fotos dos peixes que pescou na velha Pedra Negra, fotos muito interessantes de peixes enormes como o dourado e o Jaú. Ele também reclamou muito do fato de não conseguir mais pescar depois da construção da usina.

um alimento muito saudável e lamentou não poder comê-lo com a mesma frequência de antigamente.

Neste sentido, por serem produzidos (ou coletados) de maneira natural, sem agrotóxicos, os alimentos consumidos na velha Pedra Negra eram considerados pelos moradores como sendo de boa qualidade, saudáveis. Além disso, como me pareceu ser comum entre os atingidos considerar aqueles que vivem na roça como pessoas saudáveis, de “sangue grosso”, o consumo de alguns tipos de alimentos que, hoje em dia, costumam ser considerados ruins para a saúde, como é o caso de alguns tipos de gordura, não são vistos necessariamente como prejudiciais a todos.

Em relação a isso, a dona Edelmira, outra atingida que também me falou que antigamente quase não comprava comida, pois plantava de tudo, e que por isso tinha uma alimentação natural que ela considerava saudável, comentou algo sobre seu pai que me chamou a atenção. Segundo ela, hoje em dia, os médicos falam que não se pode comer isso, que não pode comer aquilo, mas que seu pai mesmo comeu gordura e carne de porco a vida toda e morreu muito feliz por ter conseguido aproveitar todas essas coisas. Segundo Edelmira, o médico de seu pai havia lhe dito que ele não poderia comer esse tipo de alimento, mas ele não escutava, não obedecia, e continuava comendo assim mesmo. Disse que ele morreu feliz por conta disso, pois se não tivesse comido ele teria morrido do mesmo jeito, mas não teria aproveitado tanto quanto aproveitou.

Durante as entrevistas pude perceber outros entrevistados que também tinham esta mesma atitude de não acatar as decisões dos médicos de forma tão pacífica. Como comentou o Sr. Pedro:

... acho que minha vida, assim, sobre a ... pra mim acho que melhorou um pouco, teve uma miorinha, só as doenças que...mas acho que isso ai eu acho que é a idade né? Vai aparecendo as coisas, até 50 anos a pessoa vai, de 50 pra cima a pessoa já ta descendo, ai já vai aparecendo umas coisinhas, igual a minha esposa...eu mais é o joelho mas o resto é bom, pressão é boa, 12/8, mas o joelho, a artrose minha, tem dia que ela ataca aqui ó, até incha, outro dia tá na coluna, mas o joelho não para de doer não, igual quando eu piso, o joelho não para de doer não, ta escutando? (estalos) é os dois... eu tomo um comprimido quando tá doendo muito, eu tomo, era pra eu tomar de 8 em 8 hs mas eu não tomo não, tomo só um por dia porque ele é muito forte, nó, aquilo marga que fica umas 5 hs margando na boca, ele é brabinho. (entrevista Pedro, fevereiro de 2012) [grifos meus].

Apesar de termos observado certa resistência por parte de alguns atingidos em acatar passivamente todas as orientações dos médicos, a mudança para o bairro urbano de Ijaci, ao facilitar o acesso aos serviços de saúde, pode ter levado alguns atingidos a

recorrerem a esse tipo de serviço com mais frequência, o que pode ter provocado também o aumento no consumo de medicamentos produzidos industrialmente em detrimento do uso de plantas medicinais, tradicionalmente utilizadas na prevenção e cura de enfermidades.

4.2. Remédio industrial x plantas medicinais

Durante o trabalho de campo no mês de novembro, conversando com uma antiga moradora da Pedra Negra, ela me falava sobre como a atitude de alguns médicos ali do lugar acabavam reforçando a necessidade do consumo de medicamentos industrialmente produzidos. Segundo ela, “os médicos aqui, a maioria não presta, só olha pra você, pergunta o que você tem e já receita logo um remédio; adoram receitar remédio; receita o mesmo remédio pra coisas totalmente diferente”. Um exemplo relatado por ela foi em relação ao remédio paracetamol, que lhe teria sido receitado pra solução de vários tipos de problemas, completamente diferentes um do outro, o que fazia com que ela tivesse uma percepção de desconfiança em relação à medicina oficial.

A atitude de se receitar muitos remédios para a cura de uma mesma enfermidade também foi questionada por outro atingido. Mostrando-se descrente em relação aos remédios receitados por diversos médicos, José comenta:

...a minha vida hoje, com esses problemas de doenças, é muito difícil né, porque...isso não adianta, mas eu te mostro o tanto, eu tenho esse problema na perna, eu tenho uma dor na perna que eu vou te falar, já gastei com esses médicos tudo, eu creio que você conhece, ó, João Oscar, Dr Marcilio, José Humberto, Fred, Fabio, tratei com esse povo tudo e eles falam ah, esse remédio é bom, esse remédio é bom, mas eu acho que...sei lá, é complicado. (entrevista José, fevereiro de 2012)

A própria dona Edelmira, ao me contar da vez em que foi ao médico tratar de um incômodo que tinha sentido há um tempo, comentou que, ao se consultar, o médico pediu um monte de exames (dez segundo ela), o que ela achou muito estranho e totalmente desnecessário, pois, depois de analisado os resultados, descobriram que o que ela tinha era apenas colesterol. Este fato deixou-a indignada, pois, conforme disse: “bastava ter pedido apenas aquele exame, do colesterol, pra quê pedir aquela quantidade toda? Não tem a menor necessidade”.

Edelmira comentou também que não gosta de tomar remédio e nem de ir ao médico, prefere se tratar com remédios caseiros que aprendeu a fazer com sua mãe, disse que sabe fazer vários deles. Contou inclusive que, certo dia, estava sentindo muita

dor de cabeça e resolveu tomar um remédio comum, desses de farmácia, mas que não adiantou de nada e aí então tomou um remédio caseiro que ela mesma preparou (na ocasião ela falou qual, mas acabei me esquecendo) e, segundo ela, a dor passou na hora.

O conhecimento sobre plantas medicinais me pareceu ser bem comum entre os antigos moradores de Pedra Negra. O próprio João se mostrou um grande conhecedor desse tipo de planta. Pude comprovar isto quando, numa quarta-feira a tarde, cheguei à sua casa por volta das 14hs e ele estava capinando a horta no seu quintal. Neste dia conversamos a tarde toda sobre as plantas que ele cultivava lá, fiquei impressionado com o conhecimento que ele demonstrou ter em relação a elas. João possui várias plantas medicinais e conhece cada detalhe delas, bem como suas serventias. Percebi que ele sabia distinguir qualquer plantinha que aos meus olhos pareciam ser apenas mato, era capaz de diferenciar plantas com até 3 centímetros de comprimento. Quando perguntei se continuava fazendo o uso das plantas medicinais, ele respondeu que na velha Pedra Negra eles usavam muito, pra tudo, “mas só que agora, na cidade, o pessoal todo prefere o remédio, é mais fácil”. Comentou que essa cultura das plantas medicinais, apesar de ainda viva, tende a acabar.

A própria mãe do João também é uma grande conhecedora de plantas medicinais e tem a mesma opinião do filho em relação ao uso delas, quando a perguntei se ela sabia fazer algum tipo de remédio ela respondeu:

De primeiro na Pedra Negra, quando eu morava com meus meninos lá, nois dava era assim, boldo pra dor de barriga, isope, que é uns que dá uns raminho assim, agora pra gripe é alfavaca; que eu conheci lá é levante, erva terrestre, né, que eu conheci lá, porque agora não existe isso mais, é mais custoso, agora alfavaca ainda existe, mas no lugar desse levante e da erva terrestre nois da agora é guapo, um que eu tenho na horta plantado ai, esse com alfavaca é uma beleza pra gripe, assim, um limão também, que é rachado, ele fervido com água e açúcar, você põe um pouquinho de mel de abelha, ai também cura bem a gripe da pessoa, mas além disso, de chá assim, tem também, pra dor de barriga, é enclastre que eu já dei muito pros meus filhos, é, rosma também, uma que amarga, muitos já tomou, nois curava as doenças dos meninos era com isso, é rosma, é isopo, boldo... (entrevista Onésima, novembro de 2012)

Ao perguntá-la se o pessoal da Pedra Negra ainda tem o costume de fazer uso de plantas como remédio ela respondeu:

Uai, alguns ainda usa né. A maior parte do povo agora vai é mais é no médico, é remédio de médico né (...). É, muito pouco que eles pega chá assim de horta, mas chá de horta é bom, bobo. Que às vezes tem uma gripe aí, cê pega um ‘guapo’ que tem aqui, cê picava ele bem quadrado com um cadinho de açúcar, e nós ouve falar que põe mel e toma, mel de abelha e

toma. É uma beleza, menino, pra tosse. Eu tenho aí na horta procê provar. (entrevista Onésima, agosto de 2012)

Além do uso das plantas medicinais, outro recurso utilizado pelo pessoal da velha Pedra Negra era os benzedeiros. Quando conversava com a dona Edelmira ela tocou neste tema, afirmando que lá na Pedra Negra eles recorriam e ainda recorrem muito aos benzedeiros, apesar de alegar que hoje isso ocorre com menos frequência. Ela comentou que sua mãe era uma antiga benzedeira e que ela mesma havia aprendido algumas técnicas de benzer. Disse que só não conseguiu aprender a técnica de cura para o “vento-virado” que, segundo Edelmira, é um problema encontrado em algumas crianças que possuem uma perna mais curta que a outra. Acredita-se que esta enfermidade também pode provocar diarreia, no entanto, segundo Edelmira, esta técnica de cura é muito difícil, muito complexa, e só alguns poucos sabiam fazer.

Ela também comentou que as práticas de benzer servem também contra “olho gordo” e inveja, achei interessante o fato de que logo que mencionou isso disse também que aqui na nova Pedra Negra tem muito dessas coisas e, por isso, é bom estar sempre “protegido”. Comentou que no bairro de Ijaci, se você arruma um emprego novo ou compra uma roupa nova, o pessoal fica tudo com inveja, lança olho gordo e por isso é bom se benzer, pois, do contrário, aquilo pode vir a te fazer mal.

A presença desse universo mágico que envolve a contaminação e a cura de algumas doenças me pareceu ser forte na velha Pedra Negra e, pelo que pude perceber, ainda permanece nos dias atuais, principalmente estando relacionado ao universo religioso como o da Umbanda e o da Igreja Evangélica. A seguir apresento uma breve discussão sobre a permanência deste universo mágico dentro da visão de mundo das famílias de Pedra Negra atingidas pela construção da usina.

4.3. Práticas mágico-religiosas: Benzeção, Umbanda e Igreja Evangélica

Durante a pesquisa realizada no bairro de Ijaci, pude perceber uma prática comum dentro do catolicismo popular e que era muito praticada na velha Pedra Negra, a benzeção, utilizada pelos moradores na busca pela cura de várias doenças. Conversando com o João, ele me contou que antigamente era muito comum recorrer-se aos benzedeiros, disse que tinham muitos deles lá e que todo mundo os procurava para a solução de diversos tipos de problemas diferentes, comentou que seu pai mesmo era alguém que sempre estava levando os filhos nos benzedeiros. Como disse o João: “eram

os recursos que nós tínhamos lá, como é o caso do uso das plantas medicinais e dos chás”.

Como o acesso aos serviços de saúde era muito difícil, o uso desses “recursos alternativos”, que estavam disponíveis no lugar e que foram se desenvolvendo ao longo dos anos eram muito comuns. Porém, na perspectiva de muitos atingidos, com a transferência do lugar e a maior facilidade de acesso aos serviços de saúde pública (os moradores do bairro contam com um atendimento quinzenal que acontece em frente ao Centro Cultural além de poderem acessar um posto de saúde que funciona em local bem próximo), esses “recursos alternativos” vêm perdendo a força e estão em vias de desaparecer.

No entanto, apesar dos atingidos terem a percepção de que o uso dessas práticas tem diminuído significativamente, durante o trabalho de campo pude perceber, por parte de algumas famílias, a utilização desses “recursos alternativos”, que ainda se fazem presentes. Diversas vezes cheguei a presenciar a própria Maria e o João tomando chás de ervas que cultivam no quintal de casa e que, segundo eles, servem para curar diversos tipos diferentes de doença. Maria chega inclusive a tomá-los de forma preventiva, como pude observar em um dia de manhã quando, ao observá-la tomando um chá, perguntei-a se estava doente e ela me respondeu que não, que estava tomando aquele chá apenas como prevenção mesmo, pois era um chá muito bom contra todos os tipos de infecção. Achei curioso ela tomando um chá para prevenir uma possível infecção, mas é interessante observarmos como que o uso desses recursos ainda está presente entre os atingidos. Durante a pesquisa realizada percebi que muitos daqueles atingidos que ainda possuem um espaço para plantar, fazem o culto dessas plantas medicinais em seus respectivos quintais.

Além da utilização das plantas medicinais, a procura por práticas de benzeção também permanece viva entre os moradores do bairro Pedra Negra. A própria dona Onésima, mãe de João, era uma benzedeira que os antigos moradores costumavam recorrer com certa frequência. João me contou que ela costumava pegar um tipo específico de cipó e colocar em volta das crianças que estavam com dificuldades de aprender a andar, dava três machadadas em determinados pontos do cipó (“as crianças costumavam até encolher os dedos do pé com medo de se machucar”) e a criança perdia o medo que tinha de andar. Disse que o terreiro da casa de sua mãe era todo rachado de tanta machadada que ela havia dado. Comentou também que ela chegou a fazer isso algumas vezes depois da transferência para o novo bairro de Ijaci, mas disse que a partir

do momento em que começou a frequentar a Igreja Evangélica, há uns cinco anos aproximadamente, acabou parando de fazer esse tipo de coisas.

João também falou que além do fato de tirar o medo de andar das crianças, sua mãe também sabia benzer e curar vários outros tipos de enfermidades. Disse que ela costumava amarrar um cordão com uma formiga (“daquelas grandes que picam doído”) no pescoço da criança para curar problemas respiratórios e pneumonias. Contou que, certa vez, quando sua mãe aplicou essa técnica em sua irmã, a formiga ainda estava viva, apenas se fingia de morta, e acabou picando ela que ficou durante um bom tempo reclamando da dor. Dona Onésima costumava também amarrar um cordão com uma semente de Umbela no pescoço de crianças que estavam com febre por conta dos dentes que estavam pra nascer, segundo ela, a semente chupa, suga a febre da criança que estava na gengiva transferindo-a pra semente, que chega inclusive a se descascar. João contou que quando sua mãe realizou esta técnica com ele, ficou impressionado com o fato de que “realmente a semente chegou a ficar descascada”. Interessante observarmos como que a magia provoca uma relação de causa e efeito que a ciência não vê, o que demonstra uma clara alteridade em relação ao sistema da medicina oficial.

O congadeiro Caetano é outro benzedor que possui certa fama na Pedra Negra, mas uma fama que não é percebida por todos como positiva, já que muitos do bairro o consideram um macumbeiro, um feiticeiro. Alguns moradores demonstraram inclusive ter certo medo dele, como me confirmou a Alcione durante entrevista. Durante o trabalho de campo, conversando com o João, ele me contou de um desentendimento que teve com o Caetano em um bar na velha Pedra Negra. Maria afirmou que foi ela quem teve de interferir na briga, batendo no Caetano com um taco de sinuca e com umas garrafas de cerveja vazias que eles haviam tomado, para conseguir por fim à situação. Segundo Maria, a família do Caetano pensa que ela também é macumbeira, “e das fortes”, comentou inclusive que esse era o motivo deles não terem coragem de “mexer com ela”. Apesar da Maria ter afirmado que não tem nada disso, que ela não é macumbeira, disse que o Caetano e sua família realmente a respeitavam bastante por conta disso.

Conforme fui conversando com os moradores do bairro a respeito da utilização desses tipos de práticas como o uso das plantas medicinais e a benzeção, reparei que o nome do Caetano era sempre lembrado e, por esse motivo, fui procurá-lo para tentar gravar uma entrevista. Ao me aproximar da casa que haviam me indicado, me deparei com algumas meninas sentadas em um banco próximo à calçada, elas estavam

trabalhando na campanha política e eu puxei uma conversa. A princípio elas se mostraram um pouco desconfiadas, mas com o passar do tempo foram se abrindo e a conversa rendeu, cheguei inclusive a partilhar um lanche com elas.

Enquanto comíamos um cachorro quente e tomávamos um suco, passou o Sr. Abdias de bicicleta e uma das meninas, que era inclusive filha do Caetano, a partir das coisas que estávamos conversando, perguntou a ele: “o que você prefere Abdias, a Pedra Negra antiga ou a de agora?” Ele respondeu que preferia a velha Pedra Negra porque estava chateado com seu filho que se casou com uma mulher que o faz sofrer muito por ficar fazendo-o de bobo o tempo inteiro e, com isso, seu filho vive a choramingar. Achei curiosa essa relação que ele fez, não entendi muito bem, mas conforme foi falando Abdias foi se abrindo e começou a desabafar, falou várias coisas em relação à situação do filho, que a mulher vive o traindo e ele vive correndo atrás dela, realizando todas as suas vontades, e disse que estava triste por ver o filho sofrer daquele jeito.

Mas o que mais me chamou a atenção na sua fala foi o motivo que ele deu sobre o porquê das coisas estarem acontecendo daquele jeito com seu filho. Segundo Abdias, a esposa do filho teria aprendido uma feitiçaria com uma senhora (Abdias disse o nome só que acabei me esquecendo, mas era uma mulher mais velha, da própria comunidade), ela teria fervido um chá com uma peça de roupa usada do seu filho e dado pra ele beber. Esse era o motivo dela ter conseguido prender seu filho daquela maneira, por causa da feitiçaria. Ao escutarem aquilo as meninas com quem conversávamos acabaram rindo e, outra senhora, também da comunidade e que também estava participando da campanha política e havia se sentado junto ao grupo há um tempo, também riu, mas disse logo em seguida: “não que eu acredite em feitiçaria, mas dizem que esses feitiços duram só sete dias, e não a vida toda”. É interessante observarmos como que esse universo mágico ainda está presente de diversas maneiras entre os moradores do bairro Pedra Negra.

Mais tarde um pouco, nesse mesmo local, nos deparamos com o Caetano voltando pra casa depois do fim do seu expediente, ele se sentou conosco e eu aproveitei pra puxar uma conversa e gravar a entrevista. Ele falou de diversos assuntos até que mencionou um grupo de oração que coordena, quando lhe indaguei sobre o tal grupo ele respondeu:

Eu tenho um grupo de oração, é a oração do grupo de Congo mesmo, tem, nois reuni, todo sábado nois tem uma reunião disso ai, eu sou espírita também, mexo com centro espírita, é Umbanda né, a Umbanda tem muita gente que pensa que é Candomblé, pensa que ser espírita é ser macumbeiro,

feiticeiro, mas não é isso, é mais ou menos assim: eu benzo, qualquer coisa, dor de cabeça, dor de dente, já benzi, já fui benzedor, fui benzedor não, sou ainda né, já benzi mordida de cobra em animal, em gente, graças a Deus nunca morreu ninguém, então isso eu acho que já nasci com esse dom, Deus me deu esse dom. Desde lá [velha Pedra Negra], lá eu tinha um centro, nois tinha um centro de oração igual eu falo procê, mas por resto nois não tava aguentando mais, eu era novo naquela época, eu era novo e tinha dia que eu chegava do serviço seis horas, seis e meia da tarde, sete horas, eu puxava panhador de café né, ai ficava até duas horas, três horas da manhã atendendo gente, era um entra e sai de gente lá em casa, ai por resto já tava tirando a...como é que fala?, a...a privacidade da minha família, tive que parar um bucado, era muita gente, tinha semana que nois recebia 45/50 pessoas lá, tinha dia que tinha 2/3 taxi, eu chegava do serviço e tinha 2/3 taxi lotados de gente esperando lá em casa pra oração, pra benzeção. Até hoje ainda vem ainda, vem gente de tudo quanto é lado aqui em casa, vem gente de Nazareno, Lavras, Perdões, Bom Sucesso, ainda vem até hoje ai, mas só que eu fui cortando, aos poucos eu fui cortando, ai eu comecei a impor condição, falava ó gente, pra ter uma consulta comigo, ou pra ter uma oração comigo, ou pra ser atendido lá na minha casa, com oração, tem que marcar hora, tem que telefonar, eu fui impondo condição, porque em primeiro lugar eu não ganho nada com isso, eu faço isso por amor a Deus e ao próximo, você ta entendendo, e graças a Deus, eu me sinto um cara vencedor, graças a Deus. (entrevista Caetano, agosto de 2012)

Interessante que, assim como a congada, a Umbanda também foi uma prática que me pareceu continuar forte e expressiva depois da construção da usina, pelo menos é o que podemos deduzir a partir desta fala do Caetano. Esta permanência da Umbanda poderia estar relacionada a um possível aumento da procura por soluções mágicas nos centros urbanos, como foi observado por Paula Montero em “Da doença à desordem” (1985). A autora ainda chama a atenção especificamente à umbanda que, ao focar e desenvolver o aspecto mágico que envolve as doenças e os processos de cura, teria maior capacidade de adaptação nos contextos urbanos, ao contrário de boa parte das práticas que compõem a medicina popular. Como afirma Montero:

Com o desenvolvimento do processo de urbanização surgem, como vimos, novas entidades mórbidas, típicas do fenômeno industrial, para as quais o repertório tradicional da medicina rústica se torna estreito e inadequado. Pode-se dizer que essa ‘inadequação’ explica, em parte, o desaparecimento progressivo dos agentes terapêuticos tradicionais, observado por vários autores em diversas regiões em processo de urbanização do país, e sua substituição cada vez mais ampla pelos ‘curandeiros espíritas’, novo agente terapêutico produzido pelas classes populares em resposta as imposições da vida urbana e as restrições que a medicina oficial passa a impor ao exercício de suas terapêuticas. Ora, pode-se dizer, de um modo geral, que a terapêutica umbandista responde de maneira mais ‘adequada’ essas exigências na medida em que redefine inteiramente o espaço social de atuação da medicina popular: o ritual terapêutico umbandista abandona o *caráter empírico* que definia a atuação de raizeiros e benzedeiras, voltada para a supressão de doenças conhecidas de antemão, e passa a operar inteiramente no domínio do simbólico: plantas, ervas e gestos atuam na umbanda pelo seu poder de evocação, pela força mística que representam; perdeu-se completamente aquele sabor que reconhecia determinadas entidades mórbidas e orientava sua

terapêutica em função dos efeitos empíricos de ervas e vegetais sobre o corpo humano. (1985: 67)

Seria necessário aprofundarmos a pesquisa neste aspecto específico, mas este não me parece ter sido o caso na Pedra Negra uma vez que o próprio Caetano, além de umbandista, também se considera um benzedeiro e afirma ter conhecimento empírico sobre as plantas medicinais e suas propriedades de cura, aspecto que a autora nega em relação à umbanda pois afirma que esta guarda o nome de certos vegetais e folhas para a infusão, mas para utilizá-las de maneira ritual, sem relação com suas propriedades químicas.

No entanto, o que gostaria de chamar a atenção em relação a essas “práticas alternativas” realizadas na Pedra Negra, diz respeito ao caráter mais abrangente e holístico de sua visão em relação ao processo saúde-doença que, como demonstra Minayo ao analisar as representações sociais de saúde e doença nas classes populares, na maioria das vezes, engloba todas as dimensões da vida em sociedade (vida material, organização social e ideologia). Segundo a autora:

O saber tradicional camponês realmente toma novas configurações pelo contato cultural do meio urbano-industrial. Mas longe de tornar-se uma ‘medicina familiar de tipo imitativo’ tal como afirma Boltanski, ela comporta um caráter positivo de ‘escolhas de alternativas’ que a nova situação permite. Não entramos no mérito da qualidade do atendimento biomédico porque não queremos simplificar o raciocínio, atribuindo-lhe a culpa de a população trabalhadora continuar com práticas ‘não legítimas’. Pelo contrário, estamos afirmando que é muito mais profunda, é cultural, a definição de saúde-doença que captamos no discurso desses segmentos da classe trabalhadora. Ela se refere não apenas à origem de um mal, mas a uma imagem do mundo do homem, da natureza e das relações sociais. (Minayo, 1988, p.6) [grifos meus].

Este caráter abrangente de se enxergar o processo saúde-doença fica claro na fala do Caetano quando, ao perguntá-lo sobre a maneira com que eram realizadas suas consultas, ele responde:

Áh, as pessoas vai lá, tem gente que tem dificuldade na vida, com alguma coisa, eu olho, olho isso, faço uma oração, Deus me inspira a apontar pra pessoa o quê que ta errado na vida da pessoa, porque tem gente que as vezes...eu sou um homem muito daquele tipo de pessoa que desde criança eu aprendi isso, meu pai ensinou nois tudo, que todo dia, na hora que chegava de 6 horas em diante, meu pai parava nois tudo assim ó, nois era 15 irmãos, as vezes nem cama num tinha, mas ele punha todo mundo sentado na cama dele e na cama da minha irmã, das duas irmãs que ficavam no mesmo quarto porque a casa só tinha 3 quartos né, punha todo mundo junto assim, e toda noite ensinava a gente a fazer oração, então antigamente tinha oração na escola e chegava em casa meu pai era desse jeito, ele foi espírita mais de 30 anos também, mexia com umbanda também, ele era espírita, era benzedor!, ele era benzedor, era umbandista, mas só que ele não trabalhava com esses

guias espiritual igualzinho muita gente fala não, ele não trabalhava com isso não, ele era benzedor, as pessoas ia lá ele orava pras pessoas, rezava, e muitas coisas disso veio dele pra mim... não sei nem se você já ouviu nisso mas, você já ouviu falar em lagarta que come planta?, hoje eles jogam herbicida e mata, mas antigamente não tinha nada disso, meu pai benzia isso e ele me ensinou isso tudo, ele chegava na horta que se a lagarta pegasse aquilo levava tudo, comia tudo uai, pai chegava lá e benzia aquilo, acabou, parava onde eletava, e eu aprendi a fazer isso tudo também, mas só que hoje em dia o povo não liga muito nisso, não tem muita fé em nada, ah, a fé do povo diminuiu muito, principalmente dos jovens, os jovens hoje em dia eles não...é diferente, até os meus filhos mesmo, o povo de hoje evem mudando tudo, a família de hoje já mudou muito né, hoje religião não...religião hoje o povo só lembra de Deus quando ta na dificuldade, num tem essa de fazer reunião pra...ah, mas pra fazer reunião pra bebida eles faz, umas reunião de bobagem ai, incentivar coisa errada, ai vai, mas fazer reunião hoje pra falar de Deus, pra pregar sobre Deus, falar da Natureza, pregar o quê que o homem ta fazendo com o mundo, a destruição que o ser humano já vem fazendo no dia-a-dia com a nossa Natureza, desses é poucas pessoa, e o cara pra fazer esse tipo de coisa que eu faço ele tem que ser preservador da Natureza, tudo que ele fizer tem que ser dentro da Natureza, tem que preservar a Natureza, porque tudo que a própria Natureza dá pra nois ela tira, eu por exemplo sei remédio ai da natureza que cura qualquer coisa, cura ferida, cura...planta medicinal né, eu vou na mata ai e pego remédio, curo dor de garganta, a própria mata dá isso pra nois, mas tudo isso você tem que saber preservar, se não você acaba, você destrói a Natureza, e isso, infelizmente hoje em dia eles planta um pé de Boldo, vamos supor assim, eles planta um pé de boldo ali, deixa aquilo lá e pronto acabou, fala que aquilo ali serve pra dor de barriga e só isso, mais nada, ou serve pra fígado, mas não faz mais nada, não usa, não tem um...um machuca ai e num sabe uma planta que cura, e eu conheço isso tudo ai, eu sei planta que cura reumatismo, cura muita coisa, graças a Deus, mas eu aprendi isso tudo, nesses 50 anos que eu tenho de vida meu pai me ensinou muita coisa disso (entrevista Caetano, agosto de 2012) [grifos meus].

Como afirma Candido Procópio Ferreira de Camargo no prefácio do livro da Paula Montero supracitado, “pouco se sabe sobre o impacto das terapias alternativas na saúde da população”, mas o fato é que, partindo de uma concepção mais ampla e holística da abordagem dos meios de vida, elas se constituem como estratégias possíveis que, pelo menos no bairro de Pedra Negra aqui analisado, continuam sendo acionadas. Este também é o caso da Igreja Evangélica que, igualmente trabalhando com o universo mágico que constatamos fazer parte da visão de mundo de muitos atingidos, se apresenta como uma importante estratégia de vida para uma parcela significativa dos moradores do bairro a partir da construção da UHE Funil.

4.4. A Igreja Evangélica como uma estratégia possível dentro dos meios de vida da população atingida

Tanto na antiga Pedra Negra quanto no novo bairro de Ijaci, a saúde me pareceu estar fortemente relacionado à religião, principalmente à católica, à umbanda e à Assembleia de Deus, principais vertentes religiosas do lugar e que orientam a visão de

mundo dos moradores, influenciando significativamente a percepção de saúde e doença dos mesmos. Durante a pesquisa realizada pela Alcione no ano de 2011, ela chama a atenção para o crescimento significativo do número de atingidos que passaram a frequentar a Igreja Evangélica, segundo ela: “Na rua Pedra Negra está realocada a Igreja Assembleia de Deus, que arrebanhou após a mudança mais ou menos 20% da população” (LOPES, 2011: 11).

Em um estudo sobre Antropologia da Doença, François Laplantine chama atenção para a importância do estudo da medicina popular como revelador da relação da doença com o social por intermédio do religioso. Segundo o autor, ao se questionar sobre o porquê da pessoa estar doente, associando-a a sua subjetividade, o caráter abrangente da percepção da mesma aparece de forma clara quando se trata de medicinas populares. “Estas costumam associar uma resposta integral a uma série de insatisfações que não são apenas de ordem somática, mas também de ordem psicológica, social, muitas vezes espiritual e sempre de ordem existencial” (LAPLANTINE, 2004: 220).

Para Laplantine, a interrogação sobre o porquê da doença aparece como algo de suma importância pois é, em nossa cultura, “a própria expressão de um refúgio social singularmente agitado cuja existência podemos ignorar, mas que não cessa de ressurgir, particularmente quando a sociedade duvida de si mesma e quando o indivíduo atravessa uma crise” (Ibid). Este me pareceu ser o caso da comunidade de Pedra Negra atingida pela UHE Funil, onde a mudança do lugar rural de origem para um novo local com características bastante diferentes provocou um abalo nas estruturas sociais que sustentavam a comunidade e, conseqüentemente, muitas pessoas passaram a vivenciar verdadeiras crises.

A forma rápida e intensa em que foi construída a UHE Funil pode ter inclusive intensificado e muito este processo. É o que nos revela o João quando, no final da primeira entrevista realizada, ao ser questionado se gostaria de acrescentar algo que ainda não tínhamos comentado, afirma que gostaria de falar uma coisa de que a Maria sempre reclamou, qual seja, a falta de um acompanhamento psicológico durante o processo de implantação da UHE. Conforme comentou:

É igualzinho a minha esposa que fala que sempre que chegar uma pessoa assim, pra eu falar que o povo do consórcio deveria ter ajudado bem mais né, as vezes já é até tarde né, mas essa parte ai, ela sofreu mesmo depressão na época, e a gente como é pessoa que vem de família muito humilde, podia ter até processado eles na época, porque eles devia ter falado assim, não, cada dia da semana vai vir um médico ai avaliar as pessoas, e não teve nada disso, então isso ai é uma cobrança, uma das cobranças né, passou? Passou. Tem

nove anos ou dez que nos estamos aqui... (entrevista João, fevereiro de 2012) [grifos meus].

Como já havíamos discutido no primeiro capítulo, a construção de Usinas Hidrelétricas é um processo que costuma ser muito violento e que leva o sofrimento há várias pessoas. Este é um fato que pude comprovar durante a pesquisa na nova comunidade do Funil, onde me foi relatado que algumas pessoas mais idosas da comunidade chegaram a morrer por não terem conseguido se adaptar à nova vida a partir da construção da usina, fato que infelizmente se mostrou bastante comum a partir dos estudos e trabalhos de extensão em que tive oportunidade de atuar⁶⁸. Na comunidade de Pedra Negra não foi diferente, como relatou a própria Maria:

Até eu fiquei doente uai! Eu não agüentei, não agüentei. Eu não voltei lá mais ué. Só vou quando o ônibus na panha de café tá muito lotado que ai não da pra mim ver, ai eu vou, porque não da pra mim ver o lugar, mas eu não voltei lá mais, eu nem sei como tá lá agora. Não gosto não [de ver o que sobrou da velha Pedra Negra], eu até tava comentando ali com o Adolfo mesmo, porque eles fez muito errado porque a primeira coisa que eles tinham que ter feito, por ter tirado nois de lá, é ter arrumado um psicólogo pra acompanhar e eles não fez. (...) É uma coisa que eles tinham que ter posto em primeiro lugar né. Porque eles mesmo ia saber que muita gente ia sentir, porque nascido e criado ali...igual eu falo com o João, eu fui nascida lá, debaixo da pedra, em casa, sair de lá eu nunca sai pra nada, agora você vim pra cá?! João fala: eu vou levar você lá; e eu falo: não vou lá não (entrevista João/Maria, fevereiro de 2012) [grifos meus].

Maria chegou a ser diagnosticada como tendo transtorno bipolar devido ao impacto da mudança e da incapacidade de lidar com a brusca transformação sofrida, ela me disse que toma remédio até hoje por conta disto. A meu ver, a forma com que se deu a “entrada” de João e Maria na Igreja Evangélica é reveladora do fato de que o que eles estavam buscando era uma cura; uma cura perante a perda das referências sociais tradicionais que foram intensificadas pela construção da usina. Pareceu-me uma tentativa de restaurar a ordem abalada por meio da entrada em um novo universo, ao mesmo tempo abrangente e próximo, possibilitado pela Igreja Evangélica.

É interessante observarmos que a importância dos cultos religiosos na interpretação e tratamento de doenças tem sido amplamente reconhecida na literatura antropológica. Geralmente, os sistemas religiosos de cura oferecem uma explicação à doença que a insere no contexto sociocultural mais amplo do sofredor. A interpretação religiosa organiza tais estados em um todo coerente e visa agir sobre o indivíduo como

⁶⁸ Presenciei relatos de supostos homicídios, como é o caso do Gabundo atingido pela UHE Candonga, e até mesmo de suicídio, como foi o caso do Silvio do Ziquinha, atingido pela PCH Emboque, ambas usinas localizadas na Zona da Mata Mineira.

um todo, reinserindo-lhe como sujeito, em um novo contexto de relacionamentos. Segundo Rabelo (1998:47), “a passagem da doença à saúde pode vir a corresponder a uma reorientação mais completa do comportamento do doente, na medida em que transforma a perspectiva pela qual este percebe seu mundo e relaciona-se com outros”. Para a autora, é fundamental identificar os meios pelos quais as terapias religiosas efetuam tal transformação.

Esta mudança na forma de perceber e encarar o mundo provocado pela religião me apareceu de forma significativa em relação à família do João ao deixarem a Igreja Católica e entrarem para a Igreja Evangélica. O relato dos mesmos sobre a forma com que ocorreu tal transformação é bem ilustrativo neste sentido. No primeiro dia do trabalho de campo realizado em agosto, João me contou, além de varias outras coisas, sobre como e quando entrou pra Igreja. Nas minhas anotações feitas no caderno de campo, ao apontar as observações sobre a “conversão” de João, coloquei que esta me pareceu como uma alternativa de vida mesmo, uma estratégia de vida acionada por ele e que tem uma importância, uma influência, muito grande em toda sua vida e acaba até mesmo moldando sua visão de mundo.

João, assim como a maioria dos moradores da velha Pedra Negra, era católico, participava dos cultos religiosos e, como vimos no capítulo anterior, era inclusive um dos principais organizadores das várias festas religiosas que lá existiam. Fato este de que se orgulha bastante, não tem receio nenhum em falar, mas que a partir do momento em que entrou pra Igreja Evangélica, deixou de mexer com essas questões que ele definiu como “coisas da carne”, como festas, política, etc.; referindo-se aos desejos e pecados condenados pela Igreja.

Durante o pré-campo pude vivenciar algo que exemplifica bem essa mudança de comportamento do João. Enquanto conversávamos sobre as festas que eram realizadas na velha Pedra Negra, João comentou sobre a coleta de leite durante a Semana Santa e disse que esta é uma festividade que eles ainda costumam realizar hoje em dia⁶⁹. Em abril fui ao bairro de Pedra Negra no intuito de participar da “festa”, no entanto, no ano de 2012 ela acabou não acontecendo. Aproveitei para conversar com João e ele comentou comigo que naquela semana iria acontecer a eleição dos novos representantes

⁶⁹ Durante a semana santa, os fazendeiros da região de Pedra Negra tinham o costume de distribuir parte do leite produzido para as crianças e, pelo que contou João, algumas pessoas ainda mantêm este hábito hoje em dia. Eles saem por volta de meia noite do bairro de Ijaci e vão a pé até a velha Pedra Negra, costumam chegar cedo, por volta das 4/5 horas da manhã, na hora da primeira ordenha do dia e, no caminho, vão fazendo aquela festa, se divertindo e até mesmo bebendo.

dos moradores do bairro Pedra Negra. Ao me mostrar interessado, João se prontificou a ir comigo e me acompanhar durante o evento.

No dia da reunião João chegou a me levar até a réplica da Estação Ferroviária, local onde foi realizada a reunião, mas percebi que ele parecia um pouco desconfortável, preocupado se as pessoas o estavam reparando ou não, e logo que nos aproximamos do lugar ele disse que achava melhor não participar do evento. Ao questioná-lo o motivo, João respondeu que não queria mexer mais com essas coisas (ele já havia me contado que tinha participado da associação de bairro antes e na ocasião ele me pareceu se orgulhar disto). Neste dia (e em vários outros) João relatou que a Igreja Evangélica mudou completamente sua vida, principalmente a partir do seu batizado, há aproximadamente três anos, evento que João considera como um renascimento. Ele disse que a partir daquele momento se tornou outra pessoa e tudo aquilo que ele dedicou às festas, às diversões e à organização da comunidade, ele agora dedicaria a Jesus. Um fato que me disse ter sido bastante significativo pra ele foi o de ter conseguido parar de beber depois de entrar pra Igreja. João se considerava um alcoólatra e me contou vários problemas que teve por conta disto, disse que costumava beber muito e que chegou inclusive a roubar galinhas para comprar pinga, fato que ele considera abominável hoje em dia.

Como aponta Rabelo, é comum nos cultos pentecostais a exigência, em relação aos adeptos, de se adaptarem a um novo estilo de vida apontado pela Igreja como sendo o ideal. Para que se possa operar a cura divina, que conduz os adeptos a perceberem a mudança de um universo de caos e doença para um mundo ordenado, é necessário operar uma mudança que reorienta “seu comportamento segundo as exigências morais deste novo mundo, firmando com ele um compromisso militante” (RABELO, 1998: 53). Este “compromisso militante” pôde ser observado não somente em relação aos atos do João, mas também de sua mãe quando esta, ao entrar para Igreja Evangélica, deixa de exercer as práticas de benzeção, tradicionalmente operadas por ela.

Quando perguntei ao João o porquê de sua mãe não fazer mais nenhum tipo de benzeção, ele me respondeu que no começo da vinda pra Ijaci as pessoas ainda a procuravam pra que ela tirasse o medo das crianças que estavam com dificuldades de andar, comentou que sua mãe chegou a fazer isso no novo bairro algumas vezes, mas que depois que ela começou a frequentar a Igreja Evangélica não se sentia mais a vontade para fazer esse tipo de coisas. Como disse o João, “depois que a gente passa por aquela água, depois que faz o batismo na Igreja Evangélica, a coisa muda, é como um

renascer, a gente nasce de novo”. Comentou que isso não significa que eles não acreditam mais nessas coisas, mas é que agora eles não usam mais intermediários, já que têm agora uma relação direta com Deus. Disse que é por isso que eles não creem em santos ou imagens, como o pessoal da umbanda, por exemplo.

Pelo que pude perceber, o batismo na Igreja Evangélica atuou mesmo como um rito de passagem na vida do João, provocando uma reorientação completa do seu comportamento a partir de então. No entanto, apesar dessa mudança, um fato que me chamou bastante a atenção e que está relacionado à permanência daquela visão mágica presente em muitos moradores da velha Pedra Negra, diz respeito à forma com que a Maria se aproximou pela primeira vez de uma Igreja deste tipo.

Maria foi a primeira da família a frequentar uma Igreja Evangélica, ao perguntá-la sobre como se deu sua primeira aproximação, ela me disse que foi na época em que estava com um problema na barriga, uma doença que não sabia definir muito bem o que era, mas que deixava sua barriga inchada. Maria disse que já havia feito alguns exames, no entanto, afirmou que tinham sumido com eles no hospital. Além desta doença na barriga, nessa mesma época, Maria me disse estar sofrendo também de outra doença, cujo nome ela não se lembrou, mas que a fazia comprar de tudo. João comentou que ela vivia fazendo dívidas, não conseguia se controlar, e isso estava prejudicando bastante sua vida familiar.

Neste mesmo período em que estava sofrendo com esses problemas, Maria contou que, certo dia, estava andando normalmente pela rua quando começou a passar mal e caiu no chão, ficando desacordada. Disse que, ao acordar, reparou que estava deitada na cama de um hospital e percebeu a presença de uma mulher que, segundo Maria, nunca tinha visto até então. A mulher, ao perceber que ela tinha acordado, se aproximou e disse à Maria que ela estava passando por alguns problemas, relatou alguns deles e disse que ela não era muito querida onde morava, não por ser uma pessoa má, mas por ser muito “trabalhadeira”. Segundo a mulher, isso provocava inveja nas pessoas que acabavam “jogando muito olho gordo nela”, e era por esse motivo que ela estava passando mal daquele jeito. No instante em que conversava com a Maria, a senhora disse para ela procurar a Igreja Evangélica, que o pastor iria ajudá-la. Disse que se ela realmente fosse à Igreja, dentro de quinze dias achariam seus exames e ela estaria curada.

Maria falou que no dia seguinte sentiu uma vontade muito grande de ir pra Igreja e acabou indo. Disse que, ao chegar, achou tudo muito estranho, era tudo muito

novo pra ela, mas que não demorou muito para o pastor se aproximar afirmando que ela estava com um problema, mas que num prazo de quinze dias já estaria curada. Foi então que o que eles falaram se confirmou, acharam os exames no hospital e neles não constava nada, apenas um tumor que já haviam tirado. Maria disse que a partir daí começou a frequentar a Igreja Evangélica, fato que também teria mudado sua vida completamente. Maria comentou que, a partir daquele momento, deixou de ser brava, briguenta e parou de fazer coisas que costumava fazer antigamente, como beber vinho com as amigas e ficar “cantando” os homens que passavam na rua, mesmo sendo casada (“coisas da carne”). Como podemos perceber, foi também uma questão mágica que levou Maria a procurar a Igreja Evangélica.

4.5. Conclusão do capítulo

Como pudemos ver ao longo do capítulo, o deslocamento da população atingida para um novo local com características socioambientais completamente distintas levou as famílias de Pedra Negra a reelaborarem suas concepções de saúde e doença, bem como as formas tradicionais de cura por elas utilizadas. Como vimos a partir da fala dos atingidos, “o novo estilo de vida imposto pela cidade” – o tipo de trabalho exercido, de alimentação consumida, de relação com o ambiente que os cerca, o tipo de lazer vivenciado, de sociabilidade estabelecida, etc. - e a maior facilidade de acesso aos serviços de saúde, provocaram a percepção do aumento do número de doenças e, conseqüentemente, do aumento em relação à frequência às consultas médicas e à utilização de medicamentos industrializados em detrimento da utilização de terapias populares, como é o caso da benzeção e do uso de plantas medicinais que, mesmo em menor número, ainda continuam sendo utilizados pelos moradores do bairro.

Outro fator interessante observado ao longo do capítulo foi a permanência do universo mágico que permeia a visão de mundo dos moradores de Pedra Negra e a forte influencia da religião em relação à concepção de saúde-doença dos atingidos, como é o caso da religião católica e da umbanda, presentes de maneira significativa tanto antes quanto depois da mudança, e da Igreja Evangélica, que angariou muitos adeptos do novo bairro de Ijaci e que se apresentou como um importante recurso utilizado pelos atingidos na tentativa de reestabelecer a ordem abalada pela construção da usina.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Quando perdemos o direito de ser diferentes, perdemos o privilégio de sermos livres”.

Charles Evans Huges

É notório o fato de que muitos grupos sociais, como as famílias de Pedra Negra aqui estudadas, apesar de manejarem ricos ecossistemas, não apenas sofrem as consequências da falta de ações de desenvolvimento econômico e político que levem em consideração o seu modo de vida, como enfrentam a destruição/degradação dos recursos básicos que manejam por outros agentes sociais movidos por lógicas outras de relação com o ambiente. Como afirma Santos:

Em termos gerais, os projetos de desenvolvimento econômico foram concebidos e implementados “a partir de cima” (*top-down development*), com base em políticas traçadas e implementadas por agências tecnocráticas nacionais e internacionais, sem a participação das comunidades afetadas por essas políticas. Além do mais, os planos de desenvolvimento estavam tradicionalmente centrados na aceleração do crescimento econômico, principalmente do setor industrial (Cypher e Dietz, 1997). Esta ênfase evidente nos resultados macroeconômicos implicou a marginalização de outros objetivos sociais, econômicos e políticos, como a participação democrática na tomada de decisões, a distribuição equitativa dos frutos do desenvolvimento e a preservação do meio ambiente (2002: 45) [grifos meus].

As hidrelétricas, como a UHE Funil aqui estudada, representam a materialização desse modelo hegemônico de desenvolvimento e progresso que, como vimos ao longo desta dissertação, privilegia o desenvolvimento de alguns aspectos em detrimento de outros. Como afirma Mc Cully (1996) citado por Viana:

Mais do que simples máquinas geradoras de eletricidade e armazenamento de água, as barragens representam, em concreto, rocha e terra, a ideologia dominante da era tecnológica. Como ícones do desenvolvimento econômico e do progresso científico, as barragens representam o triunfo da dominação do homem sobre a natureza. (McCully, 1996 apud VIANA, 2003: 18)

Porém, apesar de serem consideradas como “ícones do desenvolvimento”, a implementação de qualquer hidrelétrica desencadeia uma nova dinâmica social e cultural no lugar em que são construídas, onde as comunidades locais, ao perderem seu território para implantação destes projetos econômico-industriais, acabam perdendo também a possibilidade de se desenvolver a seu modo, a seu critério, da forma com que acharem que melhor lhes convém.

É interessante ressaltar aqui que a interlocução entre as famílias atingidas e “o agente da modernidade” que se debruça sobre seu lugar de moradia a fim de modificá-lo para produzir lucro - no caso a UHE Funil -, se dá de maneira assimétrica. O pensamento único, limitado no fator econômico, que hegemonicamente tem orientado a formulação de projetos desenvolvimentistas no Brasil, acaba limitando também a forma de se entender o processo de desenvolvimento como um todo. Nesse sentido, a construção de hidrelétricas, por exemplo, passa a adquirir um caráter fundamental e a se apresentar como algo extremamente necessário para a manutenção do estilo de vida predominante na modernidade, impossibilitando a emergência de outras formas de desenvolvimento igualmente possíveis e, talvez, até mais adequados considerando-se as condições ecológicas e socioculturais dos lugares.

Neste processo, a ruptura da autonomia dos atingidos passa a assumir um estatuto de validade incontestável, uma vez que escapa totalmente do controle dos mesmos a decisão de decidir sobre seu próprio destino. Este processo me pareceu ter sido ainda mais intenso entre as famílias atingidas pela UHE Funil uma vez que, como analisamos no primeiro capítulo desta dissertação, não houve a participação de entidades externas que pudessem auxiliar efetivamente os atingidos durante o processo de construção da referida usina, informando-os sobre como este processo se efetiva na prática e debatendo com os mesmos sobre seus direitos, as formas de participação possíveis, os deveres dos empreendedores, enfim, fazendo o papel que o Estado e os próprios empreendedores, responsáveis por exercer essa função, não o fazem.

Sem ter a possibilidade de participar do processo de forma mais consciente e efetiva, os atingidos da comunidade de Pedra Negra acabaram sendo “levados pelo processo”. Ao perderem a autonomia sobre o seu presente, seu futuro e seu passado, que passam a ser manipulados pelo consórcio empreendedor, dono dos recursos (naturais e culturais, materiais e simbólicos) que serviam como meios de vida para aquelas famílias, seus membros passam a sofrer o ônus de um processo que os transcende, passando também a serem considerados como beneficiários da construção da UHE, um empreendimento que traz consigo a modernidade e o progresso.

A perda desta autonomia foi o principal aspecto observado entre as famílias de Pedra Negra. Desde o instante em que tiveram que sair de suas casas para irem morar em um bairro urbano, até então estranho, essas famílias passaram a depender, primeiramente do consórcio empreendedor - dependiam do fornecimento de cesta básica, dos possíveis programas de reativação econômica, do passe de ônibus para

poderem ir trabalhar, etc.-, mas também em relação ao mercado de forma mais geral, uma vez que, como vimos no segundo capítulo, com a transferência do lugar de moradia, eles ficaram impossibilitados de continuar produzindo seu próprio alimento e passaram a depender cada vez mais do dinheiro para sobreviver. Mas a perda desta autonomia não está relacionada exclusivamente à questão da produção de alimentos, ela também se mostrou presente em relação aos espaços de sociabilidade, como discutimos no terceiro capítulo, e aos processos tradicionais de cura, como vimos no quarto capítulo.

Nesse sentido, o que está em disputa no processo de licenciamento ambiental de uma grande obra como as usinas hidrelétricas não é a negociação, entre o consórcio empreendedor e os atingidos, das medidas mitigadoras e compensatórias, o que está em jogo é a autonomia das populações locais e a possibilidade de se reivindicar uma outra forma de desenvolvimento e progresso, em que caberia a eles o poder de decidir a forma e as características dos mesmos. Como afirma Leff:

O problema não se limita, pois, à valorização do dano ecológico e aos procedimentos jurídicos que permitam sua compensação, ou aos lucros derivados da apropriação de seus recursos (...), mas o direito das populações locais a controlar seus processos econômicos e produtivos, a uma autonomia que lhes permita autogerir seus territórios, seus recursos, sua cultura e seus sistemas de justiça (2001: 363).

Como vimos a partir do estudo realizado entre as famílias de Pedra Negra atingidas pela UHE Funil - e também entre os pescadores do Funil, atingidos pela mesma UHE -, existem certas atividades, certos trabalhos e os saberes, fazeres e valores relacionados ao mesmo, que não podem ser transferidos e muito menos compensados. Nesse sentido, devemos colocar em questão o fato de as medidas mitigadoras e compensatórias se constituírem como algo suficiente para a concessão das licenças ambientais necessárias para a aprovação de um empreendimento hidrelétrico. Como afirma Leff (2001), a globalização econômica e a adesão incondicional ao Ideal de Desenvolvimento (Sustentável) presente na modernidade está provocando um processo de homogeneização do mundo através da extensão da racionalidade de mercado a todos os seres humanos. De acordo com o autor:

A natureza e a cultura, fontes de vida, significação e potencial produtivo foram deslocadas pelo processo de globalização econômica que desencadeou um processo de degradação ambiental e destruição das formas de organização da vida e da cultura. A eficiência tecnológica e a maximização do lucro de curto prazo, que regem a economia globalizada, aceleraram processos de uniformização da paisagem, de produção de monoculturas, de perda de

diversidade biológica, de homogeneização cultural e de urbanização dos assentamentos humanos. Desta forma, o crescimento econômico se alimenta de um processo de extração e transformação destrutiva de recursos naturais, de degradação da energia nos processos de produção e consumo de mercadorias. Neste sentido, a racionalidade econômica e a urbanização da civilização moderna precipitaram a morte entrópica do planeta, destruindo o habitat como suporte das formas sustentáveis de habitabilidade do mundo. (LEFF, 2001: 285) [grifos meus].

Conforme salienta o referido autor, este processo de globalização está desterritorializando identidades, enterrando saberes práticos e desarraigando a cultura de seus referentes locais. Nesse sentido, o que se apreende a partir do presente estudo é a necessidade de se buscar um novo sentido de desenvolvimento, por meio de um modelo que leve em consideração a diversidade cultural e os saberes tradicionais, um modelo que se baseie em outra racionalidade e que seja capaz de nos impulsionar à busca de novos sentidos de civilização, novas compreensões teóricas e novas formas práticas de apropriação do mundo que torne possível a experiência de outras formas de existência igualmente legítimas e potencialmente presente nos lugares (Ibid). Pensamos aqui em conformidade àquelas formulações presentes nas ideias e propostas do chamado “desenvolvimento alternativo”, que teve início nos anos de 1970 e se constitui, até hoje, como uma das principais críticas à globalização neoliberal.

Boaventura de Souza Santos (2002) nos chama a atenção para o fato de que as análises teóricas e os trabalhos empíricos que adotam a perspectiva do desenvolvimento alternativo são muito variadas, mas afirma que existem pelo menos cinco pressupostos e propostas que constituem a coluna vertebral da teoria, são elas:

1. O Desenvolvimento Alternativo é formulado com base em uma crítica de fundo à estrita racionalidade econômica que inspirou o pensamento e as políticas de desenvolvimento dominantes. Contra a ideia de que a economia é uma esfera independente da vida social, cujo funcionamento requer o sacrifício de bens e valores não econômicos – sociais (v.g., igualdade), políticos (v.g., participação democrática), culturais (v.g., diversidade étnica) e naturais (v.g., o meio ambiente) -, o desenvolvimento alternativo sublinha a necessidade de tratar a economia como parte integrante e dependente da sociedade e de subordinar os fins econômicos à proteção destes bens e valores.
2. Contra o desenvolvimento “a partir de cima”, esta perspectiva propõe um desenvolvimento de base, ou “de baixo pra cima” (bottom-up). A iniciativa e o poder de decisão sobre o desenvolvimento, longe de ser competência exclusiva

do Estado e das Elites econômicas, deve residir na sociedade civil (...)os atores da busca de alternativas devem ser as comunidades marginalizadas, que têm sido os objetos – e não os sujeitos – declarados dos programas de desenvolvimento.

3. Privilegia a escala local, tanto como objeto de reflexão como de ação social. Por esta razão os trabalhos produzidos nesse sentido têm privilegiado o estudo etnográfico de comunidades marginalizadas.

4. Cético tanto em relação a uma economia centrada exclusivamente em formas de produção capitalistas quanto em relação a um regime econômico centralizado controlado pelo Estado (...) propõe alternativas baseadas em iniciativas coletivas, geralmente plasmadas em empresas e organizações econômicas populares de propriedade e gestão solidárias.

5. Por fim, em concordância com a sua crítica ao paternalismo Estatal, o desenvolvimento alternativo favorece estratégias econômicas autônomas.

Penso que a abordagem dos meios de vida, especialmente a partir da visão mais ampla e holística como a aqui utilizada, possui um interessante potencial no sentido de contribuir para a formulação de ações que sejam mais condizentes com essa perspectiva do desenvolvimento alternativo, principalmente por procurar contemplar, efetivamente, a visão de mundo daqueles com os quais trabalha (como no caso dos atingidos aqui estudados). Como afirma Hebinck:

In contrast to programmes ... that are largely based on experts prescriptions about what rural people should be doing, a policy based on a livelihood perspective would begin with by focusing on the skills and resources that rural people possess... (2007:9).

Se tomarmos como referencia o caso específico de Pedra Negra, por exemplo, além dos aspectos sociais básicos dos quais todos temos direito, como acesso à saúde e à educação, apontados como os principais pontos positivos trazidos pela UHE Funil, poderiam ser pensados também ações que desenvolvessem ao máximo o potencial daquelas famílias naquele lugar, sem obriga-las a abrir mão dos seus meios de vida tradicionais como da forma violenta com que aconteceu a partir da construção da usina. Apenas a título de exemplo, se focássemos nas habilidades e recursos presentes entre os atingidos de Pedra Negra para pensarmos um modelo alternativo de desenvolvimento para o lugar, poderíamos explorar, entre várias outras questões, o aspecto artístico daquelas famílias que, como vimos, era bastante presente entre os atingidos. Como

comentou a Alcione, que trabalha no CEDETE – Centro para o Desenvolvimento do potencial e talento – em Lavras:

Então, mudança, assim, o pessoal lá era forte católico, aqui já uns 30% já viraram evangélico, inclusive João, que era assim o maior agente cultural lá da Pedra Negra antiga, era o João. É um cara que você vê que... João é um cara simples né, sem uma cultura erudita, tem até a ignorância da própria criação, mas é um cara assim, de um talento, de uma capacidade!... eu que trabalho com isso... O cara é inteligente mesmo sabe? É aqueles caras... Eu trabalho com essa questão de educação e talento, então você vê que é aquele cara que... ele, o Alessandro[pescador da comunidade do Funil]... você vê que é aqueles caras né, que se eles fossem novos, hoje eles iam pro CEDETE Sabe? Aqueles caras que se tivessem tido oportunidade quando mais jovem de estudar ou de... ia realizar muita coisa. Têm um potencial grande. (entrevista Alcione, agosto de 2012)

Alcione também trabalhou em experiências com teatro e ela ficou encantada com a riqueza do folclore e do potencial artístico presente entre os atingidos pela UHE Funil. Como mostramos no terceiro capítulo, o João era o “rabixo das brincadeiras” em Pedra Negra, fantasiando-se de Bin Laden, de Boi de caveira, construindo bonecos, fazendo teatros; atividades valorizadas e compartilhadas entre os moradores do lugar. Nesse sentido, por que não desenvolver este aspecto mágico, lúdico, valorizando, por exemplo, o teatro, não só como entretenimento, mas também como forma de educação - no sentido mais amplo que a palavra possa carregar - que se aproxime e que valorize a forma com que os atingidos enxergam o mundo. Como vimos, este pensamento mágico permeia inclusive as concepções de doença e cura dos atingidos e, nesse sentido, ao ser valorizado, poderia se constituir em uma ferramenta útil para o desenvolvimento de práticas de cura para os diversos tipos de doenças percebidas.

Como analisado no quarto capítulo, apesar da melhora em relação ao acesso aos serviços de saúde, muitos dos atingidos tiveram a percepção de que, a partir da transferência do local de moradia, aumentaram o número de doenças e o consumo de remédios industrializados. Mas a melhora em relação ao acesso aos serviços de saúde não significa uma melhora na saúde propriamente dita. Se observássemos a quantidade de farmácias que existem a nossa volta, às vezes em uma esquina encontramos três, quatro, veríamos que isso é reflexo de algo que está doentio e que precisa mudar. Com isso não quero dizer que somos contra remédios e médicos, mas que paralelamente a essa medicina, deve haver espaço para o desenvolvimento de outras medicinas.

Aliviar sintomas não significa curar doenças. Não podemos depender de farmácias, postos de saúde e remédios (que muitas vezes custam caro - dependência do dinheiro) para termos uma boa saúde, pois, tornando-se pacientes (que como o próprio

nome expressa, são passivos) e recebendo de outros a solução para nossos males, acabamos nos tornando dependentes também de uma rede extremamente complexa que envolve grandes indústrias, como as farmacêuticas, e grandes laboratórios estrangeiros. Como demonstra diversos estudos atuais, a mudança no estilo de vida é o que dá os melhores resultados em termos de restaurar a saúde, e não é com remédios que se vai resolver um estilo de vida doentio como o que se estabeleceu entre as famílias de Pedra Negra a partir da transferência do lugar de moradia. Ao perderem o acesso aos recursos naturais disponíveis, ao deixarem de produzir um alimento de qualidade para seu próprio consumo, ao perderam “aquela união bonita que se tinha” e que afetou a sociabilidade dos moradores, entre vários outros aspectos aqui discutidos, não é de se espantar a constante reclamação, entre os atingidos, em torno das doenças percebidas, principalmente aquelas “doenças da alma”, como a solidão e a depressão.

Não se pretende aqui reivindicar um “protecionismo simplista” de populações fragilizadas que não sabem reagir aos desafios perante os quais são obrigadas a enfrentar, pois, como vimos essas populações não são apenas vítimas deste processo e protagonizam formas interessantes de resistência como pudemos ver em relação ao fogão à lenha, à festa de Congada e à construção da rádio comunitária da cidade de Ijaci, expressões que não representam apenas um apego sem sentido ao passado, mas demonstram a luta dessas famílias para, a partir do novo, reinventar o passado e terem o máximo de autonomia possível sobre os processos que construirão seu futuro. A questão não é proteger as diferentes culturas do contato com o Capital e com os processos da modernidade, congelando-as no tempo. Nenhuma cultura é inerte, estática; nenhum lugar é fixo; os meios de vida de qualquer indivíduo sempre estiveram e sempre estarão sujeitos a mudanças.

O que se coloca em questão aqui é o direito das populações locais de dizerem para onde devem caminhar essas mudanças. A luta de populações tradicionais pelo direito ao acesso e controle sobre seu território não pode ser visto como algo que estaria na “contramão da história”. Como afirmam Zhouri e Oliveira (2010), essa resistência, centrada nos lugares, demonstra que esses grupos empreendem em suas lutas o esforço para deixarem a condição passiva que os transforma em objetos dos movimentos de outrem (do capital). Não é uma luta pela fixidez dos lugares, mas sim pelo poder de definir a direção da sua mudança. Segundo as autoras:

A defesa do lugar, do enraizamento e da memória destaca a procura por autodeterminação, a fuga da sujeição aos movimentos hegemônicos do

capital e a reapropriação da capacidade de definir seu próprio destino. (ZHOURI e OLIVEIRA, 2010: 445)

No entanto, mesmo que se opte pela construção de uma UHE (ou qualquer outro projeto desenvolvimentista deste tipo) em detrimento das diversas outras formas de apropriação possível daquele lugar (ribeirinho), as ações que visam mitigar e compensar os efeitos de tal escolha poderiam ser pensadas de uma forma em que realmente se contemplasse a visão de mundo dos atingidos, desenvolvendo, de forma conjunta, aquilo que eles desejam desenvolver, afinal de contas, não é oferecendo cursos de empreendedorismo para pessoas como a tia Nêga que se vai chegar a algum resultado significativo.

Sabemos das dificuldades de se construir programas de mitigação/compensação em condições de profunda desestruturação dos meios de vida da população local atingida, no entanto, se reavaliarmos a forma com que são implementados este tipo de empreendimentos poderíamos chegar a resultados mais significativos. O Projeto de Avaliação de Equidade Ambiental, uma parceria entre a FASE e o Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza (ETTERN) do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ), apresenta-se como um interessante instrumento para a democratização dos procedimentos de avaliação de impacto de projetos de desenvolvimento no Brasil, principalmente por fornecer as bases para a elaboração de uma proposta alternativa de avaliação ambiental uma vez que, como já discutimos, a função dos EIA/RIMA tem sido meramente burocrática e figurativa (FASE, 2011)⁷⁰.

Por fim, penso que esta dissertação contribuiu de alguma forma para reforçar a relevância de uma interpretação mais holística dos meios de vida, conceito este que vem sendo cada vez mais utilizado não só para a interpretação do desenvolvimento, como servindo também para subsidiar a implementação de ações que visam “sanar” as chamadas “externalidades” deste desenvolvimento. Mas mais que isso, penso que a abordagem dos meios de vida pode contribuir para o questionamento do próprio sentido deste desenvolvimento, pois, ao focar o seu olhar nas estratégias assumidas pelos próprios atingidos, possibilita outros atores externos como o Estado (por meio de políticas públicas), a academia, Ongs e até mesmo os próprios movimentos sociais, a atuarem de forma consoante a essas estratégias, construindo, assim, outros modelos de desenvolvimento mais participativo e de “baixo para cima”.

⁷⁰ Tendo como referência teórica a denominada “Justiça Ambiental”, e a partir do estudo de caso de 5 processos distintos, os autores destrincham os principais problemas encontrados na forma tradicional de avaliação ambiental e propõem importantes medidas alternativas a esses procedimentos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 10 edição. Editora Cortez, Campinas, 2005.

CARNEIRO, E. J. A oligarquização da “política ambiental” mineira. In: Zhouri, Andréa, Laschefski, Klemens e Pereira, Doralice (orgs). *A Insustentável leveza da Política Ambiental. Desenvolvimento e Conflitos Socioambientais*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.p.65 – 88.

CARVALHO, N. F. Do Dourado à Tilápia: Compensação ou imposição? Mudanças no modo de vida dos pescadores atingidos pela UHE Funil. Monografia. (Bacharelado em Ciências Sociais), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010, 80 fl.

CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso futuro comun*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1991.

CONSÓRCIO AHE FUNIL. Apresentação. Disponível em: <<http://www.ahefunil.com.br/home/a-usina>>. Acesso em: 04/01/2013

CONSSÓRCIO AHE FUNIL. Eventos e Projetos – Horta Comunitária na UHE Funil – Disponível em: <<http://www.ahefunil.com.br/home/educacao-ambiental/eventos-e-projetos>>. Acesso em: 19/03/2013.

CONSÓRCIO AHE FUNIL. Institucional – Histórico. Disponível em: <<http://www.ahefunil.com.br/home/institucional/historico.htm>>. Acesso em: 09/08/2010

CONSÓRCIO AHE FUNIL. Projeto de Reativação Econômica – A solução pela coletividade. Disponível em: <<http://www.ahefunil.com.br/home/meio-ambiente/economia>>. Acesso em: 31/01/2013.

CONSÓRCIO AHE FUNIL. Projetos – Programa de Reativação Econômica – Agricultura - Disponível em: <http://www.ahefunil.com.br/home/meio_ambiente/projetos_reativ_economica_agricultura.m>. Acesso em: 09/08/2010

CONSÓRCIO AHE FUNIL. Relocação - Disponível em: <www.ahefunil.com.br/home/meio-ambiente/relocacao>. Acesso em: 17/04/2012.

DUARTE, V. B. et al. A Reinvenção da Serra: reorganização de valores, saberes e conflitos originados da transformação de espacialidades em uma favela de Belo Horizonte. VIII Reunião de Antropología del Mercosur, Buenos Aires, 2009.

ECODINÂMICA CONSULTORES ASSOCIADOS Ltda. Relatório de Avaliação de Desempenho Ambiental (RADA) do reservatório da UHE Funil - Consórcio AHE Funil. Belo Horizonte, 2006.

ELLIS, F. Rural Livelihoods and Diversity in Developing Countries. Oxford: Oxford University Press, 2000.

FASE – ETTERN. Relatório-Síntese do Projeto Avaliação de Equidade Ambiental como instrumento de democratização dos procedimentos de avaliação de impacto de projetos de desenvolvimento. Rio de Janeiro, 2011.

FEAM – LI - Consórcio AHE Funil. 00122//1992/002/1999

FEAM – LO – Consórcio AHE Funil – 00122/1992/003/2002 (Anexos 15, 16, 17)

FEAM – Parecer técnico DIENI n. 078/2002

FELDMAN- BIANCO (org). Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Método, São Paulo: Global, 1987.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Saúde na Rio + 20: Desenvolvimento Sustentável, Ambiente e Saúde. Rio de Janeiro, 2012.

GEERTZ, C. O Saber Local: fatos e leis em uma perspectiva comparativa. In: _____. *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 249-356.

GOMES, R.; MENDONÇA, E. A. A representação e a experiência da doença: princípios para a pesquisa qualitativa em saúde. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. (Orgs.). *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2002.

GOMES, R. Análise e Interpretação de Dados de Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org). *Pesquisa Social – teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 79-108.

HENBICK, P. et al. *Livelihoods and Landscapes: The people of Guquka and Koloni and thier Resources*. (org.) Hebinck, Paul and Lent, C. Peter. Leinden. Brill, Leidein, Boston, 2007.

INTERTECHNE CONSULTORES ASSOCIADOS E LEME ENGENHARIA. Usina Hidrelétrica Funil, rio Grande, Minas Gerais: Estudos de Impacto Ambiental. – Volume IV – Diagnóstico meio sócio-econômico. Parte1/3. Belo Horizonte, 1992.

JACKSON, L. C. Divergências teóricas, divergências políticas: a crítica da USP aos “estudos de comunidades” .Caderno de Campo n. 18 – janeiro-dezembro de 2009. PPGAS/USP. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/45448>.>. Acessado em: 21/04/13.

LAPLANTINE, F. *Antropologia da Doença*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEFF, E. *Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

LIMA, R. K. *Ensaio de Antropologia e de Direito: Acesso à Justiça e Processos Institucionais de Administração de Conflitos e Produção da Verdade Jurídica em uma Perspectiva Comparada*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008. 289p.

- LITTLE, P. Introdução. In: _____ (Org.). *Políticas Ambientais no Brasil: Análises, instrumentos e experiências*. São Paulo: Ed. Peirópolis; Brasília: IIEB, 2003, p.13-21.
- LOPES, A. Diagnóstico sócio-artístico cultural de Pedra Negra. Não Publicado. 2011.
- MINAYO, M.C.S. Saúde-doença: uma concepção popular da etiologia. *Cadernos de Saúde Pública*. Rj. V.4: 363-381, 1988.
- MONTERO, P. Da doença à desordem: a magia na umbanda. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- MOTA, Flávia - consultoria. Relatório Consolidado do Programa de Reativação Econômica e apoio ao produtor rural. Consórcio AHE Funil, 2011.
- NAVRARRO, Z.; PEDROSO, M. T. M. Agricultura familiar: um passo à frente, dois atrás. É preciso mudar para avançar. 2011. (no prelo)
- PEREIRA, J. De Camponeses a Membros do MST: Os novos produtores rurais e sua organização social. Brasília: Unb. (Tese de Doutorado), 2000.
- RABELO, M.C. Religião, ritual e cura. In: ALVES, P.C.; MINAYO, M.C.S. (org). *Saúde e Doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.
- REDFIELD, R. O mundo primitivo e suas transformações. Rio de Janeiro, 1964.
- RIBEIRO, M. Q. C. Licenciamento Ambiental de Aproveitamentos Hidrelétricos: A trajetória do Conflito. In: ROTHMAN, Franklin Daniel. (Org). *Vidas Alagadas: conflitos socioambientais, licenciamento e barragens*. Viçosa, MG: Ed.UFV,2008. p.171-218.
- RIBEIRO, M. Q. C. O Licenciamento Ambiental de Aproveitamentos Hidroelétricos: o espaço da adequação. 2008. 268 p. Dissertação. Mestrado em Geografia. Instituto de Geociências. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2008.
- ROTHMAN, F. D. (ed). *Vidas Alagadas: conflitos socioambientais, licenciamento e barragens*. Viçosa, MG: Ed.UFV,2008.
- SANTOS, A. D. et al. O Programa “Avança Brasil” e o Plano Plurianual 2000-2003: para onde vai o desenvolvimento sustentável? In: LITTLE, Paul (Org). *Políticas Ambientais no Brasil: Análises, instrumentos e experiências*. São Paulo: Ed. Peirópolis; Brasília: IIEB, 2003. p.13-21.
- SANTOS, B. S. (org). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SANTOS, S. C. Hidrelétricas e suas consequências socioambientais. In: VERDUM, Ricardo (Org). *Integração, Usinas Hidrelétricas e Impactos Socioambientais*. Brasília: INESC, 2007. p.41-56.

SETE SOLUÇÕES E TECNOLOGIA AMBIENTAL. Plano de Controle Ambiental – PCA da UHE Funil. Relatório Técnico, Consórcio AHE Funil. Belo Horizonte. 1999.

VAN VELSEN, J. A Análise Situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: Feldman-Bianco (org). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Método*, São Paulo: Global, 1987.

VERDUM, R. Obras de infra-estrutura no contexto da integração sul-americana. In: _____ (Org.). *Integração, Usinas Hidrelétricas e Impactos Socioambientais*. Brasília: INESC, 2007. p.13-40.

VIANA, R.M. Grandes Barragens, Impactos e Reparações: um estudo de caso sobre a barragem de Itá. 2003. 191f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

WOLF, E. Aspectos das relações de grupos em uma sociedade complexa: México. In: FELDMAN-BIANCO, B. e RIBEIRO, G. L. (orgs). *Antropologia e Poder*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Unicamp, 2003.

WOORTMANN, E. F. Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo-Brasília: HUCITEC/Editora Universidade de Brasília, 1995.

ZHOURI, A. et al. (Org). *A insustentável leveza da política ambiental. Desenvolvimento e conflitos socioambientais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

ZHOURI, A. Justiça Ambiental, Diversidade Cultural e Accountability: Desafios para a governança ambiental. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 23, No. 68. Outubro de 2008.

ZHOURI, A.; OLIVEIRA, R. Quando o Lugar resiste ao espaço: Colonialidade, modernidade e processos de territorialização. In: ZHOURI, A.; LASCHEFSKI, K. *Desenvolvimento e conflitos ambientais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 439 – 462.

ZHOURI, A. (org). *As tensões do Lugar: hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental*. 1. Ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.